

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E MUSEOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA**

**THÁCIO FERREIRA DOS SANTOS**

**AS DIMENSÕES IMAGINARIAS DA ASTROLOGIA**

**Recife**

**2012**

**THÁCIO FERREIRA DOS SANTOS**

**AS DIMENSÕES IMAGINARIAS DA ASTROLOGIA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia e Museologia da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Antropologia

**Recife**

**2012**

Catálogo na fonte  
Bibliotecária Divonete Tenório Ferraz Gominho, CRB4 -985.

S237d Santos, Thácio Ferreira dos.  
As dimensões imaginárias da astrologia / Thácio Ferreira dos Santos. -  
Recife: O autor, 2012.  
142 f., il. ; 30 cm.

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Danielle Perin Rocha Pitta  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco,  
CFCH. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, 2012.  
Inclui bibliografia e anexos.

1. Antropologia. 2. Astrologia. 3. Imaginario. 4. Durand, Gilbert – Mitocrítica.  
I. Pitta, Danielle Perin Rocha.(Orientador). II. Título.

301 CDD (22.ed.)

UFPE (CFCH2013-21)

**THÁCIO FERREIRA DOS SANTOS**

**AS DIMENSÕES IMAGINARIAS DA ASTROLOGIA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia e Museologia da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Antropologia.

Aprovada em: \_\_/\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Danielle Perin Rocha Pitta (Orientadora-UFPE)

---

Prof. Dr. Renato Monteiro Athias (Examinador Titular Interno-PPGA/UFPE)

---

Profa. Dra. Rosalira Oliveira Santos (Examinadora Titular Externa-FUNDAJ).

Aos meus generosos pais, Evani e Mônica,  
e à minha amorosa esposa Conceição,

Dedico.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao cosmo por ter me inspirado nessa difícil tarefa que é tentar compreender uma parcela da complexa condição humana.

De maneira especial, gostaria de agradecer à minha esposa Conceição, pelo amor, incentivo e pelas inúmeras vezes que dedicou seu tempo à leitura atenta do meu trabalho.

À Professora Dr<sup>a</sup> Danielle Pitta, por ter sido minha mestra, e por ter me iniciado nos caminhos e ritmos do Imaginário. Pela paciência e destreza na orientação do trabalho. Por ter me possibilitado ser uma pessoa de horizonte poético mais amplo.

À Professora Dr<sup>a</sup> Aparecida Nogueira, pelo privilégio de assistir às suas aulas. Pelo amor e dedicação com que faz seu trabalho, tornando-o um ato de fé. Por ter me estimulado a continuar a investigação.

À pesquisadora Dr<sup>a</sup> Rosalira de Oliveira pela leitura atenta do material.

Ao professor Dr. Renato Athias, pelas valiosas sugestões e acréscimos ao trabalho.

Ao programa de Pós-graduação em Antropologia (PPGA), por ter me possibilitado a oportunidade de construir conhecimentos preciosos, que carregarei para toda a vida.

Ao Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre o Imaginário, em especial a Dulce, Mario, Tania e Ignez, amigos fraternos. De maneira especial, sou grato à Solange, grande amiga e parceira de estudos, pela orientação nas leituras.

Aos colegas de turma e de maneira especial a Luciano, Virgínea, Eduardo, Abel, Marjones e Lilian. Pela oportunidade de estabelecer intensas trocas de afetos e de ideias.

Sou grato à secretária Carla da pós-graduação em antropologia, pela paciência e atenção.

Sinto-me grato, à minha querida amiga Neuza Lima, pelo apoio e cumplicidade nos momentos de dúvidas e questionamentos.

Sou grato a Eliane, pelo apoio na fase final da dissertação.

Sou grato à academia Castor & Polux, pela oportunidade de estabelecer valiosas trocas de conhecimentos.

Sinto-me profundamente grato a astróloga Ângela, pelo incentivo e pelas indicações bibliográficas.

Ao grupo de estudo sobre a obra de Carl Gustav Jung, pelas contribuições, e pelas sugestões de leituras.

À CAPES por ter fornecido os meios necessários para a realização da pesquisa.

*Renda-se, como eu me rendi. Mergulhe no que você não  
conhece como eu mergulhei. Não se preocupe em  
entender, viver ultrapassa qualquer entendimento.*  
(Clarice Lispector)

## ASTROLOGIA

*Minha estrela não é a de Belém:  
A que, parada, aguarda o peregrino.  
Sem importar-se com qualquer destino.  
A minha estrela vai seguindo além...  
— Meu Deus, o que é que esse menino tem?  
— Já suspeitavam desde eu pequenino. O que eu tenho?  
É uma estrela em desatino... E nos desentendemos muito bem!  
E quando tudo parecia a esmo e nesses descaminhos me perdia.  
Encontrei muitas vezes a mim mesmo...  
Eu temo é uma traição do instinto que me liberte, por acaso,  
um dia deste velho e encantado Labirinto. (Mario Quintana)*

## RESUMO

Estudiosos de diversas áreas tem destacado o 'retorno', ou 're-valorização' da astrologia no Ocidente. O fenômeno da difusão astrológica também não passou despercebido pelos antropólogos brasileiros. A astrologia, enquanto vivência cotidiana, se difunde cada vez mais, em diferentes dimensões da cultura Brasileira. Considerando tal emergência, queremos com esta investigação nos debruçar sobre o tema. Esta dissertação visa a análise das dimensões simbólicas da astrologia manifestas nas relações interpessoais e na organização da vida cotidiana de indivíduos residentes no Recife. A construção desta investigação partiu de observações iniciadas em 2010, em colaboração com os pesquisadores do Núcleo interdisciplinar de pesquisas sobre Imaginário e da Pós-Graduação em antropologia da UFPE. Nossa pesquisa baseou-se em entrevistas semiestruturadas, assim como observações realizadas em cursos e palestras sobre a astrologia, além e conversas informais. No período de 2010 a 2011 foram realizadas entrevistas, com cinco astrólogos e dez estudantes e interessados em astrologia. Para a análise desse material utilizamos a metodologia formulada pelo antropólogo francês Gilbert Durand: a mitocrítica. Este método de crítica literária, de crítica do discurso, torna possível a compreensão do caráter mítico inerente à significação de todo e qualquer relato. Baseado em autores como Jung, Bachelard, Mircea Eliade, Gilbert Durand, Maffesoli, além do Dicionário de Símbolos de Chevalier e Gheerbrant, nos propomos a interpretar símbolos e mitemas levantados, pondo a descoberto seus significados e suas relações com a cultura. Acreditamos que o presente estudo não só tenha revelado o universo simbólico da vivência da astrologia no Recife, como também contribuído para uma maior compreensão da temática no contexto brasileiro.

**PALAVRAS CHAVE: Astrologia, cotidiano, mitocrítica, imaginário.**

## **ABSTRACT**

Experts from different areas have highlighted the “return”, or “re-valorization” of astrology in the West. The diffusion of astrological phenomenon also did not go unnoticed by Brazilian anthropologists. The astrology, as a quotidian experience of life, diffuses more and more in various aspects of Brazilian culture. Given such an emergency, with this research, we want to lean over on the theme. This dissertation aims to analyze the symbolic dimensions of astrology expressed in interpersonal relations and in organization of everyday life of individuals that living in Recife. The investigation was constructed from observations started in 2010 with the collaboration of researchers, members from Interdisciplinary Nucleus about Imaginary Research and from Anthropology Post-Graduate Program of UFPE. Our research was based on semi structured interviews, as well as observations of courses and lectures about astrology, and informal conversations. In the 2010-2011 period, interviews were conducted with five astrologers and ten students interested in astrology. In order to analyze this material was used the methodology formulated by the French anthropologist Gilbert Durand: the myth criticism. This method of literary criticism, criticism of the speech, makes it possible to understand the mythical character inherent in the meaning of any report. Based on authors such as Jung, Bachelard, Mircea Eliade, Gilbert Durand, Maffesoli, and the Dictionary of Symbols by Chevalier and Gheerbrant, we propose to interpret symbols and mythemes raised, revealing their meanings and their relationship with culture. We believe that this study has revealed not only the symbolic universe of the experience of astrology in Recife, but also contributed to greater understanding of the theme in the Brazilian context.

**KEYWORDS:** astrology, quotidian, myth criticism, imaginary.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Imagem 01-</b> foto tirada em 2011 no aniversário da Academia Castor & Polux.	<b>62</b>
<b>Imagem 02-</b> Mapa do Céu da Academia Castor & Polux (26-05-1982/19h5min)	<b>64</b>
<b>Imagem 03-</b> Exposição <i>Lux Fruto</i> , em papel a seco e Banners em tecido.	<b>79</b>
<b>Imagem 04-</b> Exposição <i>Lux Fruto</i> , Foto do artista e astrólogo Paulo Brito.	<b>79</b>
<b>Imagem 05-</b> Exposição <i>Lux Fruto</i> , Foto do artista e astrólogo Paulo Brito.	<b>80</b>
<b>Imagem 06-</b> Mapa do céu da revista Porto do céu	<b>86</b>
<b>Imagem 07-</b> Uma grávida que alimenta seu filho através do cordão umbilical, acredita-se que o <i>Axis Mundi</i> conecta o Céu, a Terra e as regiões inferiores.	<b>100</b>
<b>Imagem 08-</b> Stellium, evento realizado pela Academia Castor e Polux em 2012.	<b>105</b>
<b>Imagem 09-</b> - De origem francesa -imagem remete as aspirações ascensionais.	<b>117</b>
<b>Imagem 10-</b> Roda zodiacal	<b>120</b>
<b>Imagem 11-</b> astrólogos enlaçados: ligação entre as dimensões macrocosmica e microcosmica	<b>124</b>

## SUMÁRIO

	<b>AGRADECIMENTOS</b>	
	<b>EPÍGRAFE</b>	
	<b>RESUMO</b>	
	<b>ABSTRACT</b>	
	<b>LISTA DE ILUSTRAÇÕES</b>	
<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>14</b>
<b>2.</b>	<b>CAPÍTULO I</b>	<b>19</b>
<b>2.1</b>	<b>O Interesse Sócio-Antropológico na Astrologia</b>	<b>19</b>
<b>2.2</b>	<b>Tecendo uma Discussão sobre a astrologia na tradição, Modernidade/Pós-Modernidade</b>	<b>22</b>
<b>2.3</b>	<b>O Retorno do Mito no Pensamento Ocidental: O Caso da Astrologia</b>	<b>36</b>
<b>2.4</b>	<b>Politeísmo na Astrologia: uma questão emergente</b>	<b>44</b>
<b>2.5</b>	<b>Mudança de Paradigmas na ciência ou o reencantamento do mundo?</b>	<b>49</b>
<b>3</b>	<b>CAPÍTULO II</b>	<b>54</b>
<b>3.1</b>	<b>Mitocrítica do Discurso Astrológico no Recife</b>	<b>54</b>
<b>3.2</b>	<b>Chegando ao Contexto da Astrologia no Recife</b>	<b>56</b>
<b>3.3</b>	<b>Os primeiros encontros</b>	<b>65</b>

<b>3.4</b>	<b>Temas Fundamentais:</b>	<b>70</b>
<b>3.5</b>	<b>Primeiro Tema: O Autoconhecimento:</b>	<b>72</b>
<b>3.6</b>	<b>Segundo Tema: O Nascimento</b>	<b>90</b>
<b>3.7</b>	<b>Terceiro Tema: A relação com o Outro:</b>	<b>102</b>
<b>4</b>	<b>CAPÍTULO III</b>	<b>110</b>
<b>4.1</b>	<b>Análise das constelações de imagens</b>	<b>110</b>
<b>4.2</b>	<b>Mitema: Herói contra as potências noturnas</b>	<b>111</b>
<b>4.3</b>	<b>Mitema: Harmonização</b>	<b>118</b>
<b>4.4</b>	<b>Mitema: Laço</b>	<b>123</b>
<b>4.5</b>	<b>Mitema: Empatia</b>	<b>125</b>
<b>4.6</b>	<b>Uma primeira avaliação:</b>	<b>126</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>127</b>
<b>6</b>	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS</b>	<b>131</b>
<b>7</b>	<b>ANEXOS</b>	<b>138</b>

## INTRODUÇÃO

*Quem acha sem procurar é quem longamente buscou sem encontrar.*  
Gaston Bachelard

Esta investigação partiu de observações iniciadas em 2010, em colaboração com os pesquisadores do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Imaginário, pertencente ao programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPE. Na época, junto com um levantamento bibliográfico sobre a realidade da astrologia no Recife, foram feitas as primeiras anotações sobre o campo de pesquisa.

Os contatos e entrevistas iniciais permitiram uma aproximação com o contexto pesquisado. Durante as primeiras conversas com os interessados em astrologia uma frase se destacou: *“a astrologia é para mim um conhecimento de si a partir de um plano superior” (Roberta)*. Esta fala, citada por uma estudiosa da astrologia, nos marcou profundamente e nos possibilitou elaborar os seguintes questionamentos: Como a astrologia se apresenta e é vivida entre os recifenses? Quais os significados que os símbolos astrológicos manifestam nas relações interpessoais e na organização da vida cotidiana?

Foi a partir dessas interrogações que decidimos ingressar cada vez mais no universo mítico e simbólico da astrologia. Passamos então a estabelecer um contato maior com os interessados em astrologia da cidade, sobretudo, quando começamos a frequentar os cursos e as palestras relacionadas à astrologia, como também, os consultórios e escolas de ensino de astrologia.

No Recife é possível encontrar diversos espaços que propagam o ensino da astrologia. Porém, a academia Castor e Polux tem destaque por ser uma das primeiras escolas dedicadas ao ensino da astrologia na cidade. A academia foi fundada na década de 1980, no bairro de Casa Forte, por apelo do público que assistia e admirava as palestras do astrólogo Eduardo Maia. Após seis anos de estudos solitários, Eduardo se firmou como um dos maiores difusores da astrologia da cidade. Desde então, a escola realiza várias atividades como: cursos, palestras e grupos de estudo. Por lá passam pessoas que se debruçam sobre o vasto repertório da astrologia, que inclui estudos da mitologia, simbolismo, história das religiões, arte, e filosofia. Além disso, a demanda por consultas faz da academia um espaço intensamente procurado. A astrologia praticada nesse contexto liga-se a doutrinas

tradicionais do Ocidente.<sup>1</sup> Significa dizer que a astrologia aqui é encarada antes como uma arte, ou uma “ciência” que assinala tendências e que visa à harmonia do homem com cosmos.

Astrologia tradicional diz respeito a uma ligação com modelos de doutrinas religiosas e filosóficas antigas. Segundo Durand (2008) a sistematização da astrologia tradicional obedece a uma meticulosa simpatia entre macrocosmos e microcosmos, onde o homem está intimamente ligado com o Universo. Considerando a valorização da astrologia tradicional no contexto estudado nos perguntarmos: o que significa este fascínio por valores tradicionais? E mais especificamente, o que significa esta revalorização da natureza, das dimensões míticas e lúdicas tais como podemos evidenciar na astrologia tradicional?

No decorrer do trabalho veremos mais detalhadamente que estudiosos de diversas áreas têm destacado o ‘retorno’, ou ‘revalorização’ da astrologia não só na sociedade brasileira, mas também no Ocidente. A antropóloga Maria Costa (2005), aponta pelo menos duas vertentes teóricas responsáveis pela discussão sobre o papel da astrologia nas sociedades contemporâneas. Alguns autores entendem a difusão da astrologia sob um ponto de vista dos valores capitalistas, nesta perspectiva a astrologia é percebida como uma experiência alienante (ADORNO, 2008; MORIN, FISCHLER, DEFRANCE, PETROSSIAN, 1971). Outros autores compreendem a propagação da astrologia dentro do *corpus* de ideologias individualistas; este viés assinala a fragmentação dos valores dos grandes sistemas religiosos e filosóficos, assim como, também apontam para a crise de sentido (VILHENA, 1990; AMARAL, 2000, COSTA, 2005).

Há ainda outro entendimento sobre a questão. O fascínio exercido pela astrologia na cultura contemporânea coloca em evidencia os problemas relacionados ao destino, livre-arbítrio e ao determinismo. Para Maffesoli (2003), o que está em evidência no fenômeno da astrologia é o retorno do trágico, assim

---

<sup>1</sup> Cabe aqui especificar com qual noção de Ocidente trabalhamos. Baseamos-nos na definição de Gilbert Durand, já que o referido autor compreende o Ocidente não do ponto de vista geográfico ou histórica, mas filosófico. Significa que antes um horizonte de pensamento: “o Ocidente, isto é, a civilização que nos sustenta a partir do raciocínio socrático e seu subsequente batismo cristão, além de desejar ser considerado, e com muito orgulho, o único herdeiro de uma única Verdade, e que quase sempre desafiou as imagens”. Assim, por Ocidente pode-se entender – “uma civilização que tende a separar sua ‘mentalidade lógica’, do resto das culturas do mundo tachadas de ‘pré-lógicas’, ‘primitivas’ ou ‘arcaicas’” (DURAND, 2004, p.7-15).

como uma relação com o mundo mais contemplativa, que se pretende menos dominante e mais hedonista.

O trágico retorna com força na cultura, e a própria emergência da astrologia na contemporaneidade nos indica, segundo o sociólogo francês, que estamos diante de um período trágico na história. O trágico diz respeito à finitude humana, a uma maneira de viver em que sem pretender agir sobre o que não tem domínio, nem tão pouco procurar verdades eternas e imutáveis como forma de dar sentido ao que, no momento, não requer sentido. Para Maffesoli (2003) a dimensão trágica da vida liga-se à retomada da ideia de destino. “O destino está aí, todopoderoso, impiedoso, e, apesar da vontade do sujeito, orienta em direção ao que está escrito” (MAFFESOLI, 2003, P. 31).

Dessa forma, podemos perceber que o que está em jogo nesta perspectiva é o regresso do “destino, e a negação do próprio fundamento filosófico do Ocidente moderno, o livre-arbítrio, a decisão do indivíduo ou dos grupos sociais que agem concertadamente para fazer a História, sendo sua consequência o grande fantasma da universalidade” (MAFFESOLI, 2003, P. 31). Ainda, de acordo com o autor, a ascensão da astrologia diz respeito à prevalência do estético e do emocional na cultura. Além disso, o sociólogo nos lembra de que não há nada no campo da política, do esporte, da comunicação que não passe pela astrologia, e mais especificamente pelas consultas astrológicas.

Numa consulta com um astrólogo, há a possibilidade de surgir outra história a respeito de si mesmo. De acordo com Costa (2005), a leitura do céu permite a re-significação das experiências de vida. Significa que a leitura do mapa do céu possui determinada relevância, visto que prioriza a dimensão particular, propicia ao indivíduo o contato com lembranças traumáticas ou conflitantes, oferecendo a possibilidade de ordenamento, ou seja, permite em muitos casos dar sentido aos conflitos. “O campo fértil da astrologia moderna passou a ser a pessoa” diz Morin (1972), pois oferece um “modelo de auto-reconhecimento que permite um mergulho na psique profunda”. Apenas a partir de um discurso metafórico, que ao mesmo tempo, fala a linguagem de um saber e a linguagem subjetiva, é possível esta submersão (MORIN, 1972).

No entanto, as consultas são um dos aspectos da vivência astrológica na contemporaneidade. Há também uma oferta de serviços próprios das

áreas psicológicas tais como: de orientação vocacional, frequentemente utilizadas em contextos escolares, e de seleção pessoal, prática comum nas organizações (COSTA, 2005).

No Recife, as possibilidades de sentido que a vivência astrológica propicia, sobretudo no plano da experiência pessoal, são diversas. Também são diversos na sociedade os interessados em astrologia. Entretanto, nossas observações nos levaram a perceber que estas pessoas comungam o gosto pelo símbolo, pelo estético e pelo mito.

A partir dessas percepções nos sentimos inclinados a pensar sobre as dimensões<sup>2</sup> imaginárias da astrologia, e ao mesmo tempo, procuramos ir ao encontro de uma perspectiva sensível. Trata-se aqui de uma observação que mostra as diversas dimensões do campo de pesquisa. Nessa perspectiva, “um estudo baseado na observação sensível dos fatos (considerando as dimensões simbólicas e míticas que estão nas raízes à vivência humana) aparece como muito mais adequado para a obtenção de um conhecimento aprofundado de um objeto tão complexo quanto o ser humano” (ROCHA PITTA, 2005, p. 12).

Decidimos, como nos orienta Maffesoli (2010), penetrar pelo labirinto vivido que nada mais é que o cotidiano. Nesse labirinto, o invisível e o inaparente, revelam-se como fundamentos de toda existência social. Nesta perspectiva, devemos estar atentos às dimensões ocultas da vida diária:

E, como um eco, ouçamos o conselho de Gaston Bachelard: “não há ciência sem coisas ocultas”... Procurar o essencial no inaparente das aparências. Aquelas da vida cotidiana. Aquelas desses prazeres pequenos e pouco importantes que constituem o terreno onde cresce o estar junto (MAFFESOLI, 2010, p. 43).

---

<sup>2</sup> Aqui a palavra ‘dimensões’ pode ser entendida da seguinte forma: trata-se das dimensões socioculturais, ou seja, se refere a aspetos envolvidos no presente campo de observação, como por exemplo, o dos valores. A vivência da astrologia teria a ver com a mudança de valores. Que valores seriam esses? Valores que indicam outra maneira de se relacionar com o meio social, com a natureza, com si mesmo. Veremos no decorrer do trabalho que esta outra forma de se relacionar com os diversos aspectos da vida pretende ser menos utilitária e mais contemplativa.

Partiremos das vivências cotidianas e dos discursos apreendidos em campo. Teremos pela frente a tarefa de realizar uma mitocrítica. Esse método de crítica literária, de crítica do discurso, formulado por Gilbert Durand (1993) que possibilita centrar a análise no processo de compreensão do discurso de caráter mítico inerente à significação de todo e qualquer relato.

“A mitocrítica é um método de análise que coloca em relevo o mito diretor num autor, numa obra de uma época”, e ou mesmo em uma cultura, revelando em alguns casos significativas transformações. Portanto, esta perspectiva propicia a compreensão dos mitos que atuam por trás de uma determinada narrativa fundamentadora. Acreditamos que esse método de análise nos dará uma compreensão mais aprofundada dos fenômenos observados no campo. A Mitocrítica possibilita a contextualização da vivência astrológica em um universo maior, em um universo cotidiano. Portanto, permiti-nos compreender o significado da astrologia ao nível da construção da cultura local.

Nosso trabalho baseia-se, sobretudo, em autores como Jung, Bachelard, Mircea Eliade, Gilbert Durand, Maffesoli, além do Dicionário de Símbolos de Chevalier e Gheerbrant. Propomos-nos interpretar os símbolos e mitemas levantados, pondo a descoberto seus significados e suas relações com a cultura.

Acreditamos que o presente estudo não só possa revelar o universo simbólico da vivência da astrologia no Recife, como também contribuir para uma maior compreensão da temática no contexto brasileiro.

## **2 CAPÍTULO – I**

### **2.1 O INTERESSE SÓCIO-ANTROPOLÓGICO NA ASTROLOGIA**

*Se as pessoas cuja instrução deixa a desejar têm julgado que podem fazer troça da astrologia, considerando-a como uma pseudociência há muito liquidada, essa astrologia, remontando das profundezas da alma popular, volta hoje a apresentar-se às portas das nossas universidades, que deixou há três séculos.*

Carl Gustav Jung

A astrologia, enquanto vivência cotidiana se difunde cada vez mais, em diferentes contextos da cultura contemporânea. Os rastros desta disseminação podem ser encontrados nos jornais, nas redes virtuais, na televisão, na política, assim como no vocabulário comum. Expressões como *inferno astral*, *trânsito pesado*, por exemplo, são constantemente escutadas, embora, como nota Costa (2005), em certos casos haja desconhecimento da procedência destes termos.

A ampla procura por consultórios astrológicos observada em diversos países também diz respeito à emergência da astrologia na vida diária. No Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, o aconselhamento astrológico aparece como uma das especialidades mais buscadas por aqueles que tentam, a partir da leitura do mapa natal, re-significar experiências de vida (VILHENA, 1990; COSTA, 2005). Também o aumento no consumo de livros e revistas especializadas ratifica a percepção desta atual expansão. Contudo, deve-se considerar que a ampliação desta divulgação, que ocorre há várias décadas, deve-se em parte aos avanços dos meios de comunicação.

De acordo com Morin (1972), um processo de institucionalização se desencadeou desde que a astrologia passou a ser consumida em larga escala, ou seja, desde as primeiras publicações de horóscopos em jornais, no início do século XX. O caso dos Estados Unidos demonstra bem isto: “até a década de 60, milhões de americanos organizavam suas vidas de acordo com as previsões, e cerca de 1.200 dos 1.750 jornais diários do país publicavam horóscopos neste período, movimentando assim um mercado de milhares de dólares” (ELIADE, 1979, p.61). Esta crescente popularização do saber astrológico no Ocidente tornou-se problemática para as disciplinas acadêmicas: a difusão e a vivência da astrologia passaram então a ser temas de interesse para as Ciências Sociais.

A obra intitulada *As estrelas descem à Terra*, aparece como uma das primeiras tentativas de interpretação de cunho não exclusivamente histórico: o filósofo Theodor Adorno buscou neste estudo esclarecer fenômenos sociais a partir da leitura minuciosa da coluna de astrologia do *Los Angeles Times* escrita por Carroll

Righter, no período de novembro de 1952 até fevereiro de 1953. Seu propósito foi explicar o fenômeno da suscetibilidade astrológica, ou seja, a dependência psicológica e social da leitura da referida coluna.

Algumas investigações, no entanto, assinalam a forte atração que a astrologia parece exercer sobre a juventude, sobretudo em contextos urbanos (MORIN, FISCHLER, DEFRANCE, PETROSSIAN, 1972). Edgard Morin (1972) interpreta a atração exercida pela astrologia sobre os jovens contemporâneos como originária da crise cultural da sociedade burguesa.

A ideia de que a importância atual da astrologia estaria ligada a uma espécie de crise da cultura está presente em pesquisas mais recentes, como as de Vilhena (1990), e de Costa (2005). Por esse viés, é possível supor que a crise das religiões institucionalizadas e/ou o enfraquecimento dos grandes sistemas totalizadores de sentido abriram espaço para a revitalização nas sociedades modernas, das artes divinatórias em geral, e da astrologia em particular (COSTA, 2005).

Por outro lado, trabalhos de alguns sociólogos consideraram a astrologia enquanto um fenômeno cotidiano da sociedade que “estabelece uma correspondência entre o global e o individual, dando assim lugar ao nascimento de uma organicidade que envolve o indivíduo e seu entorno” (Maffesoli, 2003; Teissier, 2001).

Já Gilbert Durand (1995) ressalta que a recorrência contemporânea da astrologia diz respeito à esperança do retorno aos limites plurais, ao “Olimpo”, horizonte espiritual que não se separa das raízes culturais gregas, latinas, indo-européias, e conduz através de um “mesocosmos”<sup>3</sup> os deuses e o céu às casas dos humanos. Para o autor, o regresso do mito nas sociedades Ocidentais põe em

---

<sup>3</sup> Gilbert Durand diz: “um mesocosmo sincrônico - essa parece ser a linguagem do astrólogo”. Daí, podemos compreender que o mesocosmos é antes de mais nada, uma linguagem simbólica de sentido duplo que opera a partir da similitude: este princípio tem a função de distribuir símbolos, figuras, entre microcosmo e macrocosmo. Exemplos: trigramas, cartas de jogar, digramas astrológicos. “Trata-se de formula de relacionamento entre o microcosmo humano e o macrocosmo celeste de modo reversível, sincrônico e acausal” (DURAND, 1995, 212).

evidência o ressurgimento de problemáticas relacionadas às visões de homem e mundo.

Tomada por um ponto de vista da 'crise cultural', ou mesmo uma inovação criadora; abordada em termos de expansão massificada, ou propiciadora de novas sociabilidades, a vivência da astrologia na contemporaneidade, assim como das doutrinas esotéricas, passa a ser um campo complexo para os estudos sócio-antropológicos.

Parece-me então necessário apresentar mais detalhadamente algumas das contribuições citadas, já que os escritos que tratam dos fenômenos da disseminação, prática e simbolismo da astrologia além de não serem recentes, se apóiam em diferentes linhas de interpretação. Pretendo mostrar, nesta etapa inicial do trabalho, estes variados caminhos percorridos por autores empenhados em discutir e compreender a astrologia em meio à dinâmica cultural contemporânea. O intuito, por um lado, é destacar as evidentes divergências teóricas presentes nesta complexa teia discursiva, por outro, apontar a recorrência das noções de 'retorno', ou 're-valorização' desta sabedoria de origem antigüíssima.

## **2.2 Tecendo uma Discussão sobre a astrologia na tradição, Modernidade/Pós-Modernidade**

Os debates atrelados à astrologia envolvem, fundamentalmente, questões relacionadas à tradição, modernidade/pós-modernidade. Utilizando a metáfora forjada por Edgar Morin, proponho 'tecer' os fios desta discussão, não somente a partir da religação dos saberes envolvidos, mas ressaltando as contradições que enredam o discurso acadêmico.

Já mencionei a inflação de imagens relacionadas à astrologia ocorrida nas últimas décadas. Contudo, este acréscimo vem acompanhado da reabilitação das antigas tradições, dentre elas a alquimia, a vidência, as magias, as simpatias, a prática mediúnica e uma infinidade de terapias alternativas que videnciam? no Ocidente a 'saturação'<sup>4</sup> das visões do mundo baseadas na ideologia

---

<sup>4</sup> De acordo com Maffesoli (2010), a 'saturação' é um processo de mudança que se opera na cultura. "Os sociólogos irão falar de um processo de saturação, os historiadores de inversão quiasmática, os psicólogos de compensação. Trata-se de uma inversão de polaridade, causa e efeito de uma profunda mutação societal ou antropológica" (MAFFESOLI, 2010, p.

do progressismo moderno (DURAND, 2004). Enquanto na modernidade imperaram as posturas racionalistas, positivistas, cujos pressupostos se baseavam, especialmente, nos princípios aristotélicos de unidade, identidade e não-contradição, demonstradas criteriosamente no trabalho de Durand (2004), na contemporaneidade florescem, sob diversas formas, doutrinas tradicionais fundadas sobre o mistério, o sensível, o secreto e nas grandes sabedorias esquecidas.

A ‘Nova Era’, como comumente se denominou o período onde emergiram doutrinas espiritualistas, possibilitou a oportunidade de o homem Ocidental rever seu comportamento frente ao próximo e à natureza, e do mesmo modo, permitiu o questionamento das regras e fundamentos que formam a base da sociedade capitalista. “O movimento da Nova Era teve, portanto, como pedra angular, a reivindicação de uma mudança de valores essenciais para transformar a ordem mecanicista até então vigente (MATSUMIYA, 2005)”.

Para Amaral (2000) a Nova Era está associada à cura dos males a partir de uma transformação radical dos paradigmas que sustentam a *episteme* moderna; ideia que atravessa as diferentes variantes do discurso esotérico-espiritualista. “Este movimento, que ganhou força a partir da década de 1960, divulgou a possibilidade de estabelecer uma convivência integrada e harmônica entre natureza, homem, espiritualidade e ciência” (MATSUMIYA, 2005).

Vale lembrar que a visão mecanicista do Universo, amplamente difundida por Kepler, Galileu e Copérnico, postulava a favor de uma matematização e organização da natureza. Significa dizer que suas teorias serviram de base para a formação da cosmologia newtoniano-cartesiana no século XVIII, cujos princípios de inércia, força, reação e gravidade poderiam ser sistematicamente analisados a partir de cálculos. Além disso, “estabeleceram-se as ideias de que nem a Terra, nem o Sol, eram o centro do Universo, passando então a um só conjunto de leis a regerem o reino celeste e o terrestre que, assim, já não eram fundamentos distintos” (TARNAS, 1999, p. 293).

---

60). Com relação à cultura contemporânea, poderíamos citar, baseados na referida definição, o exemplo de países como o Brasil, com sua cultura específica, aonde um pensamento do tipo dicotômico (bem/mal, real/imaginário, etc.) chegou ao ponto de saturação. “Dai o surgimento da predominância dos valores pós-modernos: a pluralidade, a festa, a ambiguidade, o feminino” (PITTA, 2012, p. 20).

O céu que inspirava os mitos e as religiões dos antigos, na modernidade esvaziou-se. “O universo de Ptolomeu foi substituído pelo universo Copérnico, e o sol soberano do mundo passou a ser um minúsculo astro de uma galáxia também periférica (CASSÉ; MORIN, 2008, p.13)”.

Registros históricos indicam que o céu exerceu nas sociedades humanas fascínio e inquietação, pois as culturas procuravam inscrever-se no cosmos, e inscrever o cosmos nelas mesmas. “Baseavam suas organizações em calendários, nos ciclos solares e lunares, e nos solstícios que inspiravam grandes festas, como entre os astecas que sacrificavam ritualmente adolescentes na intenção de impedir a extinção do Sol (CASSÉ; MORIN, 2008, p.9)”. Do mesmo modo, no império Romano, o mês correspondente ao signo de Capricórnio era ritualizado; os tabus sociais e sexuais convencionais eram abandonados, dando lugar à licenciosidade e à permissividade. “O ritual pagão do solstício de inverno marcava o início do retorno do Sol e era celebrado como Saturnália (GUTTMAN; JOHNSON, 2005, p. 406)”. Convém dizer que mesmo nos dias atuais o céu, continua a exercer fascínio e inquietação como no caso do candomblé.

Conforme demonstram as pesquisas de Mircea Eliade (2008), as sociedades tradicionais concebem o mundo em seu entorno como um microcosmo imaginado nos limites das suas dimensões fechadas. Assim, de um lado existe a concepção de um espaço cósmico, habitado e organizado, de outro lado, há a noção da presença de uma região desconhecida, pertencente aos reinos dos demônios, das larvas, dos mortos, dos estrangeiros. “Esta imagem de um microcosmo habitado, rodeado de regiões desérticas assimiladas ao caos ou ao reino dos mortos, sobreviveu em civilizações como China, Mesopotâmia ou ainda a do Egito (ELIADE, 1979, p.38)”. Foram precisamente nestas civilizações que se deu o aparecimento da astrologia.

O céu estrelado imperava acima dos humanos, como metáfora das divindades míticas: este caráter sagrado atraía a atenção para os movimentos estelares. Segundo Tarnas (1999), séculos de observações ininterruptas foram necessários para que os astrônomos-astrólogos (já que não havia divisão) babilônicos, estabelecessem cálculos precisos para atingirem presságios relacionados aos acontecimentos da natureza.

Os registros mostram que além da Babilônia, as diversas culturas como as da Caldeia, China, Índia e Mesopotâmia, possuíam um avançado repertório técnico que permitia bastante precisão nas observações. No Ocidente o surgimento da astrologia relaciona-se, sobretudo com os Caldeus que a utilizavam juntamente com a religião (MORIN, 1972). “Foram estas origens distantes, que datam de quase dois mil anos antes de Cristo, que possibilitaram o nascimento da Cosmogonia Ocidental” (TARNAS, 1999, p.64).

Já na civilização greco-romana, por volta de II século a.C., a astrologia se edificou como um conhecimento do humano que permitiria ao homem ter uma sabedoria que o colocaria em solidariedade com o universo (BARBAULT, 1987). Neste período, funda-se o postulado de seu dogma essencial: o da existência de uma correspondência entre os movimentos celestes e as características de acontecimentos da vida. Através deste conhecimento, pensava-se que o homem poderia agir por meio do conceito de segurança cósmica; o *Kosmos* era percebido a partir de seu padrão ordenado e em sua correspondência com o homem. “Difundida a partir do centro cultural de Alexandria, a crença astrológica penetrou no mundo helênico e foi adotada por filósofos estóicos, platônicos e aristotélicos, assim como matemáticos e diversos grupos religiosos” (TARNAS, 1999, p.101).

Apesar da astrologia, na Idade Média, ser considerada uma disciplina universitária utilizada amplamente, “principalmente pela nobreza europeia, ela (astrologia) conheceu a partir do século XVII um declínio” (HUTIN, 1970). Relegada, esta forma de saber passou ter como adversários: “a ciência positivista, a valorização da razão e as religiões judaico-cristãs” (MORIN, 1972).

Carvalho (2003), nota que a consequência da atitude antropocêntrica própria da modernidade, teve graves implicações. O homem moderno se distanciou da natureza, colocando-se como uma espécie superior a todas as outras. O positivismo Comteano priorizou exclusivamente a experiência sensível, como única capaz de produzir o conhecimento da realidade, pois toma como base apenas o mundo físico e material. Simultaneamente, o judaico-cristianismo defendeu a lógica da unidade monoteísta e a clássica separação entre Luz e Trevas. A partir do século XVIII, como observa Hutin (1970), um clima céptico tomou conta da astrologia na Europa Ocidental, principalmente na França, de modo

que filósofos iluministas como Voltaire, deslegitimaram a idéia de uma cientificidade astrológica.

Na medida em que no campo das ciências, os fatos deveriam ser experimentados para então ser validados, edifica-se uma postura céptica do saber no Ocidente. Aos demais saberes ligados à tradição, ao sensível, assim como ao esoterismo, deram-se nomes como 'ocultismo'. Para Guenon (1977) a oposição ao espírito tradicional, correspondeu à exacerbação do individualismo no período moderno.

Vale lembrar que o pensamento tradicional esteve muito mais ligado ao conhecimento sensível do real, e com a noção do sentido. O esoterismo, por exemplo, tem a ver com "um conhecimento 'de dentro' que não é acessível a todos, e, por isso mesmo, necessariamente reservado". Segundo Balandier (1997) o conhecimento interior permite ao ser humano organizar a experiência, já que na concepção do autor, todas as sociedades de alguma forma e em algum momento são confrontadas com a desordem, a doença, o mal, que se configura nos eventos vindos de fora.

A necessidade de conhecer o que é exterior, e explicar as coincidências, os eventos do acaso, está presente em quase todos os povos segundo Jung (2005). Neste sentido, a psicólogo suíço observa que as várias civilizações, sempre recorreram às consultas de oráculos, ao mesmo tempo em que atendem a presságios. No seu entender, são sempre tentativas que buscam encontrar uma compreensão, diversa à mera relação de causa e efeito. Ainda para Jung (1984), a influência dos astros na vida humana, afirmada pela astrologia, consiste em *percepções introspectivas inconscientes da atividade do inconsciente coletivo*. Por este viés, é possível tomar a astrologia enquanto uma das dimensões transcendentais que se expressa na cultura, de modo particular na Ocidental, já que nela considera-se que há um laço que une as coisas do universo aos humores humanos. "Esta ligação é a mesma encontrada nos princípios arquetípicos, ou representações de mundo: neles os acontecimentos do homem estão atrelados aos do Cosmos" (DURAND, 2008, p. 35).

Segundo Durand (1995) a astrologia pode ser entendida como um modelo de linguagem arquetípica (como um mesocosmos) que estabelece uma

analogia entre as dimensões ‘macrocosmicas’ e ‘microcosmicas’<sup>5</sup>. “Ela funciona dentro de um regime noturno de imagens, visto que seu intuito é por o ser humano em uma simetria com os acontecimentos celestes” (DURAND, 2008).

É realmente digno de nota que o “laço” que une as coisas do universo às partes e aos humores do homem - a *mumie* como chama Paracelso - não fica muito longe dos princípios “arquetípicos” destacados pela moderna psicologia das profundezas, da mesma forma que a etologia: na “representação do mundo” assim como naquela que “se representa”, a mesma energia especificada - *arqueu* escreve também Paracelso - é que está em ação. (DURAND, 2008, p. 35-36).

Durand (2002) observa que a astrologia (enquanto uma produção simbólica) possibilita respostas à passagem do tempo, ao destino, e à inevitabilidade da morte, por meio de um vasto repertório simbólico e mítico. Isto diz respeito a um ato de criação frente à angústia e à finitude da vida. Neste sentido é possível afirmar que na concepção astrológica, o universo se movimenta de acordo com um plano pré-estabelecido, do mesmo modo que a vida humana. Desta maneira, “o objetivo último da existência seria então secreto ou inacessível à mente humana, entretanto, pelo menos no plano astrológico passa a dar sentido ao cosmos” (ELIADE, 1979).

No âmbito da sociologia clássica, por outro lado, a astrologia foi conceituada primeiramente, sob o prisma evolucionista. Priorizando menos as combinações de sentido e mais a lógica da linguagem, Durkheim e Mauss abordaram-na em termos de um sistema classificatório, acentuando sua similaridade

---

<sup>5</sup> Na astrologia o Cosmos propõe um modelo de Ordem, ou ordenação. Podemos dizer que nesta perspectiva, “O homem é um cosmo em miniatura (microcosmo - de aspecto ternário - coração’, ‘corpórea’ e ‘mental’), não estando separado do macrocosmo por barreiras intransponíveis. São regidos pelas mesmas leis e há uma passagem ligando uma situação à outra. Psique e cosmo comportam-se como mundo interior e mundo ambiente. Portanto, o homem participa por sua natureza de todo acontecimento cósmico e está entretecido a ele, interna e externamente (JUNG, 2001, p. 1991). Na astrologia o macrocosmo é o Universo, os planetas as constelações, seus ritmos, seu ciclos.

com outros sistemas divinatórios encontrados na China, na Grécia e na Índia. Porém, como observa Costa (2005) os estudiosos atribuíram a estes sistemas um lugar intermediário entre as classificações do tipo totêmicas, encontradas entre tribos australianas, e as taxonomias científicas modernas.

Segundo Durkheim e Mauss (2003), as ciências herdaram destes sistemas arcaicos o potencial classificatório, porém, diferentemente das sociedades 'primitivas' onde não se estabelecia contornos nítidos nas suas categorizações em virtude de uma tendência mais afetiva, as sociedades modernas dispõem de maior possibilidade para categorizar racionalmente a realidade. Ainda que seja destacável o pioneirismo de algumas destas argumentações, a astrologia e os conhecimentos divinatórios são tomados pelos pensadores clássicos da sociologia, estritamente como atividades mágicas, próprias de sociedades tradicionais. Convém observar que ao ressaltarem o tema da astrologia, os referidos autores adotaram uma interpretação evolucionista: se subtende que ao defenderem a noção de tempo linear, acabam legitimando a possibilidade das culturas progredirem de um estado para outro superior.

No campo filosófico, Adorno (2008) foi o primeiro estudioso a voltar-se para a astrologia considerando-a enquanto um fenômeno social da modernidade. Analisando a coluna astrológica do *Los Angeles Times* escrita por Carroll Righter, entres os anos 1952 e 1953, o pensador estabeleceu uma reflexão sobre o caráter de dependência por parte dos leitores. A ideologia da dependência, tal como relata o autor, apresenta-se como uma tentativa de fortalecer e explicar as condições penosas sofrida pelos indivíduos frente à sociedade industrializada. As colunas de jornais utilizam uma retórica de polaridades que busca manter a dependência do leitor, por trabalhar com uma imagem dele como alguém frustrado e, ao mesmo tempo, passível de obter sucesso. Assim, a astrologia apareceria enquanto "um meio de justificar as dificuldades da sociedade a partir de uma atitude afirmativa" (ADORNO, 2009).

As pessoas se tornam tanto mais suscetíveis à astrologia quanto mais a utilizam, de modo que o conforto buscado pelos consumidores nas respostas suscitadas pelo discurso astrológico possibilita, em determinados casos, um sentido às angustias vividas no presente.

A ascensão do irracional ganha lugar de destaque na análise adorniana. Embora a astrologia, veiculada nos horóscopos, se utilize de uma forma pseudo-racional, ela tende a fortalecer o sentimento de fatalidade, dependência e obediência. De maneira semelhante, a ausência de uma postura mais crítica no aconselhamento astrológico, propagandeada pelas mídias, contribui com a falta de vontade de mudanças das condições objetivas da sociedade, pois promove uma conformidade frente às coisas, e reafirma uma ideologia dominante (ADORNO, 2009). Assim, para Adorno (2009) a astrologia enquanto ‘sintoma’ do capitalismo, diz respeito à ascensão da irracionalidade e ao alastramento da cultura de massa.

A metáfora biológica do ‘sintoma’ também foi retomada por Edgar Morin e sua equipe nos idos anos de 1970. Na intenção de realizar um diagnóstico, o sociólogo liderou um vasto trabalho sobre as diversas apropriações da astrologia na sociedade francesa, e assim como Adorno, ressaltou a expansão da cultura de massa e a crise da modernidade.

O sucesso alcançado nas rádios francesas pela astróloga, Madame Soleil, desencadeou toda a investigação que versou sobre as várias dimensões da experiência astrológica. O itinerário percorrido pelos autores (MORIN; DÉFRANCE; FISCHLER; PETROSSIAN, 1972), abarca questões relacionadas à história, teologia, simbologia, magia, à propagação midiática da astrologia, assim como a sua vinculação aos grupos eruditos. Morin (1972) centrou-se, especificamente, na crítica da revista Planeta, a qual conferia aos seus leitores um sincretismo banal entre esoterismo e ciência, difundindo a reconciliação entre ciência e ocultismo; espiritualismo e evolucionismo; conhecimento e mistério. A ideologia da Nova Era disseminada pela revista, introduz neste contexto a idéia de que “o mundo não é totalmente incompreensível, nem absurdo, mas pelo contrário o mundo é dotado de sentido e, portanto, a missão do homem é entrar em harmonia com ele” (MORIN, 2010).

Deslegitimada tanto pela *intelligentsia* científica como pela astrológica, a revista aspirava re-instaurar a unidade homem-cosmo a partir de hipóteses fantásticas sobre civilizações perdidas, seres extraterrenos e fenômenos inexplicáveis. O fácil sincretismo entre ciência e esoterismo, é amplamente contestado pelo sociólogo, pois, tal postura levaria o indivíduo a uma posição de otimismo eufórico e conformista perante a sociedade.

Apesar da atitude crítica adotada pelo estudo, Morin confessa em entrevista, sua crença astrológica, e acrescenta: “a astrologia retorna com toda força no mundo moderno por se referir ao que está fora de alcance da ciência: a dupla preocupação de se conhecer e conhecer seu futuro” (MORIN, 2010, p.186). Portanto, em sua perspectiva, o apelo mágico ao poder organizador dos astros diz respeito ao enfrentamento das incertezas do amanhã, das falhas nas organizações (crise), do caos aparente dos impulsos interiores (*psyche*) (MORIN, 1972, p.139).

A atração exercida pela astrologia sobre a juventude, principalmente em contextos urbanos, é igualmente ressaltada em *O retorno dos astrólogos* (MORIN, 1971). Para a “cultura jovem”, a astrologia representa uma gnose que se fundamenta numa concepção revolucionária, denominada Nova era. “Esta nova gnose mexe com as nostalgias duma verdade perdida, a profecia apocalíptica, as esperanças dum novo mundo” (MORIN, 1972, p. 203). Para os estudiosos, há neste movimento uma característica comum a outras religiosidades e misticismos: a perspectiva da não separação entre homem e cosmos.

Enfim, é possível observar que na França, Edgar Morin e sua equipe iniciaram de maneira densa e original, o debate sócio-antropológico sobre a astrologia, levantando questões que ainda não tinham sido discutidas no âmbito acadêmico. Ao mesmo tempo, o trabalho desenvolvido pelos estudiosos franceses abriu caminho para a realização de outras pesquisas em diversos países, sobre a problemática da propagação astrológica.

No que se refere ao Brasil, estudos realizados confirmam ainda mais a percepção da ascensão da astrologia na contemporaneidade. Rodolfo Vilhena (1990) foi um dos primeiros antropólogos a destacar a difusão da astrologia no contexto brasileiro. Seu trabalho parte da hipótese de que a astrologia, enquanto um sistema mágico-classificatório, contribui para a formação de estilos de vida entre cariocas das camadas médias. O pioneirismo desta pesquisa incide sobre a possibilidade de tratar a astrologia enquanto sistema simbólico que possui uma lógica própria. Neste sentido, o antropólogo assinala que da mesma forma que nos mitos investigados por Lévi-Strauss, a estrutura do sistema astrológico permanece inalterada em relação aos antigos sistemas da astrologia presentes na antiguidade e na idade média, embora, ganhe diferentes versões.

O caminho percorrido pelo autor o leva a formular que ‘o mundo da astrologia’ apresenta-se no Brasil, enquanto ‘cultura alternativa’ de caráter não desviante, mas que evidencia a crise da modernidade. Apoiado nos pressupostos de Simmel e Dumont, o antropólogo tenta demonstrar a ambígua relação da astrologia com a modernidade, já que por um lado, “o sistema astrológico permite expressar um individualismo qualitativo, e por outro, procura dar conta da diversidade da vida religiosa através de especulações” (VILHENA, 1990, p. 201).

A ambiguidade moderna se expressa nos discursos de seus informantes, onde se manifesta uma tensão entre um pólo singularizante e um universalizante, ou seja, “os entrevistados privilegiam o aspecto pessoal e sensível da vida, ao mesmo tempo, participam de uma cultura que valoriza a racionalidade e a impessoalidade” (VILHENA, 1990, p. 201). Assim, Vilhena seguindo uma perspectiva simmeliana de interpretação, concorda com a idéia de que na modernidade, os “conflitos brotam da pretensão do indivíduo de preservar a autonomia e a peculiaridade de sua existência frente às demandas da sociedade, da herança histórica, da cultura exterior e da técnica da vida” (SIMMEL, 2005).

Vilhena (1990) observa ainda, a grande heterogeneidade e pluralismo que compreende o sistema astrológico, pois no seu entender, os diversos grupos e indivíduos que aderem a este sistema expressam na maioria das vezes, distintas visões de mundo. Ainda de acordo com o antropólogo, o polimorfismo encontrado no sistema astrológico impede ao pesquisador social a construção de uma explicação geral sobre o fenômeno da propagação da astrologia na cultura Ocidental.

A tese desenvolvida por Costa (2005) também tratou da expansão do sistema astrológico entre os cariocas. Entretanto, a antropóloga deteve-se especificamente ao aconselhamento astrológico, já que a consulta aparece como um dos serviços mais procurados pelos consumidores da astrologia no Rio de Janeiro. Sua tese retrata a dimensão ritual da consulta astrológica e a “re-significação de experiências vividas advindas dessa leitura ritualizada do mapa de nascimento” (COSTA, 2005, p. 9).

A interpretação do mapa natal provoca a emergência de outra história, para além da história que a pessoa conhece a respeito de si mesma. Essa segunda história representa um dizer forte, disposto “a penetrar na trama dos

eventos para redimensionar as relações que o próprio cliente estabelece com as suas experiências”. (COSTA, 2005, p.199). Consequentemente, o sistema astrológico oferece outro modelo narrativo da vida.

A crise moderna é outro ponto analisado por Maria Costa (2005). O abalo sofrido nas últimas décadas pelas religiões institucionalizadas e/ou o enfraquecimento dos grandes sistemas totalizadores de sentido revelam as tensões geradas nas sociedades contemporâneas: como consequência da crise moderna, as artes divinatórias em geral, e a astrologia em particular passam a ser revitalizadas. Assim, no entendimento da antropóloga, as escolas e consultórios astrológicos devem ser percebidos como instituições intermediárias, “lugares onde é possível estabelecer a construção de sentido, como uma ponte entre o indivíduo e a sociedade” (COSTA, 2005, p. 5).

Por outro lado, contrariando a ideia de crise da cultura, Maffesoli (2003) vai dizer que a astrologia pode ser compreendida como um indício de uma relação com o mundo e com os outros, feita de mais participação, empatia e comunhão. Ainda de acordo com o sociólogo, as múltiplas práticas *New Age*, ou simplesmente o fascínio que exerce a astrologia, acentuam, essencialmente, o fato de que o indivíduo é na pior das hipóteses, um brinquedo, ou na melhor delas, parceiro de forças sociais que o ultrapassam. “A astrologia enquanto um fenômeno cotidiano da sociedade estabelece uma correspondência entre o global e o individual, dando lugar ao nascimento de uma organicidade que envolve o indivíduo e seu entorno” (MAFFESOLI, 2003; TEISSIER, 2001).

Os sinais de mudanças que se apresentam na cultura pós-moderna marcam novos modos de estar junto. A pós-modernidade na perspectiva Maffesoliana corresponde a um retorno às raízes, um *enraizamento dinâmico*, por referir-se a um querer viver apegado ao presente, ao mundo sensível da estética e da emoção, reencontrando na predominância do instante, a vitalidade desgastada pelos ideais progressistas do século XVIII.

Do drama moderno, caracterizado pela busca da autonomia individual e política, passamos ao trágico pós-moderno. Paulatinamente a temática da liberdade vai sendo substituída, em diversos graus, pela do determinismo. Opera-se uma passagem de um tempo linear monocromático, o tempo do projeto, para um tempo policromático, trágico, e que escapa ao utilitarismo burguês. Trate-se de uma

mudança: a história cede lugar ao destino. Desta forma, a vivência do trágico na cultura Ocidental tende a se expressar em diversos domínios sociais: por exemplo, nos grupos, nas tribos urbanas que revelam, entre outros aspectos, o retorno ao arcaico e à esfera lúdica.

“No drama moderno, encontramos a pretensão otimista da totalidade: minha, do mundo, do Estado. No trágico pós-moderno, há uma preocupação pela interidade, que induz a perda do pequeno eu em um si mais vasto” (MAFFESOLI, 2003, p. 8). Há, portanto, uma mudança, de paradigma: uma concepção de mundo egocentrada dá lugar à outra *locuscentrada*. O narcisismo (próprio do drama moderno) vai dar lugar ao tribalismo (neotribos-aqui se investem em específicos que se acomodam a elas), próprio do trágico na pós-modernidade.

Para Maffesoli (2003) o trágico e a vida estão intimamente ligados, e essa conexão possibilita o ressurgimento da ética do instante, característica essencial do mito dionisíaco. A marca dionisíaca pode ser observada no dia-dia, já que em diversos domínios vivemos o ressurgimento de novas comunhões naturais, os milenarismos, os profetismos, as novas alianças que acentuam uma relação com o mundo mais contemplativa e menos racionalista. A astrologia possui então esta marca dionisíaca, visto que reforça a sensação de tragicidade, revaloriza as forças naturais, o templo cíclico, contraria o estoicismo moderno e recorda a dinâmica do devir *destinal*. Reconhecida ou não enquanto marca do espírito do tempo, o fato é que “a astrologia carrega as reminiscências da sabedoria pagã, pois seu estilo sobrepõe-se a recusa do medo da vida, ao mesmo tempo em que se reafirma um querer-viver apegado ao momento (MAFFESOLI, 2003, p. 69-72)”.

Ainda no que diz respeito à situação da astrologia nas sociedades pós-modernas, a tese defendida pela socióloga francesa Elisabeth Teissier no ano de 1996, destaca-se como um estudo relevante. Neste trabalho a pesquisadora e astróloga, busca compreender a astrologia na pós-modernidade através de uma ambivalência fascínio/rejeição; para ela a ciência “oficial” seria um discurso entre outros, inferior ao que denominou a “ciência régia dos astros”.

Já Gilbert Durand (1995) enfatiza que a vivência da astrologia na contemporaneidade remete à esperança do retorno aos limites plurais, o que inclui a redescoberta da multiplicidade do homem no Ocidente. Para o antropólogo, o tema astrológico sempre sugere a coexistência de um conjunto de qualidades humanas

muitas vezes discordantes e até mesmo contraditórias, o que sinaliza a saturação do monismo positivista próprio do século XIX, assim como das visões do mundo baseadas no princípio de unidade e na ideologia do progressismo científico. A figura do ser do *cogito*, ou seja, o ser pensante, constantemente reforçado pela filosofia Ocidental há pelo menos três séculos constituiu a base de nossa pedagogia. O mito de Prometeu, constantemente reforçado pelos pensadores modernos, instaurou um modo de pensar onde o homem e o mundo precisavam ser divididos em favor da lógica e da razão. Inversamente, por trabalhar com uma linguagem figurativa a astrologia, assim como as 'artes' tradicionais, concedem força divina aos seus temas semânticos; ao mesmo tempo, priorizam o sentido ao invés da lógica, revelando através de símbolos, a pluralidade e as tendências do ego (Durand, 2008). Portanto para Durand, a recorrência da astrologia na cultura contemporânea, assim como a retomada das artes divinatórias, reforça a impressão de que os participantes da "cultura Ocidental se encontram atualmente em ressonância com o tema do retorno do mito e dos ressurgimentos das problemáticas e das visões do mundo que gravitam em torno do símbolo" (DURAND, 2004, p.7).

A reabilitação contemporânea do símbolo, do mito, assim como da imagem em nossa cultura, indica que entramos há algum tempo dentro daquilo que o antropólogo francês denomina de zona de alta 'pressão imaginária'. Vemos que a vida contemporânea sofre uma profunda revolução, neste sentido é possível observar a ressurgência do que nossas pedagogias tinham rejeitado, ou pelo menos desvalorizado.

A revalorização das imagens, do mito, da fantasia vem proporcionando uma 'saturação' nos campos pedagógicos e epistemológicos da cultura Ocidental, de modo que chegamos a uma ampla desestabilização. A metáfora inspirada na química moderna, amplamente utilizada pelo autor, diz respeito à dinâmica cultural contemporânea, remetendo-nos, sobretudo, as transformações, as inúmeras formas de recriação do social.

De acordo com Durand (1993), a civilização Ocidental foi muito desmitificante e iconoclasta. Neste sentido, o estudioso recorda que o lugar dado à imaginação, às imagens, e ao mito pela filosofia cartesiana foi o de 'mestre dos erros'. As pedagogias positivistas e cartesianas, alicerçadas sobre os métodos quantitativista, objetivista, agnóstico, reiteraram este traço constitutivo da cultura

Ocidental que é o iconoclasmo. No entanto, saturado, o iconoclasmo Ocidental e seu apelo ao conceito, sua obsessão pelo avanço técnico-científico encontra-se confrontado com 'explosão das imagens' observadas nas últimas décadas do século XX.

Este retorno às imagens não acontece, porém, sem prejuízo. No Ocidente as imagens fabricadas pelos vários vetores de comunicação provocam simultaneamente, uma anestesia da criatividade do imaginário e um nivelamento dos valores. A distribuição irresponsável permite as manipulações éticas e as "desinformações". Dessa forma, "a imagem acaba impondo seu sentido a um espectador passivo, pois a imagem "pronta" tende a anestesiar aos poucos a criatividade individual da imaginação" (NEVES, 2001). Surgiram nas últimas décadas variados repertórios de técnicas audiovisuais nunca vistas antes: vimos difundirem-se rapidamente a fotografia, o cinema, a televisão e mais recentemente a internet. Simultaneamente, como que por um efeito 'negativo', a ampliação de imagens prontas culminou naquilo que Gilbert Durand (2004) denominou de "um direcionamento das forças imaginárias".

Enfim, como nos referimos anteriormente, na perspectiva Durandiana a inflação das imagens também coloca em evidência problemas relacionados à visão de homem e de mundo na cultura contemporânea. O homem Ocidental vê-se confrontado a uma imposição exercida pela homogeneização do imaginário, e pelas técnicas da reprodutibilidade das imagens. Ao mesmo tempo, há um movimento no sentido de retornar às antigas tradições, sejam elas religiosas, espirituais, filosóficas, ou mesmo doutrinas que acentuem o qualitativo da vida. Isso significa que o sucesso da astrologia tem a ver com o imaginário de uma sociedade cada vez mais saturada pelos valores modernos. Em tal sociedade, os gostos e os costumes passam a ser modelados pelo poder das imagens que interferem no cotidiano dos indivíduos.

Assim chegamos ao seguinte entendimento: Vemos Gilbert Durand, e (acrescento aqui MICHEL MAFFESOLI), situarem o fenômeno da ascensão da astrologia num campo semântico distinto do de outros pesquisadores. A crise da cultura Ocidental, a fragmentação dos sistemas de sentido a vida, o consumismo, são ideias frequentemente abordadas quando se analisa o papel da astrologia na cultura Ocidental, e, no entanto, como já exposto acima, Durand e Maffesoli

relacionam a ascensão astrológica ao retorno dos mitos e do emocional no Ocidente.

Apesar da variedade de interpretações que enredam os discursos acadêmicos, vemos acima pelo menos duas tendências sobressaírem quando se trata da compreensão sócio-antropológica da vivência da astrologia no Ocidente. De minha parte, percebo a necessidade de continuar tecendo a presente discussão ressaltando alguns aspectos da recente valorização do mito na cultura Ocidental.

Sabemos que toda cultura funda-se num relato mítico, e que durante séculos as narrativas mitológicas foram consideradas pela cultura Ocidental como algo fantasioso e mentiroso. As epistemologias e filosofias do Ocidente tentaram constantemente desvalorizar a imagem, o símbolo, o mito em prol da valorização da razão, do ideal de progresso e do avanço técnico-material. Contudo, a explosão dos meios técnicos audiovisuais, os diversos movimentos artísticos e espirituais, as descobertas no campo das ciências humanas, acabaram instalando um clima de alta 'pressão imaginária'. Neste ambiente de profundas transformações, observa-se que a recorrência contemporânea da astrologia tem significado um "retorno ao mito, aos Deuses do Olimpo, aos 'poderes' do Zodíaco, e simultaneamente à esperança dos limites plurais contra as apropriações tecnocráticas" (Durand, 1995, p. 226). Assim é que se faz presente a compreensão dos estudiosos do imaginário: os mitos, e a linguagem astrológica que dele (mito) se origina, regressam no pensamento Ocidental.

### **2.3 O Retorno do Mito no Pensamento Ocidental: O Caso da Astrologia**

A remitologização do pensamento Ocidental surge, sobretudo a partir do século XX, como uma revolução e respectivamente como uma reação ao nascimento de personalidades ou ideologias políticas secularizadas. Como observa Durand (2004) nossas pedagogias tinham se esforçado em ver no século XIX, o século da máquina a vapor, o herdeiro das Luzes. É que durante séculos a pedagogia Ocidental contribuiu com e idéia de progresso produzida pelo triunfalismo das técnicas e da racionalização positivista.

Segundo Mondin (2010), o positivismo reafirma o iluminismo ao se colocar enquanto uma filosofia que se propõe organizar o mundo humano e a

natureza por meio da ciência. Ao se basear no materialismo, a filosofia positivista Comteana elege a matéria como princípio supremo, a causa última de toda a realidade. Além disso, a dupla atitude do positivismo recomenda por um lado, libertar o homem das amarras ideológicas, assim como dos mitos, e por outro, adquirir o conhecimento do homem enquanto ser social, valendo-se dos métodos das ciências experimentais.

Paradoxalmente, o positivismo que se propõe enquanto uma filosofia desmitologizante se instaura como mito. O mito do progresso que se inscreve numa negação do que é em função de um mundo melhor por vir. Isto se estende em diversos domínios: Estado, Política e Religião. Assim vemos a imagem do humanismo positivista aparecer: o homem deve mobilizar suas forças em função da construção de uma sociedade perfeita, leia-se uma Idade de Ouro. A este respeito Durand (2004), escreve:

Auguste Comte, como antes dele Saint-Simon na Religião industrial, deseja ultrapassar e destruir o obscurantismo do mito, mas através de um outro mito... Existe então um tipo de «inversão» causal porque, para combater o obscurantismo da idade do mito e das imagens «teológicas», acentuamos uma mitologia progressista onde triunfa o mito de Prometeu... A teogonia é o primeiro modelo de um certo progressismo: após a idade dos Titãs, após o reino de Cronos, de repente advém a idade das Luzes olímpicas, a idade da ordem jupiteriana... Então, clima estranho este do século XIX, aonde o progressismo vai em direção do avanço tecnológico triunfante até nossa própria época, mas onde os construtores de ideologias totalmente míticas (no sentido bem pejorativo como entendiam os positivistas, quer dizer inverificáveis, utópicas, fantasmáticas... assombram a ascetização racionalista (DURAND, 2004 p.10-11).

De acordo com Maffesoli (2010), a busca incessante pela sociedade ideal através de métodos cada vez mais racionalistas acabou estabelecendo uma espécie de paranóia. Num estilo singular o autor complementa: “Paranoia’, aliás, vem do grego, e significa um pensamento que vem de cima (haut penser, em francês). Baudelaire, em um texto sobre a modernidade, se refere a Deus como o maior dos paranóicos, pois tem a visão de cima” (MAFFESOLI, 2008, p.7). Portanto,

neste clima paranóico instituíram-se os diversos mecanismos de controle por meio do tecnicismo, das ciências, da burocratização, e da manutenção da ordem pelas instituições sociais.

Lembremo-nos também que uma das grandes obsessões do positivismo foi o ideal de perfectibilidade que posteriormente acabou por se tornar uma crença. A fé numa espécie de paraíso que poderia ser vivido na terra a partir do momento em que o homem pudesse se afirmar enquanto um 'bom cidadão', sempre a serviço do 'bem público'. Araujo & Freitas (2008) recordam que a figura do 'bom cidadão' moldada pelo moralismo racionalista de Descartes acaba remetendo a um ideal desenvolvimentista, enaltecendo a figura de um 'homem novo' orientado para felicidade.

Embora o positivismo tenha inspirado inúmeros avanços nas áreas técnicas, não tornou o homem mais feliz como sua filosofia propunha. Observou-se então um grande abismo de desigualdades sociais crescerem cada vez mais entre as nações ricas e pobres. Podemos dar destaque ainda, às duas grandes guerras que indiscutivelmente acabaram deixando marcas irreparáveis no mundo. Do mesmo modo, não podemos esquecer os impactos produzidos pelo acelerado processo de industrialização como é o caso da devastação da natureza.

Para Maffesoli (2010) as consequências mortíferas do mito do progresso, tanto no ambiente natural quanto no social, provocam a tomada de consciência de que outro espírito do tempo está em gestação. Isso significa que nas últimas décadas vivenciamos um acelerado avanço tecnológico acompanhando de uma mudança de paradigmas em diversos níveis. No campo do saber, por exemplo, podemos notar o grande abalo sofrido pelo positivismo quando à objetividade científica, à causalidade e ao evolucionismo. Especificamente, no que se refere à objetividade, pesquisas recentes em física vem demonstrando que o observador modifica o meio que ele observa, mesmo quando a observação ocorre em um meio físico. Em relação a esta questão Pitta (1995) escreve:

Quanto à causalidade, é a própria física quem vem abalar o conceito. Niels BOHR (1885 - 1962), que tem um papel fundamental no desenvolvimento da física quântica escreve: A interação finita entre o objeto e os instrumentos de medida, consequência imediata do quantum de ação, leva - porque é impossível controlar a reação do

objeto sobre os aparelhos - à necessidade de renunciar definitivamente ao ideal clássico de causalidade e de modificar de ponta a ponta nossa atitude com respeito ao problema da realidade física [15]. O que leva o físico a "contentar-se com as leis da probabilidade" e o "argumento de correspondência" [16]. (PITTA, 1995, p.12-13)

Se de um lado os fundamentos essenciais do positivismo começam a ser questionados, de outro, notáveis remitologizadores começaram a surgir: “Wagner e sua música, Nietzsche na filosofia, Mann e Zola na literatura, e finalmente a psicanálise Freudiana, cujos trabalhos iriam marcar profundamente o que se entendia por imaginário e simbolismo entre os acadêmicos do século XX” (DURAND, 2004).

A psicanálise popularizou as noções de imagem e símbolos, ressaltando o papel dos sonhos no comportamento humano. O mito de Édipo transformou-se numa espécie de linguagem comum entre os estudiosos da psicologia do inconsciente, sobretudo, para aqueles que se dedicavam à prática clínica. Além disso, a tragédia grega de Sófocles acabou influenciando tanto a psiquiatria como a literatura.

Porém, não só a literatura e a psicanálise foram responsáveis pelo reaparecimento do mito na cultura Ocidental. Gilbert Durand elenca três grandes fatores motivadores nesta contemporânea remitologização: o surgimento da pintura simbolista, a inversão de poderes (do racionalismo (conceito) para o poder da imagem), o desenvolvimento da antropologia no fim do século XIX e durante o século XX.

A primeira motivação nos remete a Gaston Bachelard quando lembra que há um direito de sonhar fundamental, constitutivo da vitalidade do *sapiens*; digamos que esse direito passou a ser defendido pelos pintores simbolistas. “O movimento simbolista é o sinal de uma saturação das visões do mundo pela ideologia do progressismo científico onde o neo-impressionismo foi um dos paradigmas” (DURAND, 2004, p.12).

Como segunda motivação Durand (2004) menciona a inversão dos poderes. O poder do racionalismo clássico que de Aristóteles a Newton, e mesmo no iluminismo prevaleceu no Ocidente. Porém, o poder da razão viu-se enfraquecido, e

consequentemente, cedeu lugar ao poder da imagem. Assim; “nossa civilização, armada do racionalismo matemático que exclui as imagens, produziu finalmente pelo refinamento das técnicas científicas a tomada de poder da ‘rainha das faculdades’(a imaginação)” (DURAND, 2004, p.13).

A terceira motivação é o desenvolvimento da antropologia no fim do século XIX e durante o século XX. Neste sentido é que o trabalho desenvolvido por Malinowski entre os trobriandeses representou uma ruptura na tradição antropológica, já que a sua proposta metodológica pretendeu construir uma visão ‘autêntica’ da vida tribal, presenciada no campo.

Já o etnólogo Claude Lévi-Strauss compreendeu que por traz da aparente irracionalidade dos índios brasileiros, havia um tipo de razão não convencional; eles aceitavam as idéias mágicas apenas quando parecia ter evidência das mesmas, ou se nenhuma explicação alternativa estivesse disponível (KUPER, 2008). O problema da racionalidade foi aprofundado na obra denominada *o pensamento selvagem* (2008). Lévi-Strauss procurou encontrar as características que distinguem as criações intelectuais dos povos considerados "primitivos" (denominação que ele crítica) das culturas modernas. Contudo, o etnólogo constata que “a diferença não é absoluta, tanto quanto seríamos tentados a imaginar” (LÉVI-STRAUSS, 2008).

Como vemos o homem “branco e civilizado”, (representado aqui pela antropologia), ao se deparar com o problema da racionalidade, encontrou fenômenos como, sonhos, tranSES, possessões, até então rejeitados pelo século das luzes. Desta forma, é possível compreender que a terceira motivação coincide com a redescoberta do poder das imagens e dos símbolos nas culturas.

Diante deste quadro geral, convém assinalar o caso da astrologia na recente remitologização do Ocidente. Em princípio, faz-se necessário comentar o retorno ao paradigma dionisíaco, expresso nas múltiplas reações à unidimensionalidade econômico-tecnocrática. Vimos até agora que o positivismo foi uma das grandes marcas do período moderno. Esta filosofia pautada no mito de Prometeu, contribuiu na construção da promessa de que dominando a natureza, o indivíduo e a sociedade poderia se chegar a uma sociedade sem ‘maculas’. Neste sentido, nota-se que a modernidade caracteriza-se pela aspiração à homogeneização do mundo, assim como pelos ideais higienistas e Universalistas.

Foi preciso esperar pelas grandes transformações na cultura Ocidental para compreender o impacto da figura de Dioniso. Rebeliões, revoltas, indiferenças políticas, importância da proximidade, valorização do território, sensibilidade ecológica, retorno das tradições culturais e recurso a medicina naturais; “tudo isso corresponde ao paradigma da divindade ctônica” (MAFFESOLI, 2005, p.5).

A divindade ligada ao cultivo do vinho e ao êxtase remete-nos à temática da pulsão, do gozo no presente, dos sentimentos e das paixões que compõem a dinâmica societal contemporânea. Através desta acepção, poderíamos observar que o problema do homem Ocidental não é mais o de como dominar a vida, mas o de como despende-lá e gozá-la. O elogio à lentidão e à ociosidade passa a despontar; indicam uma inversão de polaridade: a temática do projeto (vida, trabalho, família, o futuro), é substituída pela ênfase no presente.

Maffesoli (2003) irá falar de um presenteísmo, ou seja, uma maneira que as jovens gerações têm de privilegiar o presente e a estética. Há, portanto, um predomínio do instante, de um instante que se constitui enquanto algo eterno. Em resumo, trata-se da diminuição da velocidade da existência, e do aumento da intensidade das relações sociais e da apreciação do mundo. Nos versos do poeta Vinícius de Moraes, vemos metaforicamente a expressão da noção do instante eterno cara a Maffesoli:

“Que não seja imortal,  
posto que é chama,  
mas que seja infinito  
enquanto dure...”

Se na modernidade, correntes filosóficas como o marxismo, o historicismo e o existencialismo corroboraram com a descoberta do ‘homem histórico’, homem inserido na história; na pós-modernidade, as dimensões temporais; passado e futuro, se cristalizam num instante eterno. Esta eternidade vivida no dia-dia surge antes como uma forma de escapar da temporalidade linear e utilitária. Dessa maneira, podemos entender que o retorno do mito tem a ver com a predominância do destino sobre a história. Essa é uma das características do paradigma dionisíaco:

Não é mais a história: tempo, político, social, contrato que prevalece, mas, sim, o destino: espaço, ecologia, sociabilidade, pacto. A naturalidade é a cristalização do tempo em espaço. Espaço vivido, provado, experimentado. Outro modo de se relacionar com a natureza (MAFFESOLI, 2010, p.91).

Na astrologia há também uma importância dada ao *fatum*<sup>6</sup>. “Entre os antigos, o fatalismo astrológico explicava o curso dos acontecimentos históricos, ajudando assim os contemporâneos a compreendê-los e tolerá-los (ELIADE, 1992, p.128)”. Fazer o indivíduo ir contra o domínio de si e da história, esta é uma das grandes marcas da astrologia no Ocidente, e um dos motivos pelo qual lhe são dirigidas inúmeras censuras. Mas para Maffesoli (2003) o retorno do tema do determinismo astrológico não se esgota pela crítica, ao contrário, traduz uma maneira de viver em concordância com o mundo. Assim, o mundo é o que é, e a vida, algo que podemos viver fatalmente. Isto tudo induz-nos a um sentimento de precariedade, de brevidade, mais precisamente de tragicidade.

Na visão de Hillman (2001) o fatalismo explica a vida a partir da predeterminação, ou seja, da percepção de que não há escolha a fazer, pois toda escolha nesta perspectiva é um ilusão. O fatalismo nos conforta por não provocar questionamentos, convida-nos a sermos levados, nos entregando apenas às generalizações. De acordo com o psicólogo, vivemos em uma sociedade regulada pelas imposições do mercado de trabalho, onde numa perspectiva paranóica a vida apresenta-se como uma competição incessante pela sobrevivência. O fatalismo expressa-se então como o reverso sedutor do ego-heróico, e avesso a atitudes como de faça-você-mesmo e do quem ganha-leva-tudo. Portanto, na concepção

---

<sup>6</sup> Segundo Maffesoli (2003) a noção de *fatum* na astrologia se vincula ao trágico já que tende a favorecer um não ativismo, até mesmo a passividade às leis duras do destino, “o *fatum* seria o verdadeiro senhor dos homens e de Deus” (MAFFESOLI, 2003, p. 73). A referida noção se encontra presente na cultura Ocidental desde tempos imemoriais. Na antiguidade o “fatalismo astrológico ajudou a explicar como os “impérios cresciam e caíam; as guerras que causavam sofrimentos incalculáveis; aumentavam a imoralidade, a devassidão, a injustiça social — porque tudo isso era necessário, isto é, tinha sido desejado pelo ritmo cósmico, pelo demiurgo, pelas constelações”... (ELIADE, 1992, p. 128).

fatalista o mundo não é um fardo que se pretende carregar, somos levados a sentir que realmente o destino está nos chamando.

Passemos então ao ponto seguinte: outra marca do paradigma dionisíaco é o retorno da já mencionada sensibilidade ecológica. Significa que uma nova maneira de se relacionar com a natureza emerge: desta vez não mais como objeto a ser explorado, mas como um parceiro fundamental na vida humana. A este respeito Mangabeira Unger (2009) irá falar da ressurgência de uma ecologia do Feminino, ou seja, o regresso a uma forma de responder à urgente necessidade de restabelecer o respeito e a religação com nossa Mãe Terra.

A excessiva ênfase no princípio masculino acabou provocando uma dessacralização da natureza, o projeto civilizatório e o avanço industrial destituíram o mundo de todo encantamento. A ecologização do mundo surge, portanto, com a retomada do princípio feminino, ao mesmo tempo, com a compreensão da complexidade de nossas relações com a Terra. A retomada do princípio feminino, acompanhada da reativação da memória ancestral, da qual nos separamos, são indícios de uma aproximação cada vez maior com as dimensões religiosas, lúdicas, artísticas e imponderáveis. Neste véis, o mundo torna-se um oráculo, pois, pode ser lido, através de uma atitude sensível, disponível, reverente e receptiva.

Finalmente, poderíamos acrescentar que o retorno do mito, e em particular da astrologia na cultura Ocidental, relacionam-se à temática da ancestralidade. Há neste sentido, um retorno às raízes. Como lembra nos Ferreira Santos (2006), somos os herdeiros de um passado que não estava encerrado em si; somos nós o futuro ao que este passado se abria. De alguma forma, temos um “endividamento” com este passado, pois a herança ancestral é muito maior e durável do que a existência individual.

Mais uma vez chegamos à importância do relato mítico. Convém ressaltar que “o mito pode ser compreendido como a narrativa dinâmica de imagens e símbolos que orientam a ação na articulação do passado (arché) e do presente em direção ao futuro (télos) ancestral” (SANTOS, 2006, p. 45). A valorização do mito abre-se como possibilidade de apreensão do real, o que nos leva a compreender, por exemplo, a importância dos deuses antigos. A este respeito, Gilbert Durand (2008) ressalta de maneira metafórica, a idéia de que pelos deuses podemos modestamente reiniciar o conhecimento do homem e do universo.

No pensamento tradicional<sup>7</sup>, assim como na astrologia, se restabelecem a pluralidade divina que a mitologia nos legou. Trata-se antes de uma forma ancestral. No Ocidente, as imagens astrológicas, as figuras dos deuses possuem uma importância fundamental, já que revelam a multiplicidade e complexidade da condição humana. “Alguns dos velhos deuses tornaram-se, mediante a astrologia qualidades (marcial, jovial, saturnino, erótico, lógico, lunático, etc.)”. (JUNG, 2001, p. 48). Além disso, os deuses presentes no simbolismo astrológico são portadores da herança do politeísmo pagão de nossos ancestrais, sejam eles; latinos, helenos ou até mesmo germânicos (DURAND, 1995, p. 227).

#### **2.4 Politeísmo na Astrologia: uma questão emergente**

Caberia mencionar que o politeísmo aparece enquanto uma forma religiosa ligada estreitamente ao mito, fundamentando-se essencialmente no sentimento e na noção do divino na natureza. Entre os gregos no século II a.C., a noção humana de divindade provinha de dois princípios: dos fenômenos que se produzem na alma e dos fatos meteóricos, ou seja, dos fenômenos da natureza. Para Brandão (1986), são duas as fontes do politeísmo: “o mistério do mundo exterior em que estamos mergulhados e o mistério que está em nós mesmos” (BRANDÃO, 1986, p.120). É relevante observar que este duplo mistério da vida e do mundo que caracteriza o politeísmo, é representado simbolicamente na astrologia pelos planetas e pelas constelações.

De acordo com Joubert (2011), as famílias das figuras e alegorias astrológicas possibilitam a identificação das formas e das forças que atuam numa sociedade plural, já que as divindades solares e lunares, como Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter, Saturno, Urano, Netuno e Plutão vão retratar uma multiplicidade de situações humanas: encontros, nascimentos, amores, conflitos.

---

<sup>7</sup> No pensamento tradicional a unidade do Cosmos é compreendida como uma pluralidade. Trata-se, portanto, de fazer referência ao “Princípio de Unicidade”. Durand (2008), observa que “para o pensamento tradicional, a unidade não é método de redução do outro para o mesmo, ela é “Princípio de Unicidade” (DURAND, 2008, p. 39).

Os Deuses encontrados na astrologia poporcionam uma espécie de espetáculo mítico, onde são representados simbolicamente várias épocas e ritmos tanto da vida individual como da social. Em Eliade (1991), vemos que tais divindades míticas preservam e transmitem os paradigmas, os modelos exemplares, para todas as atividades responsáveis a que o homem se dedica. Na mitologia grega, por exemplo, podemos encontrar a figura de Deuses, ou mesmo de hérois relacionados à dança. A dança entre os antigos, assim como em algumas sociedades tradicionais, liga-se profundamente à dimensão do sagrado, possivelmente inspirada em mitos. “Os rituais relacionados à dança podiam, e ainda podem, ser executados com a finalidade de obter comida, de homenagear os mortos, ou de garantir uma boa ordem do Cosmo” (ELIADE, 1991, p.32).

Uma vez que os planetas recebem os nomes de deuses e deusas da mitologia (Greco-romana especificamente), o fator astrológico planetário passa a ser portador de imagens arquetípicas, pois sua influência sobre nós baseia-se tanto na realidade simbólica quanto nas forças astrofísicas (Guttman; Johnson, 2005). A este respeito Barbault (1985) diz que cada planeta representa um componente de personalidade individual, por exemplo, Vênus simboliza a sensibilidade e capacidade de dar e receber afeto; Marte a energia, a força para batalhar e conquistar; Mercúrio a inteligência. Além disso, dentro da constelação, “o sol possui grande importância, pois a partir dele pode-se revelar uma série de tendências humanas, já que é o astro central no nosso sistema e define os signos zodiacais” (HUTIN,1970).

Para Hillman (1992) os Deuses encontrados em antigas tradições, assim como na astrologia, são imaginados como as inteligibilidades formais do mundo fenomenológico, ou seja, através deles (os Deuses) cada coisa pode ser discernida pela sua inteligibilidade inerente e pelo seu lugar específico no *Kosmos* (padrão ordenado ou organização). Assim, o psicólogo salienta que enquanto lugares, ou seja, dimensão espacial, os Deuses manifestados em antigas culturas como a Greco-romana oferecem a possibilidade de ordenação, tornando inteligível todo o mundo fenomenológico da natureza e da consciência humana:

Os Deuses são lugares, e os mitos abrem espaço para eventos psíquicos que só se tornarão patológicos num mundo humano. Oferecendo abrigo e altar, os Deuses podem ordenar e tonar inteligível todo o mundo fenomenológico da natureza e da

consciência humana. Todos os fenômenos são "salvos" pela ação de situá-los, o que de imediato lhes concede valor (HILLMAN, 1992, p.67).

Já as pesquisas realizadas por Gilbert Durand (2002) mostram amplamente que na base da função fantástica o espaço se traduz em 'reserva infinita de eternidade contra o tempo'. Significa dizer que na concepção do autor, a imaginação humana representa simbolicamente a angústia humana diante da finitude e da certeza diante da morte, atribuindo-se então ao espaço um poder eufêmico do pensamento, lugar das figurações, capacidade de diversas criações. O espaço representativo aparece como função simbólica de primeira ordem, e coloca-se conseqüentemente, como função da esperança.

Porém, além da dimensão representativa do espaço, princípio ordenador da imaginação humana, é válido notar que o politeísmo astrológico opõe-se fundamentalmente à lógica monoteísta própria da cultura Ocidental. A este respeito, é importante ressaltar que o monismo característico de toda forma de pensamento Ocidental dos últimos três séculos, atacou firmemente tal politeísmo, ressaltam Weber (1987), Durand (2008), Hillman (1992). Em favor do dever ser, os silenciadores oficiais colocavam-se contra tudo que não obedecesse à lógica unidimensional; "eles tinham por função calar os perturbadores da ordem a fim de fazer reinar o pensamento único e estabelecido" (MAFFESOLI, 2010, p.11).

Tanto as ciências quanto a teologia moderna, exerceram fortemente esta ação silenciadora, em favor daquilo que deveríamos ser. Tendo por base os argumentos de Weber (1987), poderíamos afirmar que há uma tendência por parte do pensamento Ocidental em recusar o mundo tal como é. Vale dizer que neste pensamento há uma tendência à eliminação dos pluralismos da vida humana. Nesta concepção, o mundo é percebido como imundo! Portanto, é tarefa da razão, e do puritanismo ascético, banir o irracional. Em relação a esta questão Durand (2008) nota que a gigantesca linguagem unidimensional, acaba sendo uma forma de totalitarismo sufocante e patológica, já que tenta impor um modelo que procura suprimir o que é próprio do homem: a contradição e a multiplicidade.

As divindades anímicas e as forças da natureza foram excluídas diante da elaboração de uma 'imagem de mundo' sistematicamente racionalizada pelo judeu-cristianismo. Neste sentido, Weber ressalta: as imagens de mundo

mágico-míticas introduziram significação metafísica nas ações especificamente religiosas com base na exigência de uma “pragmática salvação universal e cósmica” (WEBER, 1987, p. 245). Max Weber (1987) originariamente tinha enfatizado que o politeísmo, presente em diversas culturas tradicionais, esteve ligado à imanência das divindades e da natureza, o que de certa forma contestava a lógica monoteísta judaico-cristã com seu apelo à redenção, à salvação e à transcendência.

No politeísmo prevalece a concepção animista, os ‘poderes e potências divinos’, com os quais os humanos e as outras ‘pessoas’ mais que humanas ou ‘todos os nossos parentes’, são encorajados a se tornarem íntimos (OLIVEIRA, 2008, p. 395). Seres animados e seres inanimados passam a ligar-se mutuamente, tendo em vista a participação recíproca de um mesmo princípio vital. Por não haver separação entre as diversas dimensões do cosmos, o homem, os pássaros, as árvores passam a comunicar-se; na astrologia, especificamente, o divino toma simbolicamente residência em matéria estelar.

Já a dimensão transcendental proporciona ao homem ir além do mundo material objetivo através de símbolos (Durand, 2002). Nas religiões, em especial no judeu-cristianismo, frequentemente há menções de que o mundo profano é transcendido através do simbolismo da “porta” que se abre para o sagrado, como ilustra o texto Bíblico: “Em verdade é aqui a casa de Deus: é aqui a Porta dos Céus!” (GÊNESIS, 28: 1219). Este portal de acesso entre o sagrado e o profano oferece a Deus a possibilidade de descer à Terra, e ao homem poder subir simbolicamente ao Céu (ELIADE, 1999, p.19). Na perspectiva teológica de Santo Agostinho, somente via transcendência o homem poderia alcançar a felicidade, pois sendo o mundo material corruptível, priva o homem do bem. Dessa maneira, se as coisas mundanas fossem absolutamente boas, seriam incorruptíveis (Agostinho, 1999).

Nas religiões orientais a experiência mística fundamental, ou seja, a superação da condição humana, se expressa por uma imagem dupla: a ruptura do telhado e o vôo nos ares. No plano mítico, “o gesto exemplar da transcendência do Mundo é ilustrado por Buda, ao proclamar que ‘quebrou’ o Ovo cósmico, a ‘concha da ignorância’ e que atingiu ‘a bem aventurada, e universal dignidade’” (ELIADE, 1999, p.19). Na idade média, os alquimistas aspiravam efetuar a “Grande Obra”. Era por meio da transformação de diversos elementos minerais que se realizava tal

processo. “O homem natural era comparável aos metais vis. A meta seria transformá-lo no novo homem, que corresponderia ao ouro, o metal puro por excelência” (SILVEIRA, 2011, p.120). Os místicos entendiam que no processo alquímico o verdadeiro laboratório era o homem, sua possibilidade de capacidade de abertura para novos estados, a possibilidade de transcendência.

Segundo Eliade (1999), na dimensão transcendental predominam a “altura”, o supra-terrestre, e o infinito que se revelam ao homem como um todo, tanto à sua inteligência como à sua alma. É uma tomada de consciência total: em face do Céu, o homem descobre ao mesmo tempo a incomensurabilidade divina e sua própria situação no Cosmos. Ainda, conforme o historiador das religiões: “O Céu revela diretamente a sua transcendência, a sua força e a sua sacralidade. A simples contemplação da abóboda celeste provoca na consciência - o que podemos chamar de uma experiência de comunhão com o sagrado” (ELIADE, 2008, p. 39).

Porém, ao invés de superação da realidade objetiva, a astrologia proporciona possibilidade de mediação entre dimensões aparentemente antagônicas; o macro e o microcosmos. Numa perspectiva animista, poderíamos dizer que para a astrologia “o Mundo se revela enquanto linguagem. Ele fala ao homem através do seu próprio modo de ser, de suas estruturas e de seus ritmos” (OLIVEIRA, 2008, p. 398). Portanto, existe uma ordem, ou melhor, uma harmonia no universo que vincula todos os elementos, e que por isso pode ser lida através da natureza, da astrologia, da magia. Entre os Almanaqueiros sertanejos, por exemplo, podemos observar que a busca de previsões astrológicas mais precisas referem-se a um modo específico de ordenamento do mundo. Para Nogueira (2008), de um lado o que se evidencia é o destino social, de outro o individual.

Na concepção astrológica, especificamente, onde predomina a visão do Homem tradicional, há uma interconexão fundamental entre natureza/cultura. Além disso, é possível ressaltar que em tal perspectiva não há separação homem/natureza/ordem cósmica; o mundo material reflete o espiritual, sendo possível relacionar cada evento a uma intenção e a um significado ‘divino’. Entendamos que na astrologia todo universo é percebido como símbolo. Daí a grande relevância do mapa natal.

O intuito fundamental do mapa natal na astrologia é a domificação, (através do *domus* casa), ou seja, transferência do macrocosmo para o microcosmo

através das casas expressas em um diagrama com uma forma circular subdividido; “elas dizem respeito a vários aspectos da existência, o ter, o aprender, o sonhar” (DURAND, 2008). As casas astrológicas falam da vida prática, elas são linhas fictícias que partem da Terra e cortam o céu em doze em faixas. O mapa natal pode ser compreendido como um complexo diagramático composto, além das casas astrológicas, pelo simbolismo dos signos e planetas. Para se elaborar um mapa natal, os astrólogos recorrem aos registros de nascimento, hora, data, longitude, latitude; “e de posse destes dados, constroem um diagrama onde são marcadas as posições dos planetas não só nos signos, mas também em relação ao observador na Terra” (COSTA, 2005, p.72).

De acordo com Hutin (1970) os símbolos dispostos nos diagramas astrológicos poriam em evidência todos os problemas que suscitam estudos aprofundados da mitologia. Além disso, eles estariam relacionados com o inconsciente coletivo, pois carregam experiências profundas, vividas por toda a humanidade. De maneira geral, significam todo o processo de desenvolvimento da consciência humana — o ciclo de morte e renascimento que é comum a todas as mitologias em todo o mundo e que constitui a história ou mito essencial da alma (GUTTMAN; JOHNSON, 2005). Portanto, nos diagramas astrológicos, assim como no pensamento Tradicional, não há dualidade radical entre homem e mundo. O universo e o homem se apresentam simultaneamente, como múltiplos e diversos. Mas, ao mesmo tempo, um múltiplo que não se separa do um. Por esse véis o homem corresponde conseqüentemente, a um sistema hipercomplexo e paradoxal.

## **2.5 Mudança de Paradigmas na ciência ou o reencantamento do mundo?**

No último século, vimos as ciências humanas, (psicologia, sociologia, história, etnologia) enclausurarem-se em suas especificidades: o resultado foi à fragmentação dos diversos níveis do conhecimento e da vida. No que diz respeito à relação física/biologia/antropologia, cada um destes termos foi isolado, e a “única ligação concebível foi a redução da biologia à física, da antropologia à biologia” (MORIN, 2008, p.31).

É que durante a modernidade, a visão dicotômica dos múltiplos aspectos da existência amparou uma concepção de mundo cujos ideais de unidade

e identidade foram amplamente difundidos (de maneira que o princípio de exclusão serviu de fundamento às mais variadas dimensões da vida e do social); os binarismos se sucederam: vida/morte, amor/ódio, homossexual/heterossexual, real/imaginário, entre tantos outros.

Para Jung (2008) o homem moderno compartimentou-se em gavetas, separando aspectos e nunca os confrontando. Daí, na medida em que aumentou quantitativamente seu conhecimento científico, a figura humana isolou-se do cosmos perdendo sua identificação emocional com os fenômenos da natureza. Em relação à vida, o humano, sobretudo o Ocidental, acreditou ser senhor de sua alma, embora tenha permanecido incapaz de controlar as suas emoções e humores.

Na tentativa de eliminar todo nosso lado obscuro, o conhecimento científico conduziu-nos a uma espécie de conflito: acima de tudo levou o pensamento do Ocidente a desenvolver o medo da sombra. Recusando admitir a dependência de forças que fogem ao nosso controle, erigimos o lema: 'querer é poder'. A este respeito, Jung (2008) assinala as consequências de tal atitude:

Para sustentar esta sua crença, no entanto, o homem contemporâneo paga o preço de uma incrível falta de introspecção. Não consegue perceber que, apesar de toda a sua racionalização e toda a sua eficiência, continua possuído por "forças" fora do seu controle. Seus deuses e demônios absolutamente não desapareceram; têm, apenas, novos nomes. E o conservam em contato íntimo com a inquietude, com apreensões vagas, com complicações psicológicas, com uma insaciável necessidade de pílulas, álcool, fumo, alimento e, acima de tudo, com uma enorme coleção de neuroses (JUNG, 2008, p.103).

Assim, as forças que fogem de nosso domínio, a natureza animal do homem, permaneceram durante o período moderno como um mal a ser combatido. Desde então, deparamo-nos com a dissociação dos termos indivíduo/sociedade/espécie. Operou-se uma radical ruptura na relação antro-po-cosmo: tornamo-nos, simultaneamente, filhos do cosmos, órfãos do cosmos e estrangeiros do cosmos. Somos filhos do cosmos na medida em que compartilhamos da mesma identidade física que as estrelas, átomos e moléculas. Mas, nos tornamos estranhos ao cosmos

no momento em que deixamos de nos inscrever nele (cosmos). O laço que liga o homem ao cosmos foi rompido, sucumbimos à lógica da dominação do tempo, ao mesmo tempo houve a desmitologização dos astros. Como já mencionamos, as ciências modernas tiveram um papel decisivo nesta ruptura.

O desenvolvimento da astrofísica, por exemplo, culminou no desencantamento dos astros. Significa dizer que o “sol deixou de ser percebido como um deus e transformou-se em num motor de explosão nuclear, assim como a lua, que não é mais uma deusa e sim um deserto sem nenhuma forma de vida. O céu esvaziou-se de seus mitos” (CASSÉ; MORIN, 2008, p.14-15).

As cosmologias científicas acabaram por distanciar alma/homem, o que corresponde à perda da totalidade. Na medida em que se reitera a fragmentação, questões fundamentais do ser humano permanecem irresolúveis: “as cosmologias científicas não falam da alma, portanto, não falam à alma, não falam sobre a sua razão de ser, como ela vem a ser, e quais são suas prováveis tarefas” (HILLMAN, 2001, p.59).

Foi preciso esperar pelas novas descobertas da física relativista, da química, da biologia, para o pensamento Ocidental reassumir que o universo comporta muito de desconhecido e inconcebível. Na medida em que as descobertas recentes da astrofísica e da física retomam problemáticas relacionadas às concepções do universo e da natureza, reconhece-se, cada vez mais, a complexidade da vida humana. Um exemplo disso é que a teoria do big-bang amplamente aceita no período moderno, não goza mais de mesma autoridade. A ideia da criação da vida a partir de um ponto zero encontra-se no mínimo desgastada, e a esse respeito comenta o astrofísico Michel Cassé:

Anuncio solenemente que a noção de big-bang, que parecia conferir credibilidade à tese dos monoteísmos judeu, cristão e islâmico de uma criação única – e mesmo *ex nihilo*, que para o pensamento racional é uma aberração – se encontra banalizada. (CASSÉ; MORIN, 2008, p.33).

Evidencia-se a passagem de uma concepção de universo mecânico, leia-se causal, para o entendimento de um universo extraordinariamente composto de buracos negros, e de variados tipos de energias. Desde então, noções como

vazio e pleno, ser e não ser relativizaram-se. Os determinismos que instituíram as ciências modernas e seus respectivos modelos fundadores de uma *episteme* cujos princípios de linearidade temporal, estabilidade e lógica, encontram-se na contemporaneidade desestabilizados. O químico Ilya Prigogine (1996), por exemplo, assinala a relevância do *princípio de incerteza* para compreender tanto o universo, como a condição criativa das sociedades humanas. Assim, as flutuações, bifurcações e instabilidades, tornam-se marcas de um novo tempo e de uma nova *episteme*. Nesse contexto, a natureza e o universo reaparecem enquanto enigmas para o pensamento Ocidental.

Esta reviravolta epistemológica se processa quando os velhos mitemas evocadores da linearidade, do crescimento biológico, psicológico e social, polarizam-se em torno do mitema da profundidade. Significa que o invisível tanto do ponto de vista físico quanto antropológico, retorna com força reconduzindo-nos a um 'real velado'. De acordo com Durand (1989) muitos foram os responsáveis por esta 'subversão' epistemológica. No século XX vimos aparecer a microfísica de Planck, a mecânica ondulatória de Broglie, as pesquisas de Lupasco, Thom, Bohm, e, sobretudo a filosofia de Bachelard, instauradora de uma lógica não-aristotélica, e de um não determinismo espaço-temporal. Desde então, acompanhamos uma relativização do conhecimento da realidade, nos diversos campos de saberes do Ocidente.

No nível sócio-antropológico o mitema da profundidade relaciona-se com a prevalência do mito, do inconsciente coletivo, relaciona-se também com a revalorização do imaginário na sua de função psíquica, sociológica, cultural, com a religação das ciências à dimensão afetiva do homem. Sem dúvida esta retomada acontece na medida em que as perspectivas funcionalistas, estruturalistas são substituídas por abordagens fenomenológicas, e perspectivas que priorizam o sensível, o estético como condição de apreender o real.

No plano do social encontramos um movimento semelhante. Trata-se cada vez mais da prevalência da emoção e da estética sobre o domínio da razão e do produtivismo econômico. Além disso, o ego aparentemente autônomo torna-se especialmente dependente de forças supra-individuais: as rebeliões, os transes múltiplos, fusões esportivas, excitações musicais, efervescências religiosas ou culturais demonstram o predomínio destas forças que fogem do controle. Disto

resulta o retorno aos diversos 'orientes míticos'. Em tudo isso há um reencantamento do mundo.

O mundo se "reencanta" na medida em que o invisível, o lúdico toma o lugar do político e do produtivismo. Para Michel Maffesoli (2003), a astrologia participa deste reencantamento já que diz respeito ao predomínio do supra-individual, da ressurgência do arcaico e também da correspondência.

De acordo com o sociólogo, na pós-modernidade o destino retoma o lugar de todo-poderoso, impiedoso, o qual, apesar da vontade do sujeito, orienta no sentido daquilo que está escrito. A retomada do tema do destino, do tempo ciclo apresenta-se, por exemplo, na leitura do mapa natal. Aqui o tempo Cíclico se sobrepõe ao tempo Histórico, e simultaneamente delinea-se uma relação profunda entre Caos e Cosmos, ordem e desordem. Já a correspondência seria este ponto nodal que assegura junção de três dimensões que estruturam toda sociedade: "a relação à alteridade natural, a relação à alteridade social e o conhecimento que se pode ter destes" (MAFFESOLI, 1988, p.155).

Enquanto um fenômeno da sociedade, a astrologia tende a acentuar a correspondência entre o indivíduo e o mundo com os diversos fenômenos que o constituem. Por esta razão, o sociólogo ressalta que não há nada no campo da política, do esporte, da religião da educação no qual a astrologia não possa exercer sua influência. Assim, a astrologia ocupa lugar no espírito do tempo, pois sendo a consulta astrológica cotidiana nada pode ser feito sem ela.

Enfim, salienta Maffesoli (2003); "ao invés de negarmos seria prudente consideramos que a astrologia ocupa um lugar central na pós-modernidade". Neste sentido, convém lembrar que para o pensador francês a cultura brasileira, caracteristicamente marcada por diversos sincretismos, sempre foi pós-moderna. Na dinâmica cultural brasileira o que constantemente esta na ordem do dia é à predominância dos valores plurais, a ordem da festa, a ambiguidade, o feminino e dos diversos espiritualismos.

### **3. CAPÍTULO- II**

#### **3. 1 MITOCRÍTICA DO DISCURSO ASTROLÓGICO NO RECIFE**

*A vida se mostra como imagem antes mesmo de haver história de vida.*

James Hillman

No capítulo anterior tivemos a intenção de mostrar que diversos autores deram destaque ao retorno da astrologia na cultura Ocidental. Expusemos, ainda que de forma breve, as várias linhas de interpretação. Realizamos a tarefa de percorrer alguns panoramas teóricos e chegamos à compreensão de que de um lado o regresso da astrologia tem a ver com a crise da cultura, de outro com o retorno do mito. Seguindo a segunda perspectiva, concordamos com a ideia de que há algum tempo estamos em presença de um clima de alta ‘pressão imaginária’; o que significa uma prevalência do simbólico, do estético, do emocional, e do pluralismo dos valores na cultura Ocidental.

Neste capítulo, iremos analisar as narrativas expressas por pessoas que vivenciam a astrologia no Recife. Interessa-nos nesta etapa, compreender as dimensões imaginárias manifestada na vivência cotidiana da astrologia. Mas por que focar nesta fase da investigação as dimensões imaginárias da astrologia? Em primeiro lugar, pelo fato do imaginário encontra-se subjacente ao modo de ser e agir dos indivíduos e das culturas: “é através de seu estudo que se pode chegar à compreensão dos dinamismos que regulam a vida social” (ROCHA PITTA, 2005). Em segundo, devemos levar em conta que “a ascensão da astrologia na cultura Ocidental apresenta-se como indicio significativo de transformações que estão ocorrendo” (MAFFESOLI, 2005, p.70). Além disso, é importante destacar a escassez de dados específicos, em antropologia, sobre a temática no contexto brasileiro. Isto sugere a necessidade de uma pesquisa que exponha as dimensões simbólicas manifestas por aqueles que fazem uso da astrologia.

Basearemos-nos na mitocrítica (método formulado por Gilbert Durand) para realizar nossa análise. A mitocrítica é um método de crítica literária, de crítica do discurso que busca a compreensão de qualquer relato de caráter mítico. Enquanto método de análise, a mitocrítica põe em evidência mitos diretores, num autor, numa obra de uma época, e em uma determinada cultura, revelando em alguns casos significativas transformações. Essa perspectiva mostra que “cada modelo cultural tem certa espessura mítica onde se combinam e se afrontam mitos diferentes” (DURAND, 1983, p. 46).

A mitocrítica nos convida à busca ao mito. Veremos mais adiante que essa caçada se desenvolve a partir das redundâncias dos elementos simbólicos da imagem ou do discurso. A mitocrítica pretende desvelar núcleos míticos de uma narrativa fundamentadora que atua por detrás dela. Portanto, é através da referida perspectiva que se pode revelar um nível de compreensão maior que se alinha com os grandes mitos clássicos.

Gilbert Durand destaca três momentos para a identificação dos mitemas: primeiramente é feito um levantamento dos temas que se repetem de forma obsessiva e significativa na narrativa: são as sincronias míticas da obra. Em seguida, realiza-se um exame do contexto em que aparecem situações, personagens, cenários. Finalmente, busca-se apreender as diferentes lições do mito (diacronia) e da correlação de tal lição e de tal mito com as de outros mitos de uma época, ou espaço culturalmente determinado (DURAND, 1983). Encontrados os mitemas, selecionaremos pelo menos os quatro mais significativos, e posteriormente, analisaremos os símbolos que constelam em torno de cada mitema, pondo a descoberto seus significados e suas relações com a cultura. Basear-nos-emos em autores como Bachelard, Mircea Eliade, Gilbert Durand, Maffesoli, além do Dicionário de Símbolos de Chevalier e Gheerbrant.

### **3.2 Chegando ao Contexto da Astrologia no Recife**

Antes de seguirmos com a análise simbólica dos discursos, gostaríamos de apresentar brevemente, alguns dados concernentes ao nosso campo de estudo. Inicialmente, gostaria de dizer que o nosso campo de observação foi composto por pessoas que possuem algum tipo de envolvimento com a astrologia, tais como astrólogos profissionais, estudantes de astrologia e curiosos pelo saber astrológico. Todos os nossos entrevistados residem no Recife.

Na intenção de obter uma melhor caracterização do contexto em questão, descreveremos brevemente a trajetória de cada um de nossos entrevistados, no que se refere à vivência astrológica:

Roberto, um de nossos primeiros entrevistados tem 23 anos, e é estudante de ciências sociais, mora em Boa Viagem. Não disse ser praticante de nenhuma religião, mas considera-se espiritualista. A mitologia sempre o fascinou.

Começou a estudar astrologia por conta própria desde a adolescência. Na mesma época investiu na compra de livros de introdução à astrologia e materiais (régua, transferidor, etc). Começou a fazer leitura de mapas astrológicos para amigos, sem muita pretensão, depois aprofundou mais o estudos na técnica da leitura de mapas, e começou a comercializar as leituras dos mapas do céu. Hoje, por conta de seu curso de graduação (Ciência Sociais), não tem mais tempo de fazer leituras de mapas, embora, ainda, vez por outra, algum amigo o solicite para isso. Frequentemente frequenta academias de estudo de astrologia, pois, prefere pesquisar por conta própria. Em seu grupo de amigos a astrologia é tema recorrente, aparece como uma espécie de linguagem comum.

Por intermédio de Roberto conheci Vitor, rapaz de 27 anos que posteriormente veio me ceder entrevista. Vitor faz graduação em geografia. Na universidade conheceu a astrologia através de amigos. Recentemente experimentou a leitura de mapa do céu, e ficou fascinado pelas informações a que teve acesso. Desde então, dedica-se ao estudo simbólico da astrologia. Diz-se espiritualista, não é praticante de nenhuma religião em especial, se intitula eclético. Vê na astrologia a oportunidade de se conhecer melhor, ao mesmo tempo enxergar suas potencialidades e seus defeitos. A astrologia faz parte de sua vida de tal forma que até mesmo no trabalho tenta fazer leituras de situações cotidianas através dos símbolos astrológicos. De mesmo modo, tenta compreender situações e conflitos na família por meio da astrologia. Frequentemente frequenta escolas de astrologia.

Já Carla (42 anos), há vários anos frequenta uma das escolas de astrologia da cidade. Participa de palestras, cursos sobre astrologia e já fez leitura de mapa do céu. Procurou auxílio na astrologia em momento de crise psicológica. É fascinada pela visão poética da astrologia sobre a vida, mas nunca teve pretensões de ser astróloga. Dedicou-se ao seu trabalho. É professora de moda. Mora no bairro do Espinheiro e lá trabalha.

Através de Carla conheci Lúcia em um dos eventos sobre astrologia do qual participei. Na oportunidade, Lúcia me disse que seu contato inicial com a astrologia se deu através de um tio, que é astrólogo. Começou a participar de palestras e eventos relacionados à astrologia convidada pelo tio. Tinha 19 anos quando teve esse primeiro contato. Hoje, com 32 anos avalia que na época em que se envolveu com a astrologia não tinha maturidade suficiente nem para

compreender seu próprio mapa do céu. Lúcia sempre teve forte inclinação para experiências que levassem em conta a espiritualidade, e a transcendência do homem.

O tio de Lúcia é Paulo (45 anos aproximadamente) um dos astrólogos que tive oportunidade de conhecer. Paulo é astrólogo há mais de dez anos. Também é artista. É católico e reside em Casa Forte. Foi um dos primeiros astrólogos formados na escola Castor & Polux.

Paulo trabalha com Eduardo (52 anos aproximadamente) na academia citada. Eduardo tem uma longa experiência no ensino da astrologia. Dirige esta escola de astrologia há mais de doze anos. Reside no bairro de Casa Forte. Seu contato com a astrologia se deu nos anos 1980. Desde então, desenvolve pesquisas e realiza atividades relacionadas à astrologia. É hoje uma referência importante para muitos astrólogos.

Eliane (42 anos) foi uma das astrólogas formadas pela escola onde Eduardo trabalha (isso ocorreu na década de 1990). Além de astróloga é engenheira, entretanto nos últimos anos vem se dedicando cada vez mais ao atendimento astrológico. Possui consultório próprio. Fica situado nas Graças, bairro onde também reside. Seu contato com astrologia deu-se, por intermédio de uma amiga. Na época Eliane passava por um divórcio.

Sandra (54 anos) é professora universitária reside no bairro de Setubal e também foi discípula de Eduardo. Ficou impressionada com a experiência da leitura de mapa feita pelo próprio Eduardo. Na década de 1990 deu-se seu primeiro contato com a astrologia. Nessa época fazia análise.

Júlia (49 anos) é astróloga, mas, atualmente não faz atendimentos. Estudou várias abordagens da astrologia como, por exemplo, a astrologia estatística, entretanto, pesquisa a astrologia tradicional. Ainda, segundo Júlia, a astrologia tradicional é mais vinculada à metafísica e à mitologia (por isso é o tipo de abordagem astrológica no qual mais acredita). Seus primeiros contatos com a astrologia deram-se quando ainda era muito jovem, e morava no Rio de Janeiro. Nessa época tinha em torno de 19 e 20 anos. Dedicou muito tempo estudando, pesquisando o máximo possível sobre a astrologia. Sua formação, como Eliane, foi por meio dos cursos de Eduardo Maia.

Ângela (aproximadamente 48 anos) também fez sua formação de astróloga com Eduardo. Há mais de vinte anos estuda astrologia. Dedicou a maior parte do seu tempo ao ensino e leitura de mapas, que no seu dizer “demanda bastante energia”. Fez formação em astrologia na década de 1980 (também através dos cursos oferecidos por Eduardo). Em seu consultório, situado na zona norte, bairro de Casa Amarela (lugar onde também reside) existe um grande acervo bibliográfico sobre a astrologia. Em sua prática utiliza computadores, ferramentas que a auxiliam em sua atividade.

Também foi assistindo às aulas de Eduardo Maia, (quando na época tinha 18 anos), que Carlos (hoje com 36 anos) ficou fascinado pela astrologia. Resolveu entrar em grupos de pesquisa, e posteriormente fez curso de iniciação em astrologia. Ainda como autodidata, se interessou pela produção de textos. Participou da edição de uma revista chamada Porto do céu. Especializou-se no domínio da mitologia grega, e aos poucos foi aperfeiçoando a prática de fazer leitura do mapa do céu. Foi convidado a fazer parte do sindicato de astrólogos do Recife, e decidiu se sindicalizar. Atualmente é professor, não faz leitura de mapas com frequência, mas desenvolve atividades associando a poesia à astrologia no colégio onde trabalha.

Fábio (30 anos) é professor de filosofia. Começou a astrologia por incentivo de uma amiga. Participou de cursos ministrados por Eduardo. Se interessa por simbologia e mitologia. Hoje em dia é pesquisador da astrologia e um estudioso da metafísica ocidental.

Já Clara (50 anos) é psicóloga (se diz Espírita), começou a estudar astrologia por sentir necessidade de compreender o ser humano de uma forma mais ampla. Iniciou os estudos em astrologia por conta própria. Assiste às palestras do astrólogo Eduardo no bairro de Casa Forte (lugar onde atualmente reside), desde 1990, e participou de cursos oferecidos por diversos astrólogos. Fez leitura de mapa do céu ainda jovem. Para Clara o mapa é como se fosse uma imagem profunda da psique, “uma espécie de Rocharsh”.

Como Clara, Carol (29 anos) (trabalha com arteterapia) sempre teve curiosidade em conhecer melhor astrologia. Mas foi no ano de 2005 que fez a leitura de seu primeiro mapa do céu. Ficou impressionada com o resultado. Em seguida viajou para a Itália para estudar história da arte. Conheceu uma astróloga

entre os italianos, e através desse contato fez curso de iniciação. Ao voltar para o Brasil (um ano depois) recebeu um telefonema surpresa. Foi convidada por um astrólogo recifense para ser produtora de eventos. Há alguns anos trabalha na produção de eventos, tais como palestras e mini-cursos. Admira os eventos sobre a astrologia por serem atividades que vinculam produções científicas, culturais e artísticas. Hoje em dia Carol se dedica às pesquisas em astrologia.

Maria (36 anos) é arteterapeuta, reside em Setubal e desde criança se interessa pela astrologia. Ainda muito pequena teve curiosidade para saber mais sobre o próprio signo. Passou a estudar seu signo, suas características pessoais. Maria graduou-se em letras, é católica e estuda mitologia, principalmente os mitos da cosmogonia da literatura espanhola (a região da América do Sul colonizada pelos espanhóis). Desde cedo teve a impressão de que havia uma coisa que liga o céu a terra. Quando se iniciou na contação de histórias e começou a aprofundar cada vez mais os mitos, aprofundou o seu estudo em astrologia. Hoje, Maria trabalha em diversos consultórios.

Vera (42 anos) é casada, tem um filho e mora no bairro da Boa Vista. Trabalha no setor de comunicação de uma empresa de arquitetura. Na mesma empresa em que Vera trabalha, astrólogos desenvolvem atividades que visam melhorar o relacionamento e a comunicação entre os empregados. Depois da inserção de astrólogos na empresa, a comunicação se tornou mais “eficiente” segundo Vera. Recentemente vivenciou a leitura de mapa.

Na mesma empresa em que trabalha Vera, Camila (38 anos) dirige o setor de Recursos Humanos. Desde ano de 2009 auxilia os astrólogos nas atividades realizadas na empresa, como por exemplo, na divulgação de campanhas que incentivem uma melhor convivência entre os grupos que formam a empresa. Frequentemente, Camila reúne-se com os astrólogos para discutir temas que podem ajudar os empregados a melhorar o desempenho dentro da empresa. O trabalho com os astrólogos.

Foi a partir do contato com as experiências e trajetórias citadas acima que se tornou possível à aproximação com o contexto estudado.

Segundo nossos entrevistados, há uma significativa comunidade de astrólogos na cidade, podendo-se encontrar ainda diversas escolas de estudo de astrologia. Ainda de acordo com nossos entrevistados, existem pelo menos quinze

consultórios, e em torno de quarenta astrólogos que realizam leituras de mapas cotidianamente no Recife. Também há um sindicato de astrólogos na cidade que se preocupa com as questões de direito trabalhista. Muitos astrólogos, tem dupla jornada de trabalho, ou seja, além exercerem a astrologia desenvolvem outras atividades remuneradas (conforme a revista constelar). Na maioria das vezes, precisam de outras atividades para complementar a renda.

Dentre diversas escolas, podemos destacar a academia Castor & Polux. Elegemos este espaço como campo de observação por se tratar de um centro de referência para estudos sobre astrologia, e por ser centro formador de astrólogos recifenses.

Oficialmente, a academia Castor & Polux foi um dos primeiros espaços de estudos sistemático da astrologia a ser fundado na cidade. Lá se desenvolve uma série de atividades. Na academia são oferecidos cursos médios, superior, e de iniciação à astrologia. Além disso, realizam-se assessorias políticas, empresariais, desportivas, intelectuais, artísticas. Situada no bairro de Casa forte, zona norte do Recife, esta escola agrega interessados nos atendimentos oferecidos pelos astrólogos que vão desde consultas e leituras de mapas até a formação de grupos de estudo, cursos e *workshop*. Por lá passam pessoas que se debruçam sobre o vasto repertório da astrologia, que inclui o estudo da mitologia, do simbolismo, da história das religiões, arte, e filosofia. Além disso, a demanda por consultas faz com que a academia seja intensamente procurada.

No espaço em questão, as pessoas estabelecem laços, uniões, trocas. As afinidades indicam a dimensão intersubjetiva que está implícita no meio astrológico, ou seja, um *lócuscentramento* que corresponde ao compartilhamento das emoções e sentimentos dos quais Maffesoli (2004) fala, ou ainda, o compartilhamento das paixões que estão na base do estar junto, nos termos Simmelianos (2005).

A academia conta hoje com três astrólogos que organizam atividades, e realizam eventos anuais. Eduardo Maia é o fundador da academia e um dos pioneiros no estudo da astrologia no Recife. A astrologia praticada neste contexto liga-se a modelos de doutrinas religiosas e filosóficas milenares, e agrega os princípios da mitologia Greco-romana em seu *corpus*. Eduardo, como outros astrólogos no Brasil, filia-se ao pensamento tradicional de místicos como Luc

Benoist. A tradição aqui “é a transmissão de um conjunto de meios consagrados que facilitam a tomada de consciência de Princípios imanentes da ordem universal, já que o homem não deu a si mesmo a sua razão de viver” (LIMA Jr, 1996, p. 13). Nesse sentido todo astrólogo tradicional tem por função ser um iniciador na arte da astrologia.

Imagem 01- foto tirada em 2011 no aniversário da Academia Castor & Polux.

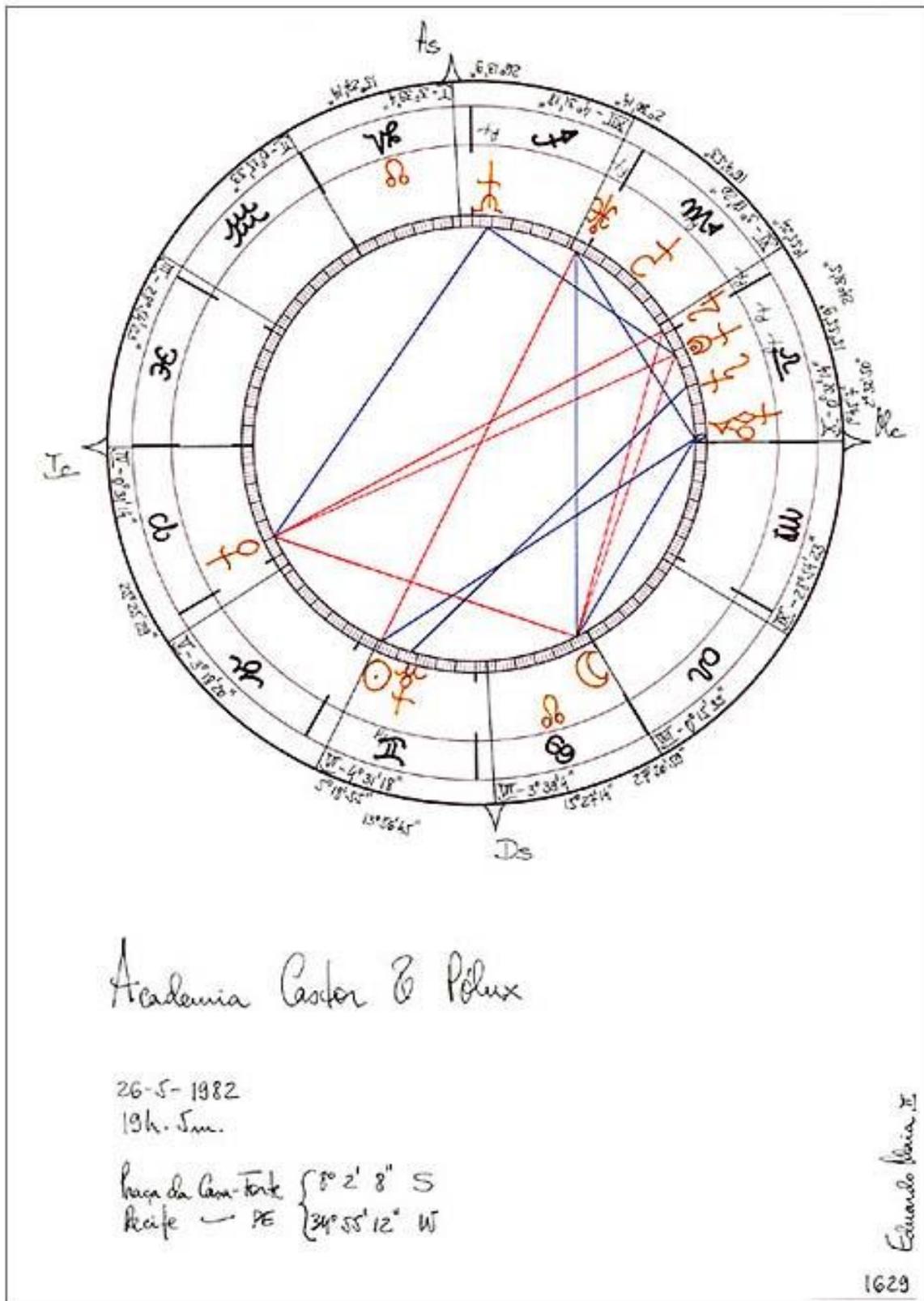


Quando nos referimos à Tradição Astrológica, pretendemos designar o manancial de conhecimento astrológico praticado desde a época helenística até o final do século XVII. Este conhecimento é como dissemos anteriormente, o herdeiro das civilizações babilônica, grega, árabe e europeia medieval. Os que prosseguiram estes estudos empregaram a expressão “Astrologia Tradicional” para distingui-la da astrologia contemporânea (reconstruída sobre bases incompletas em finais do século XIX e que, entretanto já dera origem a uma miríade de abordagens divergentes)” (AVELAR e RIBEIRO, 2007, p. 13-14).

No pensamento tradicional a questão do individualismo, (entendendo-se como negação de qualquer princípio superior a si mesmo) é frequentemente criticada. Segundo astrólogo tradicional Lima Jr.(1996), o individualismo é uma perspectiva doente já que prega o indivíduo como autônomo e

autossuficiente. O esoterismo aqui se encontra vinculado a todas as grandes Tradições<sup>3</sup> do mundo, que têm um ponto de vista mais profundo sobre as coisas sagradas.

Imagem 02- Mapa do Céu da Academia Castor &amp; Polux (26-05-1982/19h5min)



### 3.3 Os primeiros encontros:

Foi especificamente na Praça de Casa Forte, bem perto da atual sede da academia, que se originou o primeiro curso de Astrologia em Pernambuco, intitulado o "Céu em três esferas", no dia 26 de maio de 1982, às 19h05m, dentro do Centro de Estudos Grau Maior. Vemos através da mandala acima que a academia nasce com o sol em Gêmeos, tal como o seu fundador.

Visitei a escola pela primeira vez no ano de 2010 em um curso promovido para iniciantes da astrologia. Nesta época conhecia muito pouco sobre a vivência da astrologia na cidade. Na ocasião pude perceber que a escola possuía um aspecto acolhedor e um refinamento estético no ambiente. O curso promovido pela academia reunia de uma só vez, astrólogos profissionais, iniciantes em astrologia e funcionários de organizações.

O primeiro contato com membros e participantes da academia permitiu-me uma relativa aproximação com o contexto. No referido evento conheci um dos astrólogos que atua no local. Solicitadamente, deu-me algumas informações sobre a condução de seu trabalho. Minha figura como pesquisador aparentemente não lhe causou nenhum constrangimento, ao contrário ele se mostrou disponível para uma eventual conversa.

O acolhimento de um pesquisador acadêmico justamente em um contexto marginalizado durante séculos pela academia institucionalizada foi um acontecimento bastante significativo, abriu-me a possibilidade de uma intensa troca de afetos e de ideias. Ainda na ocasião do curso de introdução à astrologia, tive a oportunidade de ser apresentado a Roberto, um jovem de vinte e três anos, estudante de ciências sociais que posteriormente veio a me ceder uma entrevista. Na oportunidade relatou seu costume de frequentar fóruns e encontros sobre astrologia. No seu entender, há nestes eventos a oportunidade de encontrar pessoas de 'fora', de poder estabelecer trocas. O rapaz fez questão de relatar seu interesse pela astrologia:

*“A minha inclinação por astrologia é de natureza mitológica. A astrologia veio como uma coisa banal, comprando revista na banca, ver jornal. Depois perguntava às pessoas; qual é seu*

*signo? Aos poucos fui pesquisando na internet. Depois fui comprar meus livros, comecei a comprar a régua, transferidor, essas coisas... Depois comecei mesmo a fazer pra vender o mapa completo, cheguei a esse nível” (Roberto).*

Em muitos casos o contato com a astrologia (no contexto pesquisado) se dá por intermédio de um amigo, pelo acesso à internet ou jornal, ou mesmo pelo contato da leitura de uma revista, como no caso de Roberto. Mas é importante esclarecer desde já, o fato de que o interesse pela astrologia apresenta constantemente uma motivação pessoal, embora os motivos expressos por nossos entrevistados sejam diversos.

Também são diversos os comportamentos dos indivíduos frente à astrologia. A esse respeito, Costa (2005) apresenta uma diferenciação no comportamento dos cariocas: aqueles que se limitam a acompanhar as colunas de horóscopos divulgadas nos meios de comunicação; aqueles que consultam astrólogos, em sessões particulares, mas que não procuram entender o sistema; e, finalmente, os que se esforçam em compreendê-lo e manuseá-lo por conta própria. Durante o período de nossa pesquisa, observamos características semelhantes no contexto recifense, destacando-se, entretanto, a importância dada à leitura ritual do mapa do céu. A experiência da leitura do mapa do céu é citada por todos os nossos entrevistados. Um exemplo deste aspecto nos é dado pelo comentário manifestado por Carla, antiga frequentadora da escola de astrologia. Falávamos sobre os cursos de astrologia quando lhe veio a lembrança repentina do momento após a experiência da interpretação de seu mapa:

*Saí daqui atordoada, quando cheguei lá fora parecia que estava em lugar estranho. Há dezenove anos Eduardo (astrólogo) disse que deveria seguir carreira de professora, somente há seis comecei a ensinar. Já tínhamos visto isto diversas vezes, mas era aquela pessoa que tinha medo de falar em público, sempre passava mal quando tinha que apresentar algum trabalho. Mas desde a minha banca de especialização em moda, nunca mais senti isso. E todos os*

*convites que me faziam, envolvia alguma apresentação ou fala em público (Carla).*

O rito da leitura do mapa do céu é uma vivência cotidiana. As consultas astrológicas versam sobre o tema do nascimento e suas variáveis, signos, planetas, casas e aspectos, evidenciam o modo peculiar de ser do indivíduo, seu caráter, suas aspirações, assim como seus ciclos. A leitura do mapa propicia, sobretudo, um mergulho no interior da psique, numa intemporalidade mítica. Este ‘não tempo mítico’ coloca em correspondência o indivíduo e o mundo à sua volta. “Talvez isso resulte em uma maneira de viver o retorno do mito e, portanto, de escapar a uma temporalidade muito marcada pela utilidade e linearidade” (MAFFESOLI, 2003, p. 65):

*...a gente vê que muito pequeno esse mundo, e que o ser humano quer ser o dono da verdade, e quando a gente percebe que existe uma correlação, na parte e no todo. É uma cadeia desde os animais. Essa busca que as pessoas dizem da espiritualidade, que é olhar o mundo mais metafisicamente, saindo do racional, saindo do movimento cartesiano, não vendo o homem só aqui, mas uma coisa bem mais ampla... (Julia).*

A leitura ritualizada do mapa do céu é uma experiência profundamente significativa, em muitos casos possibilita uma ampliação e modificação na percepção que o indivíduo tem de si:

*Mudou o entendimento de mim mesma. Hoje eu sei que no final tudo vai dá certo, me desespero menos, por saber que é assim. São ciclos meus, e sempre vai ter uma coisa difícil... Perceber um pouco mais nas entrelinhas, não tomar um susto com a coisa que chega, ou tratar com descaso a coisa que chega, mas tentar entender (Carla).*

A consulta astrológica, assim como o aprofundamento na literatura da astrologia, proporcionam em muitos casos as condições em que o desenrolar da vida pode ser pensado, as experiências ganham diferentes significações. Por trabalhar com uma linguagem simbólica, a astrologia tende a priorizar o sentido, ou seja, as coisas passam a ter uma qualidade escondida que não pode ser acessada somente pelo pensamento racional. O que está em jogo nesta vivência é uma intenção de ultrapassar, ou pelo menos lidar com o sentimento de fragmentação.

Autores de diversas áreas têm concordado com a ideia de que o sentimento de fragmentação, cada mais vez presente na sociedade contemporânea, leva-nos à perda da noção da totalidade induzindo-nos muitas vezes a uma série de conflitos. De acordo com Bhom (2008), a consciência desse estado de fragmentação é antiga, entretanto, desde tempos imemoriais o homem buscou a totalidade, física, mental, social e individual. No campo da epistemologia, Edgar Morin dedica vários estudos à questão da fragmentação. O pensador da complexidade mostra que os saberes das ciências modernas fracionam incessantemente o homem, pois, compartimentam-no em domínios cada vez mais especializados.

Morin reconhece também que o sucesso atual da astrologia no Ocidente deve-se ao fato da mesma não se adequar a uma lógica fragmentadora. Portanto, para o autor, “a astrologia retorna com força na contemporaneidade por se referir ao que está fora do alcance da ciência: a dupla preocupação do sujeito individual de se conhecer e conhecer seu futuro” (MORIN, 2010, p. 185-186).

Na astrologia se observa um esforço em dar uma resposta à passagem do tempo, ao destino, e inevitabilidade da morte, por meio de um vasto repertório simbólico e mítico. Isto se relaciona com um ato de criação frente à angústia e à finitude da vida tal como nos descreve Durand (2002). A vivência astrológica possibilita em inúmeros casos a possibilidade de integrar experiências, ideias e afetos antes separados na consciência individual. A esse respeito Maffesoli (2005) pontua que é “um sentido de fusão, de união que preside tudo que cerca a vivência astrológica” (MAFFESOLI, 2005, p. 55).

*Então eu costumo dizer para minhas amigas... Eu recomendo todo mundo fazer o mapa, parece que eu ganhei dez anos de terapia numa leitura do mapa. No fundo, com passar do tempo não são dez anos de terapia e sim você ganha consciência,*

*você passa a enxergar muita coisa, mas você não muda a atitude, é difícil a gente mudar... Só com as histórias acontecendo que eu pude mudar o comportamento. Mas ali, na leitura do mapa eu ganhei entendimento e compreensão do que fazia inconscientemente (Carol).*

*Antigamente se eu ficasse brava, eu não pensava duas vezes eu já estava mais do que esquentada, e às vezes eu magoava as pessoas desnecessariamente, isso quando pisavam nos meus calos. E depois de certo trabalho eu vi que não precisava fazer isso, a pessoa tem que ter uma resposta, mas eu não preciso dar logo, até porque o logo não é amadurecido. Isso ajudou a verificar essas coisas, e é bom que na proporção que você vai se conhecendo você vai despertando sua consciência para algo maior (Sandra).*

Segundo Gilbert Durand (2008) a astrologia opera através da leitura do sentido das figuras. É por meio dessas imagens (astrológicas) que o ego do indivíduo pode ser apreendido como um todo plural, com seus bons e maus aspectos, com suas qualidades discordantes e contraditórias.

Durante o desenrolar da pesquisa pude compartilhar vivências com indivíduos que por diversas razões buscam chegar a uma compreensão deste 'eu' plural através da astrologia. Inserido neste contexto, passei a participar de palestras cursos e exposições envolvendo a experiência do ensino da astrologia. Além disso, procurei assimilar o sistema astrológico, sua simbologia e as imagens que me pareceram significativas, ou seja, passíveis de serem interpretadas.

No período de 2010 a 2011 realizei entrevistas semiestruturadas, com cinco astrólogos e dez estudantes e interessados em astrologia, fora do ambiente dos cursos e palestras sobre a astrologia. Tais entrevistas, além de constantes conversas informais, auxiliaram-me na aproximação e estabelecimento do vínculo com o campo pesquisado. Do material registrado e transcrito pude apreender alguns temas fundamentais.

### 3.4 Temas Fundamentais:

Os temas são certas imagens que se repetem ao longo de um texto ou contexto, direcionando o pesquisador para os significados básicos de uma obra da cultura. Numa narrativa, alguns símbolos tendem a se repetir: é o fenômeno de redundância que vai revelar o tema. Por exemplo: “se o tema for o amor, a repetição da imagem da rosa, a cor das pétalas, a posição em que esta se encontra, o local onde cresce, etc. vão formar um conjunto que permitirá perceber a "potência simbólica" desta imagem de "rosa" que vem explicitar a qualidade do amor” (PITTA, 1995).

Os trabalhos apresentados por Gilbert Durand (2002) demonstram que a partir dos temas levantados numa determinada obra e época, pode-se chegar aos mitemas (pequena unidade redundante que informa sobre a intenção da obra ou narrativa). Ainda de acordo com uma das o antropólogo, o mito é um sistema dinâmico de símbolos, arquétipos e shèmes, sistema dinâmico que, sob o impulso de um shèmes, tende a compor-se em narrativa. Dessa forma, toda narrativa mítica constitui-se já como um esforço de racionalização, pois, prevalece-se do caminho do discurso, em que símbolos se transformam em palavras e os arquétipos em ideias. Além disso, é “função do mito fornecer modelos de comportamentos, ou seja, permitir a construção individual e coletiva da identidade” (PITTA, 2005, p.18). Portanto, é a partir do mito que o homem organiza o mundo, estabelecendo relações entre as diversas partes do universo, entre os homens entre si.

A teoria de Durand nos diz também que a imaginação humana representa simbolicamente a angústia humana diante da finitude e da certeza diante da morte. A imaginação tende a criar várias imagens e símbolos que triunfam diante da morte. O homem pode ser entendido a partir de certas estruturas de seu imaginário, que desde os primórdios são capazes de produzir certas ações subjetivas a partir de toda uma dinâmica de arquétipos de seu inconsciente coletivo. Portanto, o imaginário constitui-se então como uma representação simbólica da própria maneira que o homem se relaciona com o mundo.

Para expor de modo analítico as manifestações simbólicas expressas nos discursos e comportamentos dos indivíduos, a perspectiva

*mitodológica* de Gilbert Durand será empregada. O método próprio de estudo do imaginário que visa através da mitocrítica e da mitanálise descobrir nos textos e nas sociedades os mitos que os subentendem (DURAND, 1993). Como já mencionado nos basearemos na mitocrítica.

De acordo com Teixeira & Araújo (2011) a principal função da mitocrítica é a de revelar os mitemas de uma determinada obra da cultura, que por sua vez, pertencem a um fundo arquetipal e trans-histórico da humanidade. Portanto, a mitocrítica visa, sobretudo, extrair das obras os cenários, os temas redundantes, os mitemas característicos. Nessa perspectiva, a noção de redundância possui característica fundamental no discurso mítico. O que deve ser levado em consideração são os elementos simbólicos que diretamente ou indiretamente se repetem (DURAND, 1983). Durand (2004) chega a recorrer à metáfora da música para afirmar que do mesmo modo que o mito, a melodia repousa sobre inversões simétricas dos “temas” que só podem ser apreendidos pela redundância. Em tal perspectiva essa:

“redundância” que assinala um mito, a possibilidade de arrumar os seus elementos (mitemas) em “pacotes” (enxames, constelações, etc.) sincrônicos (isto é, possuidores de ressonâncias, de homologias, de semelhanças semânticas) ritmando obsessivamente o fio “diacrônico” do discurso (DURAND 1996, p. 247).

Para melhor entendimento da noção de mitema cabe aqui citar, mais uma vez, os trabalhos de Gilbert Durand, quando identifica cinco mitemas essenciais em Portugal (Mitemas- ‘realiza perdida’, ‘reinos de Luz’, ‘regresso’, ‘pergunta oculta’) dentro do grupo mítico definido como “Idade de Ouro”: um dos mitemas encontrados por Durand é o Mitema da “realeza perdida”. O referido Mitema é redundante, e constela o tema da Saudade - que atravessa toda a História e Cultura de Portugal (no sentido mais lato) enraizado nas origens gregas da civilização europeia, nomeadamente no mito de Cronos, deposto por Júpiter e pela sua descendência e reeditado no mito graálico do “rei doente”.

No que se refere ao nosso campo de estudo, observamos pelo menos três temas fundamentais que se expressam de forma obsessiva: o Autoconhecimento, o Nascimento e o tema da Relação com o Outro.

### 3.5 Primeiro Tema: O Autoconhecimento:

Autoconhecimento é um tema amplamente abordado em antropologia. Autores como Lévi-Strauss e Clifford James, por exemplo, tentam mostrar que o trabalho etnográfico possibilita ao pesquisador o autoconhecimento, a auto-percepção, o que se dá a partir da percepção e entendimento do Outro. O que somos e entre quem estamos? Esta pergunta permanece aberta dentro da perspectiva etnográfica. Já Grossi (1992), coloca que a temática do autoconhecimento liga-se ao tema do "encontro" na medida em que envolve uma "relação intersubjetiva". Isso possibilita não somente ao antropólogo conhecer "o outro", mas também a si - "conhecer-se". Nesta perspectiva, o objetivo da Antropologia enquanto disciplina deixa de estar ligado a um estudo de povos num espaço cultural ou histórico particular, pois passa a caracterizar-se como uma maneira de olhar o outro e a si mesmo (em relação).

O tema do Autoconhecimento também é frequentemente encontrado no material literário sobre a astrologia (acessado em revistas, artigos na internet e em livros de ensino da astrologia) e nas narrativas apreendidas por meio de entrevistas, principalmente, por aqueles que passaram pela experiência da leitura ritual do mapa do céu. Esse tema se expressa de diversas formas pelos entrevistados, como por exemplo: conhecer suas características, conhecer a ti mesmo, conhecer o próprio temperamento e assim por diante:

*A astrologia veio para mim como um autoconhecimento, do mesmo jeito que... que você procura uma consulta de tarô, um terreiro, você tem a necessidade de conhecer alguma coisa que é sua, para dar conta da interação que você vive o tempo todo (Roberto).*

*A astrologia veio para mim como uma forma de autoconhecimento, de trabalhar esse autoconhecimento, de conhecer suas características. Às vezes a astrologia vem lhe trazer características tão suas, e que você só reconhece a*

*partir daquele momento... Você sempre teve aquilo, sempre teve aquela postura, mas você nunca parou para refletir (Vitor).*

De acordo com Cassirer (2005) o conhecimento de si é notadamente uma das mais altas e antigas indagações filosóficas, e com frequência na história da filosofia esse tema foi abordado. Na filosofia antiga, Heráclito pôde caracterizar o conjunto de sua filosofia dizendo 'busquei a mim mesmo'. Por outro lado, entre os "filósofos modernos, autoconsciência será o termo designado para a operação com a qual o homem chega a conhecer a si mesmo, especialmente no que diz respeito à espiritualidade do eu e sua identidade" (MONDIN, 2010, p.359).

Da mesma maneira, em algumas religiões a máxima 'conhece ti mesmo' apresenta-se muitas vezes como uma lei moral suprema. O autoconhecimento segundo Ernst Cassirer (2005), notadamente em algumas antigas doutrinas, é o primeiro pré-requisito da autorealização.

Um exemplo da procura pela autorealização nos é dado pela história das religiões. Em seus estudos sobre as tradições orientais Eliade observa especificamente no que se refere à Yoga, que as técnicas de saída do tempo, a experiência de transcendência, visam um homem de perfeita saúde física, mestre absoluto do seu corpo e da sua vida psicamental, capaz de se concentrar, pois se torna mais consciente de si próprio (ELIADE, 1992, p. 83).

Já no Ocidente, a questão do autoconhecimento foi levantada pela moderna psicologia das profundezas. Em seu livro de memórias Jung (2006) enfatizou em diversos momentos, que para encontrar uma resposta ao problema do mal, leia-se ao problema da angústia tal como se apresenta na contemporaneidade, "necessita-se em primeiro lugar de um conhecimento de si mesmo, isto é, de um conhecimento tão profundo quanto possível de sua totalidade" (JUNG, 2006, p. 380).

Através dos breves exemplos mencionados, podemos perceber que a busca do homem por um conhecimento de si, é uma constante tanto para o pensamento Ocidental como no do oriente. No que concerne o contexto pesquisado, encontramos com grande frequência uma procura semelhante. Poder-se-ia dizer que há aspiração de se alcançar um saber sobre si mais amplo, um conhecimento de si que permita, por um lado, a compreensão de experiências e de conflitos, por outro, um amadurecimento interior:

*É aquela história de autoconhecimento como eu ti falei. Tinha muitas coisas de ações minhas de comportamento, de temperamento, as coisas aconteciam sem saber. E a partir do mapa do céu que eu comecei a entender aquelas minhas posturas (Carla).*

*Eu busco nesse grupo da astrologia, uma referência de pessoas que estão na contramão do mundo, na contracorrente. A maioria das pessoas (se refere à sociedade) não está nessa de autoconhecimento, de melhorar como pessoa... (Lúcia).*

Porém, diante desta duplicidade que fundamenta o tema do autoconhecimento, vemos sobressair uma intenção gestual ligada ao alto, ao luminoso, em oposição à escuridão. Neste sentido, não é possível imaginar um conhecimento de si através da vivência astrológica, sem antes fazer referência à dimensão transcendental. Como nos lembra Michel Maffesoli, à propósito da astrologia: “O si individual não vale se não comunga, de diversas maneiras, com o Si transcendente a que cada um aspira” (MAFFESOLI, 2003, p.75).

*Acho que é muito mais do que materialista, é uma coisa muito mais do aqui e agora é o transcendente (Lúcia).*

*E não é prognóstico, é mais uma forma de autoconhecimento, você pega o mapa do céu... É a leitura do que está em cima (Julia).*

*Como o céu que você não pode tocar é o meu autoconhecimento. Quando você conhece as coisas você pode lidar melhor com elas, eu sei mais como lidar comigo mesma agora (Carla).*

*De fato, você consegue entender no mapa: nada de que está aqui é por acaso, e existe algo que é bem maior, e é nesse algo maior que eu tenho que me vincular (Fábio).*

Para Durand (2002), a dimensão transcendental manifesta-se por meio de imagens que sugerem possibilidade de abertura à novidade, e permitem ao homem ir além do mundo material objetivo por meio dos símbolos. Esta capacidade permite nos ampararmos numa ideia diferenciada de tempo, que neutralizando o percurso do tempo cronológico, ou seja, interrompendo o tempo profano, projeta-nos “num tempo mítico, sagrado, momento em que a história fica suspensa” (DURAND, 2002, p. 52). Entre os alquimistas da idade média, por exemplo, aspirava-se realizar a “Grande Obra”, a partir da transmutação de elementos minerais. Para Sodré (1996) a alquimia representava uma abertura para atingir a iluminação superior, ou seja: no momento em que o alquimista alcançasse a perfeição dos metais, seria possível chegar a uma perfeição pessoal. Assim, podemos considerar que a capacidade de transcendência possibilita que o ser humano dê sentido ao mundo.

Eliade (2008) mostra-nos que o ‘alto’ é uma das dimensões da transcendência, já que é inacessível ao homem, e é a partir da categoria transcendental da altura que o homem toma consciência de sua posição no Universo. Além disso, o historiador das religiões salienta que só pela sua existência o céu simboliza uma força transcendente e imutável. Nessa perspectiva, pode-se dizer que o céu existe porque é elevado, infinito, imutável, poderoso (ELIADE, 2008, p. 40).

Esse ‘fascínio’ pelo alto, pela luminosidade, tal como se é possível encontrar no judeu-cristianismo, liga-se à felicidade, à salvação e ao princípio de vida. Há neste sentido, “uma contraposição às trevas que simbolicamente representam a infelicidade, o castigo, a perdição e a morte” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2005, p. 570). Aqui ascensão é o oposto da queda. A queda que em numerosos mitos a morte, ao pecado. É um antagonismo semelhante a este que vem caracterizar o tema do autoconhecimento:

*Uma vez eu fui para uma palestra e um astrólogo disse uma coisa muito bonita, vamos dedicar um momento da vida; olha*

*para o céu. Esse olhar para o céu para mim é uma coisa muito mais ampla, olhar para o céu é olhar além do que tem aqui. Do que esta aqui palpável e do que a gente pode pegar e ver. É dizer que tem uma coisa maior (Clara).*

*E essa coisa de olhar o céu com as lunetas eu fico assim... Extasiada, eu amo! (Maria).*

*Então a luz que ajuda a gente ver alguns defeitos na empresa, essas coisas... iam ficar obscuro, e as coisas poderiam retroceder, em alguns obstáculos mesmo e a gente se aperrear (Camila).*

*Uma frase esotérica diz: “o céu faz pressão no horizonte”, fazendo alusão ao ascendente, mas é como se fosse o inconsciente pressionando para o externo, um impulso (Roberto).*

Nesses trechos percebe-se que o alto, o olhar e a luz são especialmente valorizados na vivência cotidiana da astrologia. A ação é levada muito mais para o lado da iluminação diante das trevas interiores, representadas simbolicamente nas falas pelos sentimentos, emoções, acontecimentos acidentais da vida. Deixa-se transparecer uma nítida impressão de que o olhar para o alto e além do imediato, de enxergar as entrelinhas, tem a ver com o sentido de elevação. Mas, da mesma forma, acena para uma vitória contra o tempo, contra a dureza da vida cotidiana. Dessa forma, percebemos que há uma tentativa de separar e *distinguir as trevas do luminoso valor*, características que vão se alinhar com o mitema do “herói contra as potências noturnas”.

Os símbolos espetaculares vão constelar o mitema do “herói contra as potências noturnas”. Vemos sobressair a autoridade do olhar. O olho tem um valor simbólico moral, e ao mesmo tempo intelectual, liga-se como demonstra a teoria do imaginário, à luminosidade.

*Eu bati o olho e tive o entendimento de uma situação da minha vida, que até então eu não conseguia entender de onde é que aquilo poderia ter vindo. Teve um sentido para mim (Clara).*

*Então eu pedi que ela fizesse uma mandala para mim e outra para ele, e quando ela leu, eu fiquei impressionada... o próprio desenho são as cores que eu mais gosto, então quando eu olhei fiquei completamente extasiada. A mandala é uma coisa extremamente contemplativa (Maria).*

*Poxa aí eu vi que tinha um monte de informações, e nessa época eu estava solteira, e fiquei em casa deitada na rede olhando para o céu fazendo mil questionamentos (Vivian).*

O simbolismo da lua tal como se expressa nas falas, vem confirmar o aspecto de oposição claro/escuro. O escuro se contrapõe ao claro, já que a lua diz respeito às paixões, ao inconsciente, enquanto o sol representa simbolicamente a clareza, à consciência. No Dicionário de Símbolos podemos encontrar diferentes significações para o simbolismo lunar. Porém, no que concerne a astrologia, a lua simboliza o princípio passivo, o da fecundidade, à noite, a umidade, a imaginação, o psiquismo, o sonho o inconsciente a transitoriedade, tudo o que é instável. A zona lunar da personalidade é essa zona noturna do inconsciente, crepuscular de nossos tropismos de nossos impulsos instintivos (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2005, p. 564).

Guttman & Kenneth (2005) também destacaram esse aspecto sombrio do psiquismo humano representado pelo simbolismo da lua na astrologia. De acordo com os estudiosos, a lua vem simbolizar os sentimentos e humores internos. Em alguns casos quando os aspectos negativos da Lua estão sendo expressos de forma significativa, passamos a não ter mais controle sobre nosso humor ou nossas manifestações emocionais. Dessa forma, “ficamos sujeitos a tudo o que vem a nós e temos apenas nossos instintos para responder aos estímulos externos” (GUTTMAN & KENNETH, 2005, p.96).

*A lua é a forma que você lhe dá com seus sentimentos, o que significa que os sentimentos me deixa descontrolado em alguns momentos, e agindo de maneira racional em outros (Vitor).*

*A lua significa a psique da pessoa, tem mais a ver com inconsciente dela, com os sentimentos as emoções, como ela vivencia (Roberto).*

*Por ter Câncer na casa 1 e Lua em Câncer na casa 1... Aflora muito a questão das emoções, dos sentimentos, eu sou uma pessoa muito sensível (Camila).*

*Eu já experimentei, não foi só observação em alguns dias de eclipse realmente você fica eclipsada, principalmente se cai na casa do eu. Por exemplo, se você for dar uma aula, você esta sem aquele pique, é como se você fosse para uma festa e não tivesse muito animada (Sandra).*

Podemos citar ainda outro exemplo dessa oposição claro/escuro na vivência astrológica. Tivemos a oportunidade de participar da exposição realizada pelo artista e astrólogo Paulo Brito. Esta exposição trouxe como tema principal os corações iluminados, corações em forma de frutos. Trata-se aqui de corações que se elevam rumo ao luminoso. Novamente se evidenciam os dinamismos que ligam aos simbolismos da ascensão, em direção à luz, nos remetendo ao elevado. Bachelard (2001) ressalta que tudo que sobe ao alto é divino, pois a imaginação do alto liga-se à pureza. Na arte de Brito, rica em simbolismos astrológicos, há um vasto repertório de imagens voltadas para o alto, nos convidando sempre a imaginar a dimensão transcendente.

Imagem 03- Exposição *Lux Fruto*, em papel a seco e Banners em tecido.



Imagem 04- Exposição *Lux Fruto*, Foto do artista e astrólogo Paulo Brito.



Imagem 04- Exposição *Lux Fruto*: Quadro, luz, sol, coração.



Se por um lado vemos aparecer os verbos enxergar, ver, entender, olhar, ligados ao luminoso, e portanto à verticalidade, de outro, observa-se que termos como: amadurecer, melhorar, progredir e equilibrar também se vinculam ao tema do autoconhecimento.

Para a maior parte dos nossos entrevistados o autoconhecimento através da astrologia, aparece como uma maneira de enfrentar as dificuldades da vida cotidiana, de descobrir significado para determinadas experiências. Nesta perspectiva, o conhecimento de si surge como uma alternativa de lidar com o que anteriormente esteve separado, fracionado, e incompreensível à consciência pessoal. A ampliação da consciência se dá na medida em que há uma integração das experiências passadas com o presente, assim como entre as dimensões caóticas da vida e as possibilidades de ordenamento. O mapa do céu oferece um modelo de ordenamento, e em muitos casos proporciona o contato com lembranças traumáticas ou conflitantes.

Diante destas constatações, podemos dizer que o repertório mítico e simbólico da astrologia permite um mergulho numa intimidade cósmica, onde o eu só pode ser pensado em correlação com o cosmos. Os ciclos humanos vão estar em simpatia com os ciclos celestes. Por esse viés, é possível notar que “o mundo planetário, o mundo da localização, das configurações do objeto, vem a ser um todo

com o caráter, o psiquismo, a saúde ou a doença do homem” (DURAND, 2008, p. 36).

Assim é que vemos aparecer o “*Mitema da harmonização*”. Tanto nas falas quanto no material literário esse mitema se manifesta das mais variadas formas: a vivência da astrologia possibilita de certa forma harmonizar emoções, equilibrar oposições, visando em algumas situações um amadurecimento pessoal:

*É como se a astrologia permitisse uma maior harmonia, a partir do momento que agente identifica nossas reações emocionais. A partir daí é possível fazer interferências, intervenções, mas não eu vou prever o que vai acontecer. A intenção é que a harmonia vença a desarmonia (Carol).*

*Como já conheço algumas características minhas, eu tento ser muito racional em determinados momentos para sair de algumas situações complicadas. Aí eu vejo o que é que tenho para ajudar nestes momentos, de postura de habilidades e que a astrologia me ajudou a enxergar. Então... Em alguns momentos uso as características do signo libra para tentar a partir do social equilibrar as coisas (Vitor).*

*A primeira pessoa que liguei foi para o astrólogo, porque desde o início ele insistia. É como se ali, eu fosse encontrar o equilíbrio, a segurança para fazer aquilo. Quer dizer precisei passar por uma dificuldade pessoal para exercer o talento. Mas no mapa já dizia desde o começo, que era isso (Carla).*

O símbolo da espiral, atrelado à ideia de permanência e movimento, vem constelar o mitema da harmonização. No contexto astrológico, este simbolismo representa o crescimento e a permanência. Há uma tendência à evolução, e no momento em que se descortina alguma dificuldade, a experiência astrológica permite um esclarecimento dos conflitos emocionais.

*Então, eu me voltei para essa reconstrução da minha personalidade, buscando o equilíbrio, e buscando essa ótica própria. Porque a vida, a sociedade vai lhe encaminhado para coisas que você nem sabe se realmente isso que você quer, e quando você vê já esta repetindo modelos, sem nem se dá conta, que você não esta mais sendo você (Lúcia).*

*É para saber que você tem um planeta numa tal casa assim, você tem uma tendência, e para que possa ser mudado. Porque de outro jeito pode ser melhor que esse. O mapa quando feito por um profissional sério é uma ferramenta muito boa, que te leva um autoconhecimento e uma harmonização (Carol).*

*Tudo no mapa do céu não é que seja bom, ou ruim, é a questão do equilíbrio, de estar interligado, e como cada pessoa vai lhe lidar com isso (Julia).*

A imagem da espiral convida-nos a imaginar um crescimento, uma evolução, e nos trechos acima é percebida essa imagem na palavra equilíbrio (relacionada com o eu, ou com as experiências do eu), quer dizer, o individuo necessita compreender suas reações para passar para outra etapa, onde se torna mais consciente e, portanto, mais harmonizado. Nas narrativas manifestadas pelos indivíduos que fazem uso da astrologia, é bastante comum identificar a associação “equilibrar o eu com a experiência da leitura do mapa”.

O símbolo espiral liga-se frequentemente à ideia “de continuação e à circulação, refere-se também a emanção, extensão, desenvolvimento, continuidade cíclica, mas em progresso, rotação criacional” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2005, p.398). Nesse sentido, pode-se entender que a espiral diz respeito ao equilíbrio dos contrários, correspondendo também a uma harmonização das oposições. Baseado na arquetipologia Durandiana, podemos dizer que o scheme rítmico da copulação vem ligar-se a este simbolismo.

De forma semelhante, o simbolismo da espiral se repete na literatura especializada em astrologia. No contato com nosso campo tivemos a oportunidade de realizar algumas leituras introdutórias por sugestão de nossos entrevistados. A revista digital Porto do Céu, bastante acessada pelos nossos entrevistados, ao tratar do antigo sistema das artes liberais no pensamento Ocidental, acaba definindo a astrologia da seguinte maneira:

**Astrologia:** disciplina que leva o indivíduo a perceber o laço existente entre as três noções anteriormente apreendidas, isto é, entre a noção de unidade, espaço e tempo, demonstrando que cada coisa, por ser o que é, se desenvolve ao longo de um tempo e ocupa um certo lugar que lhe são muito peculiares, revelando assim os laços e as relações existentes entre a estrutura elementar particular (o microcosmo) e a estrutura universal (o macrocosmo), permitindo descobrir a unidade dentro da diversidade, a ordem dentro do caos - tudo com o fim de estabelecer, digamos, o equilíbrio e a harmonia existencial (Fonte: Porto do céu).

Em outro texto da referida revista, intitulado: “A Harmonia das Esferas”, é possível encontrar novamente o simbolismo da espiral. Ao se debruçar sobre os múltiplos aspectos do universo, o estudo destaca a dupla dimensão de permanência e movimento. Os astros, assim como o eu, são compreendidos a partir de um princípio de ordenação musical, que harmoniosamente movimentam-se seguindo proporções cíclicas. Porém, aos olhos dos humanos esses mesmos astros são percebidos como estáticos. Enfim, nessa leitura, pudemos extrair um duplo significado: cabe ao humano conciliar à permanência e o movimento, assim como o visível e o invisível dentro dele mesmo.

Do texto literário, tal como vimos acima, passamos à experiência do ensino na astrologia, onde mais uma vez, vemos aparecer a espiral. No Recife observamos que o astrólogo Eduardo Maia, em muitas de suas palestras, dá grande ênfase à dimensão da harmonização. É num sentido de superação da desarmonia que se pode falar na experiência astrológica, pois para o referido astrólogo mais importante que prever acontecimentos, a astrologia deveria oferecer possibilidades para o reequilíbrio do eu a partir dos ciclos do cosmos. Numa de suas entrevistas a um jornal da cidade do Recife, Eduardo destaca:

*“A astrologia é uma ciência e, como ciência, tem limites, é uma ciência de ciclos. Pode analisar através dos ciclos determinadas tendências que, quando se repetem, nos direcionam no sentido de apresentar determinados resultados. Tanto no macro, no social, no coletivo, quanto no micro, no individual, no pessoal. Não fazemos previsões porque a astrologia não pode responder se o ano vai ser bom ou ruim”.*(Fonte:www.diariodepernambuco.com.br/nota.asp?mat)

Numa perspectiva semelhante à do astrólogo, os discursos dos entrevistados parecem também se referir ao movimento da vida do homem que passa alternadamente pelo bem e pelo mal, mas numa perspectiva de união dos contrários. E nesse movimento de alternância, os conflitos são inevitáveis, mas, a experiência da astrologia ajuda, em muitos casos, a minimizá-los:

*Através da astrologia a gente encontra o remédio, o antídoto para que a gente seja ajudada a superar esses conflitos, ou pelo menos minimizar esses conflitos...*(Carol).

*Porque você já deve ter ouvido nos grupos de astrologia, o mapa não foi feito para acertar, mas sim para consertar. Então, mais ou menos seguindo essa lógica, acho que me ajudou. Entender melhor alguns aspectos da minha personalidade, que podem ser trabalhados de maneira a favorecer minha vida* (Camila).

Pode-se perceber que há novamente, através dos discursos, a necessidade de equilibrar o eu. Esse eu que é expresso por nossos entrevistados, se manifesta de forma plural:

*Então tem muito disso: de você ficar bem consigo, até de entender a sexualidade, a forma como você se porta no social, a forma como você é, como esta se sentido* (Vitor).

*Então, é você entender exatamente como é que você é, como é que você machuca as pessoas, como é que o virginiano administra o dinheiro, como é que ele lida com o sexo oposto, quais são as limitações dele para estudo, para trabalho, quais são as profissões que afinam mais com sua essência... que tipo de instituições de trabalho que se afinam mais com sua essência, com sua forma de pensar, com sua forma de agir, com sua forma de criar (Maria).*

O desequilíbrio do eu, tal como foi demonstrado pela psicologia de Carl Jung consiste justamente numa atitude unilateral do psiquismo humano frente às diversas experiências da vida. Ainda de acordo com Jung (2008), alguns povos antigos compreendiam essa dinâmica unilateral da mente no sentido de uma perda. A 'perda da alma' corresponde à dissociação da mente, uma ruptura que gera desequilíbrio. Na consciência moderna, lembra o psicólogo suíço, prevaleceram de maneira obsessiva alguns ideais como: autodeterminação, autocontrole, liberdade plena de escolha. Entretanto, as forças que fogem ao controle: o acaso, o imprevisível, as dimensões inconscientes da vida, suprimem-se por meio das múltiplas formas de racionalizações.

Essa procura do homem na conciliação das suas contradições é antiga como se pode perceber através das pesquisas em história das religiões. Eliade (1992), após estudar diversas culturas, mostra que o espírito é capaz de utilizar as imagens para apreender a realidade última das coisas. Segundo o estudioso a realidade se manifesta de uma maneira contraditória, e em muitos casos não pode ser expressa apenas por conceitos. Os esforços das mais diversas teologias e metafísicas, tanto orientais como Ocidentais, são justamente para exprimir conceitualmente a *coincidentia oppositorum*.

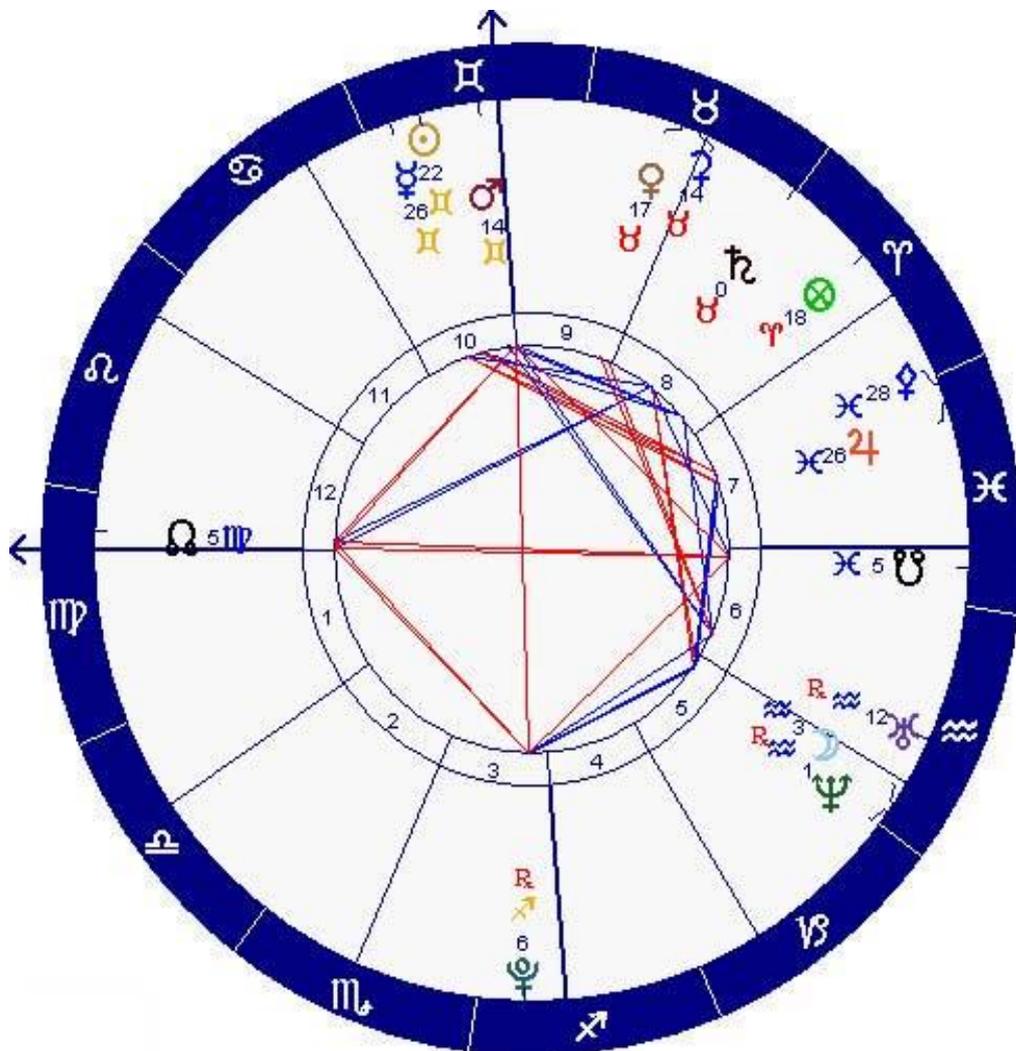
No pensamento tradicional, tal como mostra Durand (2008) não há uma separação entre o eu e o mundo. O homem é um microcosmo, dotado de uma pluralidade, pluralismo que deve se conciliar com a *coincidentia oppositorum*.

Na vivência astrológica, o simbolismo da espiral apresenta uma dupla significação, em que a dinâmica e a estática se associam. Observamos no

presente contexto uma relação dessa conjugação com o simbolismo da roda. Através das imagens repetidas nos discursos, notamos que a roda zodiacal vem a ser mais um dos símbolos a constelar o mitema da harmonização.

Na imagem a seguir, um exemplo de um círculo onde se conjugam toda uma diversidade de símbolos, signos, planetas e casas:

Imagem 06- Mapa do céu da revista Porto do céu



Geralmente as figuras circulares, tal como Eliade (1992) demonstrou, dizem respeito a uma maneira de simbolizar a repetição eterna do ritmo do Cosmo, com suas destruições e recriações periódicas. O homem oriental deixa-se arrebatado por essa dimensão temporal, onde os símbolos cíclicos levam-nos a imaginar a história sem começo nem fim. Em numerosas culturas a roda possui grande importância. “Tanto o budismo quanto o jainismo, ou mesmo a doutrina pan-indiana baseiam-se num tempo cíclico, comparado a uma roda de doze raios” (ELIADE, 1992, p. 65).

A roda zodiacal também é dividida pelo número doze, correspondendo às doze constelações. São doze os signos a compor a roda: Touro, Gêmeos, Câncer, Leão, Virgem, Libra, Escorpião, Sagitário, Capricórnio, Aquário e Peixes. Como já foi dito na página (), geralmente, significam todo o processo de desenvolvimento da consciência humana — o ciclo de morte e renascimento que é comum a todas as mitologias em todo o mundo e que constitui a história ou mito essencial da alma (GUTTMAN; JOHNSON, 2005).

Segundo Durand (2002), zodíaco etimologicamente significa “roda da vida”, círculo representativo do tempo e do destino. Este símbolo pode ser encontrado de maneira idêntica na Babilônia, na Pérsia, na Índia e nas Américas. “Primitivamente o zodíaco era lunar, e os antigos árabes chamavam-no de ‘cinto de Ishtar’”. (DURAND, 2002, p. 324). Mais tarde a roda zodiacal tomou uma acepção solar.

A roda inscreve-se no quadro geral dos símbolos de emanção do retorno, que exprimem a evolução do universo e da pessoa. “Como a asa, a roda é símbolo privilegiado do deslocamento e da libertação das condições de lugar e do espiritual que lhe é correlativo” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2005, p. 783). O zodíaco astrológico segundo Chevalier (2005) é simultaneamente um símbolo em si e uma conjugação de símbolos. São seis as polaridades que a roda astrológica constitui formando um todo. Dentro da roda zodiacal, planetas e signos se entrelaçam numa complexa unidade simbólica.

Na cosmologia astrológica, os planetas correspondem aos planos da psique, ou seja, descrevem características emocionais. Uma vez que os planetas recebem os nomes de deuses e deusas da mitologia (Greco-romana especialmente), o fator astrológico planetário pode ser portador de arquétipos, pois

sua influência sobre nós baseia-se tanto na realidade simbólica quanto nas forças astrofísicas (GUTTMAN; JOHNSON, 2005). Segundo Barbault (1985) cada planeta representa um componente de personalidade individual: por exemplo, Vênus pode simbolizar a sensibilidade e capacidade de dar e receber afeto; Marte a energia, a força para batalhar e conquistar; Mercúrio a inteligência.

Outra dimensão do simbolismo da roda se faz presente: Trata-se das Casas astrológicas. Estas por sua vez, descrevem a vida cotidiana, em seus múltiplos aspectos: o Eu, o trabalho, as relações afetivas, as viagens, a morte, a família, os estudos, a religião. O simbolismo da roda, tal como se manifesta nas falas está relacionado com a vida, ou seja, de como a vida se organiza a partir de sucessivos acontecimentos que vão desde o do nascimento até a morte, mas que são narrados sempre numa perspectiva circular:

*Mas aí a gente tem a casa um que é o Eu da pessoa, a Casa 7 eu com os outros, as associações... É o contraponto, o eu, e o eu com os outros é o equilíbrio. O norte, que é a casa 10, é as realizações, a profissão da pessoa é onde o sujeito pode chegar mais alto, profissão enquanto ato de fé. E o contraponto e a oposição que é o fundo do céu, que é a casa quatro que é a casa da família dos acolhimentos. Assim a gente começa a nortear a pessoa ela com ela mesma. Então, faz esse passeio, ela com ela, depois ela na família. Porque o significado na casa quatro é raiz, é como ela se enraizou... Enraizada enquanto consciência, enquanto psiquismo, essa questão do lar da família, enquanto acolhimento, de onde veio (Julia).*

Através da imagem da roda astrológica a vida tona-se possível de ser contada. Essa história que emerge, ganha novos contornos, uma forma lúdica, já que por meio das imagens das casas, dos signos e planetas narra-se a existência de maneira metafórica.

*É um caminho que você vai percorrendo pelas casas, pelos signos, e planetas e vai contando uma história a respeito de*

*você. Então, eu acho que é um recurso a mais que eu tenho hoje em dia para buscar me conhecer melhor (Carla).*

*É lógico que tive que me debruçar muito nesse mapa para ver casa por casa o que teria que trabalhar. Isso vai depender da pessoa, da pré-disposição de se conhecer, da aceitação de dos defeitos, da humildade (Sandra).*

Nas falas apreendidas vemos novamente que a vida é entendida não somente em torno de uma dimensão linear, mas também a partir de uma perspectiva circular. “Para curar-se da obra do tempo, é preciso voltar atrás e chegar ao principio do mundo” (ELIADE, 1994, p. 81). O símbolo da roda diz respeito à possibilidade de “voltar atrás” no tempo, e no contexto estudado, é para se conhecer melhor:

*Ela fala de cada casa, e aí ele remete a algumas lembranças do passado. Porque esta tudo lá, o que aconteceu na sua vida até agora (Julia).*

*Foi na origem que eu descobri o problema, era um problema visualizado e quando o astrólogo falou metaforicamente eu não compreendi. A rejeição de minha mãe comigo... Depois para compreender as coisas... Minha mãe tinha perdido o filho um pouco antes, por erro médico (Lúcia).*

*Essa questão do retorno, de quando me senti perdida diante de uma determinada circunstância, pensar sempre, voltar à raiz da questão, e lembrar de por que comecei tudo isso, qual era meu objetivo inicial quando isso começou (Carla).*

Trata-se aqui de recuperar o passado, para curar-se a ação do tempo. O retorno à origem promove a recuperação das lembranças, rememoração de eventos pessoais. Observamos que na vivência astrológica o importante é saber

o que se passou no início, para poder dar conta das intimações do presente. Nesse sentido, podemos entender que a roda aparece aqui também “como símbolo da mudança e do retono das formas da existência” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2005, p. 784).

### **3.6 Segundo Tema: O Nascimento**

Em antropologia o nascimento é um tema de pesquisa amplamente estudado. Diversas culturas compreendem o nascimento como um acontecimento singular que envolve inúmeros fatores. Entre os Xavantes brasileiros, por exemplo, o nascimento de um novo indivíduo é celebrado por toda comunidade.

Lévi-Strauss (2008) também deu grande contribuição a compreensão ao tema do nascimento em ‘eficácia simbólica’(Embora não fosse seu foco de estudo). No referido texto o antropólogo nos mostra a intervenção do xamã após o fracasso das parteiras de uma tribo (sul-americana). Atendendo ao pedido das parteiras mencionadas, o xamã desloca-se até o local do parto para promover o canto, neste caso, um instrumento de cura.

Podemos encontrar ainda estudos importantes sobre o nascimento e parto em Arnold Van Gennep. Gennep tenta mostrar o quanto o parto medicalizado é um evento ritualístico que afirma os valores dominantes da sociedade industrial e patriarcal sobre a mulher. Na contemporaneidade o tema do nascimento e do parto vem se abordados por diversos estudiosos. Porém, uma das autoridades mais respeitadas no assunto é Robbie Davis-Floyd. Além de seus estudos, nos últimos anos no Brasil, Robbie Davis-Floyd tem sido presença cativante nos eventos organizados pelo movimento de humanização do parto e do nascimento. (TORNQUIST, 2002).

O tema do nascimento também se manifesta no contexto estudado. É o segundo tema mais redundante nos discursos. Esse tema surgia todas as vezes que os participantes de nossa pesquisa relatavam a experiência da leitura do mapa do céu. Assim, observamos que a temática do nascimento é significativa na vivência astrológica, já que se trata de uma qualidade de tempo, e de uma experiência irreversível do ponto de vista cronológico, porém profundamente marcante a nível psicológico:

*A leitura de um mapa do céu é tão forte esse momento, se você se detiver naquele momento. Quem está ali é você! Eu não gosto da sugestão, eu prefiro trabalhar com aquelas energias que eu nasci (Julia).*

*Aquele momento que eu nasci, 26 de agosto de 1976, as 18:00 horas. Quer dizer, eu sou única. Existem as pessoas que nasceram 26 de agosto de 1976, mas que tem outro ascendente. Que tem outro pai, outra mãe, outra herança genética. Minha forma de ser no mundo é essa, Virginiana com ascendente em peixes (Maria).*

*Aquele valor... é a fotografia do nascimento, é o registro do nascimento, então não tem como mudar isso aqui, mas tem como fazer a aprendizagem, que é o processo de individuação que é base de todo ser humano (Clara).*

Pode ser o nascimento de uma pessoa, de uma ideia ou mesmo de uma empresa, o mapa astrológico é a imagem de um diagrama do céu que representa um momento particular. O mapa é sempre uma representação tão exata quanto possível do céu na hora de um nascimento. Esse instante é permeado de significações como lembra Costa (2005): “O momento da origem do nativo (do signo solar), isto é, seu nascimento, é o momento mais prenhe de significações, pois é o tempo, por excelência, da maior potencialidade” (COSTA, 2005, p.181).

A poesia de Goethe também deu destaque à significativa experiência do nascimento como se pode notar em um de seus celebres poemas. Os versos que seguem são ricos em imagens astrológicas, falam do nascimento do poeta, das constelações, das posições dos planetas naquele instante:

Vim ao mundo em Franco  
forte-sobre-o-Meno a 28 de Agosto de 1749,  
ao soar a última badalada do meio-dia.  
A constelação era feliz, o Sol

estava no signo de Virgem;  
 Júpiter e Vênus formavam com ele bons aspectos;  
 Mercúrio não era desfavorável,  
 Saturno e Marte eram neutros;  
 só a Lua, cheia nesse dia, exercia a força  
 da sua reverberação tanto mais poderosa  
 quanto a sua hora planetária havia começado.  
 Opôs-se, portanto, ao meu nascimento  
 até que essa hora passou.  
 Estes bons aspectos, mais tarde  
 altamente apreciados pelos astrólogos,  
 serão sem dúvida a razão por que fiquei vivo,  
 pois, pela incúria da parteira,  
 julgaram que estava morto quando  
 vim ao mundo, e só depois de  
 numerosos esforços vi a luz".  
 (Goethe, Poesia e Verdade, cap. I).

Além do poeta romântico, vários pesquisadores dão ênfase à dimensão do nascimento na astrologia. A filósofa Délia Guzmán (2005) define a astrologia como uma abordagem, ou seja, como o estudo da natureza e do destino do homem em relação ao momento no qual ele nasceu. Trata-se de estudar este momento e de compreender as diversas relações existentes. Ainda de acordo com a autora, em cada ser humano há um sol, uma lua, um marte, um saturno, que acabam formando uma totalidade. Que tipo de relação há entre o Cosmo e o homem? Este é um problema permanente na astrologia, afirma a estudiosa. Apesar da complexidade que envolve a questão sabe-se, no entanto, que o instante do nascimento é fundamental na concepção astrológica, pois em muitos casos este momento oferece resposta ao sentido da vida:

*Você tem sua fonte que é a fotografia do instante da sua primeira respiração, e a partir daí a astrologia procura fazer uma decodificação dos símbolos. Para que possa apresentar a pessoa que procura o astrólogo, ou a título da compreensão do*

*que é, ou a título de compreensão de como esta, ou título de compreensão de como ficará (Ângela).*

*Então naquele momento eu entendi muita coisa que agora fazia sentido para mim... É como se dissesse características de sua personalidade, e dentro dessa construção, você tem o teu processo, a tua jornada de alma (Clara).*

*A astrologia me propiciou isso, a partir daquela hora pude ter compreensão de algumas coisas, eu me libertei, passei a entender que a história é outra (Sandra).*

Já mencionamos que o nascimento é ilustrado no horóscopo. Segundo o analista junguiano e astrólogo Stephen Arroyo (1984) o horóscopo etimologicamente significa 'hora da observação', é um mapa simbólico de determinada zona, caminho, ou seja, o percurso que atravessamos nesta vida. É através desse mapa que uma estrutura elementar da existência pode ser lida. O diagrama é uma imagem que fala do nascimento, do potencial de vida animado, e como pode vir a ser iluminado pela consciência. Portanto, no instante do nascimento se inscrevem potenciais de uma vida que podem ser lidos através do mapa. O indivíduo possui uma identidade cósmica, um tipo de reflexo de sua alma na terra.

Desde tempos imemoriais os tipos astrológicos são abordados. A história da astrologia mostra que tanto os astrólogos antigos quanto os modernos basearam-se numa espécie de tipologia: "os tipos humanos corresponderiam a uma espécie de assinatura celeste podendo influenciar o indivíduo" (HUTIN, 1970, p.27). Por exemplo, aquele que nasce com sol em Touro pode vir a compreender a vida como matéria, como substância. Ou mesmo aquele que nasce com o sol em Áries pode vir a desenvolver características pessoais de força, ousadia, que o marcarão continuamente na vida:

*Então assim, o mito pessoal de quem nasce sobre o mito de Virgem é exatamente essa inconstância de que os lugares sejam sempre muito adequados à essência dele. Então todo o*

*lugar que o virginiano chega a tendência dele é querer adequar aquele lugar seja com moveis, com tapetes... O quarto tem que estar muito na essência dele, a casa, o ambiente de trabalho (Maria).*

*Câncer tem características como sentimento, a afetividade, a vinculação longa... Mais aí a gente tem os planetas nas casas, eu tem Venus em câncer... e na casa dez a casa da profissão, em relação aos meus colegas eu sou bem atípica, existe toda uma construção em torno do trabalho (Clara).*

Jung (2001) mostrou a possibilidade de se reconstruir o caráter de uma pessoa, a partir do mapa astrológico na hora do seu nascimento, o que na compreensão do autor comprova, de certa forma, à eficácia da astrologia. Ainda para o psicólogo, os diagnósticos astrológicos corretos, se baseiam não apenas nas influências dos astros, mas também nas hipotéticas qualidades do tempo. O tempo se apresenta como continuidade concreta, contendo qualidades e condições básicas que podem se manifestar em locais diferentes com relativa simultaneidade, num paralelismo que não se explica pela causalidade. Em outras palavras, “o que nasce ou é criado num dado momento adquire as qualidades deste momento” (JUNG, 2001, p.14). Os trabalhos desenvolvidos pelo psicólogo de Zurique nos mostram que o tempo para astrologia não apenas é contado quantitativamente, mas passa a ser compreendido por suas qualidades. Portanto, nesta perspectiva, poder-se-ia dizer que se trata de eventos sincrônicos:

*Essa é a questão da astrologia: os astros influenciam ou marcam comportamentos? A questão do micro e do macro... Até que ponto os astros influenciam, ou apenas existe uma sincronia? (Rodrigo)*

*É o astrólogo que pega faz seu mapa do céu com a hora exata, ele faz os cálculos astronômicos e monta o mapa do céu. Mas*

*a simbologia e o processo de sincronicidade quando você vai para os mitos. (Clara).*

*A qualidade do momento fala muito sobre o desenvolver daquele momento, Jung fala de sincronicidade ele fala sobre o mesmo conceito (Carol).*

O princípio de sincronicidade formulado por Jung baseia-se na hipótese de que um conhecimento interior inconsciente está ligado um acontecimento físico, a uma condição psíquica, ou seja, aquilo que apareceria como acidental, aleatório, pode na verdade, ser psiquicamente significativo. Este princípio aplicado à psicologia na interpretação dos sonhos, também foi utilizado por Carl Jung para compreender outros instrumentos divinatórios tais como o Tarô e o I Ching.

No oriente podemos encontrar o I Ching, espécie de oráculo que fala do momento particular da vida. Trata-se de um jogo de lançamento das três moedas. A cada lançamento obtém-se uma linha. Jogam-se seis vezes as moedas e o número obtido indica o sinal do hexagrama (isto é, o conjunto de seis linhas) a ser consultado. Jung mostrou que é possível de se traçar um paralelo entre esta arte divinatória oriental e a astrologia. “O nascimento corresponde às varetas caídas; a constelação do nascimento, ao hexagrama, e a interpretação astrológica refere-se ao texto indicado pelo hexagrama” (JUNG, 2001, p.15).

Segundo Durand (2008) as artes divinatórias em geral, por utilizarem símbolos trabalham com uma ideia diferenciada de tempo. O pensamento simbólico lembra o autor, conhece várias temporalidades. Significa dizer que estas diversas ‘regiões de tempo’, as várias camadas de duração possíveis de serem encontradas no pensamento simbólico se opõe ao tempo contínuo, do tipo bersoniano. E como bem demonstrou Eliade “o homem conhece, aliás, diversos ritmos temporais e não unicamente o tempo histórico, ou seja, o seu próprio tempo, a contemporaneidade histórica” (ELIADE, 1992, p.33).

O tema do nascimento na astrologia relaciona-se, portanto, com a dimensão temporal, com as simultaneidades, com o ritmo do Cosmos, seus ciclos e as relações sincrônicas que são possíveis de se estabelecer entre o céu e o instante do nascimento de uma pessoa, de uma ideia, ou mesmo um evento. Há aqui uma

ideia diferenciada de começo, já que iniciar pode ‘significar reiniciar’. “Toda a força do ser que o estado do céu significa no momento do nascimento irá se replicar nos demais começos – o começo de mais um ano de vida, o começo de mais um mês” (COSTA, 2005, p. 181).

De acordo com Gilbert Durand (2008) o *cursus* recorrente dos astros permite à astrologia superpor o tempo em conjuntos cíclicos, em contínuos retornos. Os cálculos astronômicos apontam certas tendências, assim como, auxiliam astrólogos na interpretação e previsão dos movimentos astrais.

Há séculos astrólogos se valem de estudos dos ciclos do cosmos para descrever o estado do céu no momento de um determinado nascimento. Relatos históricos mostram que os antigos astrólogos tinham como prática acompanhar parteiras no local de nascimento de uma criança. Estes astrólogos costumavam registrar as coordenadas de espaço e tempo e desenhavam o mapa no momento do nascimento. Na Idade Média, por exemplo, esta prática era bastante frequente no Ocidente. Nesse período, de acordo com Hutin (1970), os astrólogos medievais eram levados a envolver-se cada vez mais com a política. Um caso emblemático foi o do astrólogo Morin de Villefranche que esteve presente no parto daquele que se tornaria futuro rei. O astrólogo foi o primeiro a levantar com precisão Luís XIV da França.

Historiadores da astrologia relatam vários casos onde astrólogos, em diversos períodos da história, presenciaram partos. Seria inviável aqui citar estes exemplos, mas é importante frisar que na idade Média era comum entre reis e rainhas do Ocidente, terem seus astrólogos pessoais. Na contemporaneidade também vemos astrólogos vivenciarem o nascimento, entretanto com propósitos diferentes dos que foram encontrados na idade Média. É o caso da astróloga Ângela que acompanhou o nascimento do filho de uma de suas clientes:

*Um dos momentos mais emocionantes foi quando acompanhei o nascimento do filho de uma das minhas clientes, me senti como os antigos astrólogos (Ângela).*

Ao narrar a experiência com sua cliente, Ângela destacou outros aspectos. No dizer da astróloga o nascimento é um acontecimento marcante, pois na sua concepção, o momento primeiro de vida de um ser humano no mundo diz

repeito a uma aliança com o sagrado. Todos os talentos estão na alma de um indivíduo, as potencialidades, as dificuldades. Esta multiplicidade que é o indivíduo carrega é representada através de imagens:

*Eu uso a imagem para todas as pessoas que vem pela primeira vez. Eu utilizo uma imagem alegórica... É a transferência do céu físico para o gráfico. Eu utilizo a imagem de uma alegoria, de um contrato, de uma aliança que você faz com o sagrado (Ângela).*

A importância dada à temática do nascimento deve-se ao fato do homem, na cosmologia astrológica, ser entendido como microcosmo profundamente vinculado ao macrocosmo. Na astrologia, tanto o macrocosmo quanto o microcosmo humano podem ser compreendidos simultaneamente como plurais, amplamente imbricados. Dessa forma, pode-se dizer que há uma ligação entre o homem e o cosmo, e entre o plano superior e o terreno: é o mitema do laço que se faz presente.

Se, como vimos, o tema do autoconhecimento tem como uma das principais características *distinguir as trevas do luminoso valor*, o tema do nascimento tal como se expressa nas falas, implica a possibilidade *ligação*, de estabelecer conexões. É nesta perspectiva de vinculação, de união que podemos compreender o tema do nascimento. As imagens que falam do nascer na concepção astrológica nos dão a ideia do homem ligado ao cosmos, a uma ordem: “Tudo que é cósmico diz respeito essencialmente ao homem, tudo que é humano diz respeito essencialmente ao cosmo. O cosmos nos fez a sua imagem” (MORIN, 2011, p.36).

No mitema do *laço* constela-se o simbolismo da árvore, pois como veremos a seguir é um dos símbolos recorrentes nos discursos de nossos entrevistados. De acordo com Durand (2002) a árvore em diversas culturas simboliza a vida, e por ser um dos símbolos vegetais incita o sonho de um devir dramático. Por sua verticalidade, sua característica de floração, de frutificação sugere a passagem do devaneio cíclico para o devaneio progressista. “A iconografia da árvore apresenta uma figuração muito curiosa que é lembrança do simbolismo cíclico no seio de aspirações verticalizantes” (DURAND, 2002, p. 344).

Para Maffesoli (2005) o cosmos não é coerente, já que caos e ordem o compõem, e no plano simbólico a árvore é um mediador entre o homem e o Cosmos. A árvore pode significar a existência de uma solidariedade entre o homem e o seu meio. De maneira semelhante encontramos esta definição em Chevalier e Gheerbrant (2005): “Firme sustentáculo do universo, elo de ligação de todas as coisas, suporte de toda terra habitada, entrelaçamento cósmico, compreendendo em si toda miscelânea da natureza humana” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2005, p. 84).

*Eu vi que tinha uma coisa ligada com essa coisa do céu e da terra, de como encarna a ligação dele com as constelações e eu ficava associando (Maria).*

*Astrologia acredita que assim como no céu na terra. Não se sabe explicar por que... (Carol)*

*Totalmente integrado, diante do que a gente visualiza, há uma ligação muito forte em tudo (Amanda).*

Como vemos a palavra ligar que aparece com frequência, e esta palavra carregada de força semântica nos covida a imaginar um elo entre céu e terra. Segundo Chevalier (2005) a imagem da árvore põe em comunicação três níveis: o subterrâneo (raízes), o terreno (tronco) e as alturas (os galhos superiores). “Pelo fato de suas raízes mergulharem no solo e de seus galhos se elevarem para o céu a árvore é universalmente considerada símbolo das relações que se estabelecem entre o céu e a terra” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2005, p. 84).

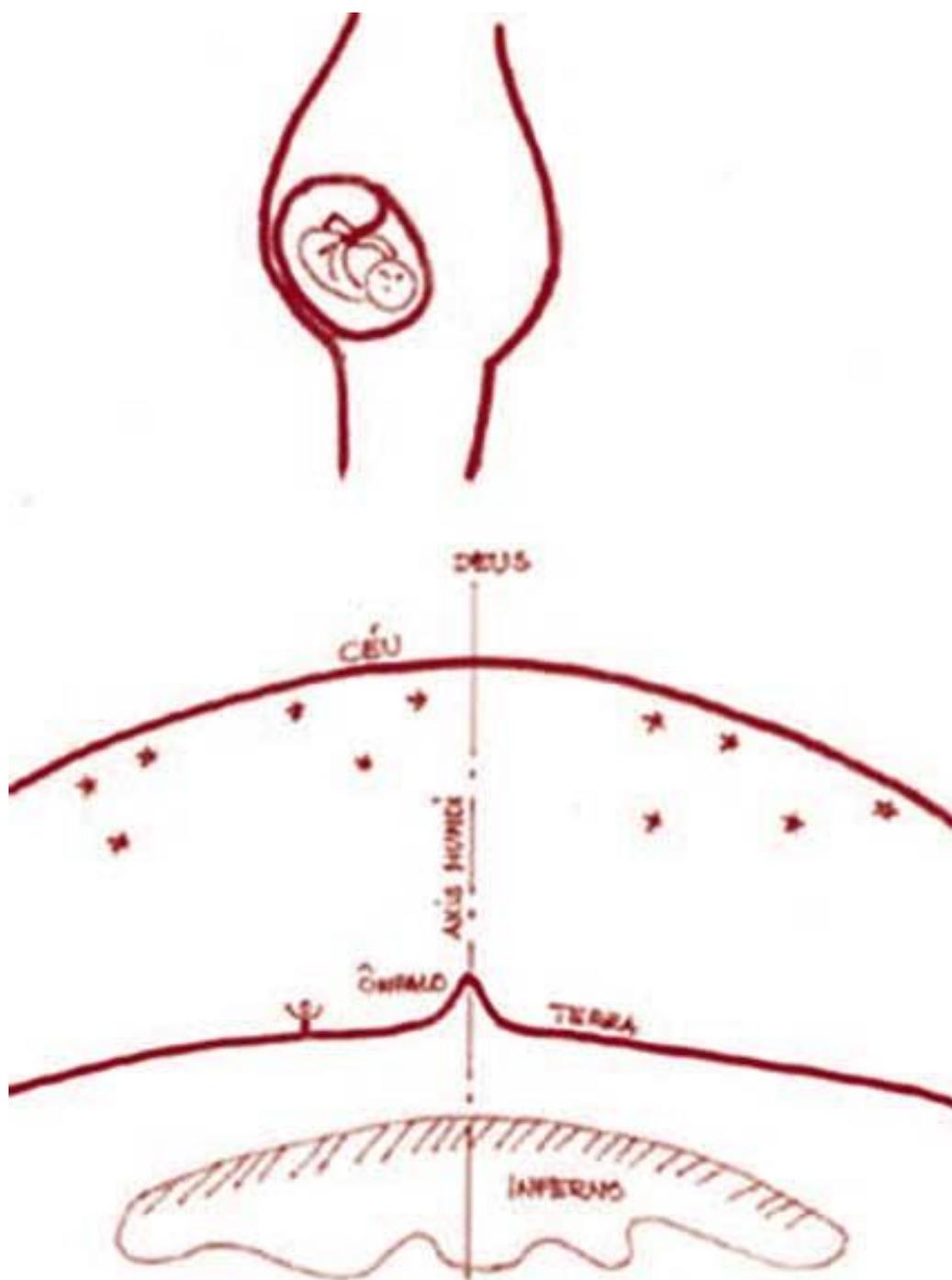
De forma análoga aos discursos de nossos entrevistados, o simbolismo da árvore também se repete na literatura especializada em astrologia. A revista digital constelar frequentemente acessada pelos nossos entrevistados, ao tratar da astrologia como ponte entre céu e terra põe em evidencia toda a dinâmica da ascensão:

Como linguagem simbólica, a Astrologia une, reproduz a totalidade do universo, do ser, juntando todos os aspectos da vida: filosofia, ciência, religião e arte. Reafirma a força e a capacidade iniciais perdidas pelo ser humano quando foi separado em disciplinas, quando a unidade do ser humano e da natureza foi quebrada. Na unificação do céu e da terra, do micro e do macrocosmo, do ser humano com a natureza, readquirimos nossa força, nosso poder criativo, nosso poder de determinar não só nosso destino, mas o destino da Terra e do Cosmo. A Astrologia é um poderoso instrumento de sintonização com o Cosmo e com nosso Ser, possibilitando a tomada de consciência ("*scire*"- **conhecer** e "*cum*"- **com**) de nosso papel no processo de evolução. (Fonte: Revista constelar).

Neste trecho acima podemos observar que o autor compreende que a astrologia tem como principal característica a unir o homem ao cosmos, ao mesmo tempo em que é instrumento de evolução, de crescimento. Bachelard (2001) mostrou que no plano da imaginação que a vida ascensional é uma realidade íntima. A ascensão é um convite permanente, à viagem aérea, ao devaneio da subida. Segundo o filósofo a verticalidade deve ser compreendida como um princípio de ordem, mas também como um convite à permanente mudança.

Em diversas culturas o simbolismo da árvore liga-se aos dinamismos da ascensão. Na China, por exemplo, podemos encontrar a árvore Kian-Mu símbolo do centro do mundo. No Ocidente o simbolismo da árvore esta presente em diversas religiões, como no cristianismo. Nas antigas escrituras sagradas a árvore é compreendida como um símbolo cósmico. "A árvore que saindo das profundezas da Terra, se elevou no centro da Terra e santifica até aos confins do universo. A Imagem da Árvore Cósmica conserva-se espantosamente pura" (ELIADE, 1992, p.157).

Imagem 07- Uma grávida que alimenta seu filho através do cordão umbilical, acreditava-se que o *Axis Mundi* conectava o Céu, a Terra e as regiões inferiores).



Na imagem anterior também apreendida em um dos textos da revista Constelar, podemos ver que o homem liga-se inteiramente ao céu desde sua gestação. O nascimento de um bebê é um acontecimento singular do ponto de vista cósmico. O Céu, a Terra e as Regiões Inferiores, se interligam através de uma linha imaginária, e como podemos perceber o referido desenho atravessava estes níveis ligando-os de forma a haver uma comunicação entre eles. Porém, a ênfase recai sobre o alto, a subida.

Nos discursos percebemos ainda que o simbolismo da árvore também possui uma característica ambivalente. Essa característica de ambivalência que o simbolismo da árvore expressa aqui corresponde à harmonização dos contrários. Baseado na teoria durandiana do imaginário, é possível afirmar que é o scheme rítmico que dinamiza este simbolismo.

“A árvore dupla simboliza o processo de individuação no decurso do qual os contrários existentes dentro de nós se unem” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2005, p.89). O processo de individuação diz respeito à realização desta unicidade no indivíduo. O processo de individuação é, “na verdade, mais que um simples acordo entre a semente inata da totalidade e as circunstâncias externas que constituem o seu destino” (JUNG, 2008, p. 214):

*A história da pessoa, a centelha divina... Todos nós somos únicos, é por isso que cada um tem mapa, por isso que ninguém é igual a ninguém. E os filhos gêmeos? As pessoas perguntam, primeiro que não nasce na mesma hora... (Júlia).*

*Eu acho que a astrologia lhe individualiza, não fica querendo globalizar você (Camila).*

*A sua própria individuação. Então você tem aqui suas facilidades, seus pontos mais fáceis, ali seus desafios. Não disse esse ou aquele desafio, mas diz desafios, então você vai*

*ter aquilo ali com se fosse uma encruzilhada na sua vida (Clara).*

### **3.6 Terceiro Tema: A relação com o Outro**

A relação com o outro é o tema fundamental antropologia. Podemos citar entre muitos outros, os trabalhos de Marcel Mauss. Para Mauss o uno (eu) e o plural (outro), estão sempre em tensão. Pensar e dar conta da tensão constante entre o “ponto de vista” de si próprio e o do outro é uma ideia recorrente nos trabalhos do referido autor. Para além das formas de estar e de agir no mundo, aparentemente estranhas e estrangeiras, o outro é um homem como eu. Ainda de acordo com Mauss, a alteridade não representa algo imutável, ela é relativa e contingente: eu não sou o outro a não ser nos olhos de quem me olha. De maneira semelhante, Lévi-Strauss (2008), também se esforçou por revelar a proximidade do universo mental dos índios da América com a Ocidental.

Tanto Mauss como Lévi-Strauss mostraram que há uma tensão constante entre a singularidade e a universalidade, entre o eu e o outro.

O tema da relação com o outro também se expressa no contexto estudado. Manifesta-se da seguinte forma: a vivência simbólica da astrologia possibilita uma interpretação, uma maneira de lidar com o outro, de falar com outro. O outro aqui pode ser um o amigo, um chefe, ou mesmo um familiar. Manifesta-se repetitivamente entre os participantes nessa pesquisa, o desejo de se estabelecer um tipo de relação menos conflitual, e mais conciliatória. Nesse sentido, podemos afirmar que há uma necessidade de se estabelecer relações a partir de uma perspectiva de complementaridade: Trata-se da relação com o outro da natureza, com o outro do grupo. Nessa perspectiva o outro não é mais que uma relação.

*É um estudo antropológico, a astrologia é um estudo da alma da pessoa da psique... Aí a gente começa a ter mais sensibilidade para questões dos outros, para os movimentos dos seres humanos que estão ao nosso redor. Quando a gente começa a perceber mais a gente, aí a gente consegue ver o outro também (Carol).*

*...para mim foi um excelente material de reflexão a respeito de mim mesma, e dessa forma compreender melhor o outro, eu acho que esse é o lance, até para a gente poder lidar com aquelas questões do outro (Clara).*

Nas falas apresentadas acima podemos observar que a astrologia apresenta-se como um meio de compreender e interpretar movimentos, atitudes e comportamentos dos outros. Aqui o conhecimento de si somente é possível de se alcançar a partir do momento em que se atinge o conhecimento do outro. Trata-se, portanto, de um paradoxo: “de Conhecimento intuitivo que permite superar o desmembramento, a separação, a distinção para aceder a uma forma de totalidade” (MAFFESOLI, 2007, P.133).

Já mencionamos que há uma preocupação obsessiva em oferecer respostas aos conflitos cotidianos, em conciliar contradições e tensões nos relacionamentos interpessoais, nos discursos de nossos entrevistados. Convém lembrar também que o outro e o eu tal como se expressam aqui interagem de forma recíproca. E mais uma vez, cabe citar Maffesoli: “Somos alguém ou alguma coisa porque o outro nos reconhece como tal” (MAFFESOLI, 2007, p.133). A ênfase dada às relações, e de como a astrologia permite interpretar às relações é frequentemente citado nas falas.

Poder-se-ia dizer que se trata de outra lógica: ao invés de me separar, o outro que vivencio no cotidiano é o outro com o qual devo me ‘re-ligar’. Isso nos remete a Morin (2011), quando diz que quanto mais nos tornamos autônomos, mais devemos assumir a incerteza e a necessidade de religação.

*Na realidade eu gosto muito de fazer a sinastria, para que a gente possa entender as limitações da gente, e as limitações do outro nessa relação. Então, vamos supor, eu convivo com três leoninos, então a coisa da divisão não é muito boa. O leonino ele tem uma coisa de ser líder, ele realmente é muito sol. Se o foco desvia dali, é possível que haja atrito. Se eu não tivesse esse entendimento, ia ser uma família extremamente*

*briguenta. Meu pai é leonino, minha irmã é leonina e meu filho é leonino (Maria).*

*Aí você grava para ouvir porque todo mundo acha que é auto-referência... Mas, eu acho que o bonito na astrologia é você vê que você tem dificuldades, então você vai ser mais condescendente com outro (Eliane).*

*A astrologia me ajuda a me enxergar, e também por se utilizar muito de simbologia, facilita a linguagem quando você quer falar do outro... É o que é mais forte na astrologia, esse conhecimento do outro a partir de características natais. É claro que o meio social, o sexo vai contribuir muito para a formação da personalidade da pessoa (Vitor).*

No decorrer de nossa observação, encontramos a temática do outro não somente nas falas dos nossos entrevistados, mas também, pudemos observar que os eventos em astrologia também dão grande ênfase à dimensão interpessoal, leia-se do social.

Imagem 08- Stellium, evento realizado pela Academia Castor e Polux em 2012



*(‘Carruagem de Vênus’ - Atribuída a Rafael Sanzio, séc XVI)*

*(‘Medalha’ - Alphonse Dubois, 18 de agosto, 1868)*

**Alô, pessoal!**  
**Stellium 2012**  
**O Belo pede Passagem**  
 de Eduardo Maia

**Sexta-feira, 6 de janeiro de 2012, às 20h**  
**Cinema São Luiz**

*Pelo 31º ano consecutivo, a Academia Castor & Polux estará realizando o Stellium que significa “estrelação”, no dia dos Astrólogos de Reis - que é o do simbolismo de dar e receber presentes - e dia mundial do Astrólogo.*  
**O Stellium 2012 terá a palestra ‘O Belo pede Passagem’ pelo Astrólogo Eduardo Maia, (criador intelectual do evento) em função do Cazami-Vênus (Trânsito de Vênus), em Gêmeos (5 junho).**

*“Encerrando o miniciclo iniciado em 2004 (só retornando em 2117/2125), Vênus em Passagem pelo Coração do Sol revigora a Beleza, a Sensibilidade, a Afecção. Vênus colhe o Brilho, para seu Cinto onde estão todos os tipos de Amores & Graças, Artes & Artistas.*

*O segundo semestre está ‘muito escuro’ devido a 18 Ocultações, 10 seguidas de Júpiter (junho/2012 a fev 2013) inclinam a um déficit & colapso do Poder, no público/privado, local/nacional, mercado/sapiência, surge um breu, lembrando a série 2004/2005 e deu-no-que-deu e doeu!*

*Por que a grandeza deixou perdido o meu saber?...  
 ...Em que Espelho embelezarei a minha face?”*

*Haverá uma abordagem sobre as tendências para o ano de 2012, como Stelliums (grandes agrupamentos de Planetas), ingressos de Planetas em Signos, Conjunções & Oposições, Eclipses & Ocultações, Trânsitos do Mapa do Brasil, além do bônus de sequências cinematográficas do Cinto de Vênus e de uma surpresa es-cul-tu-ral!*

*Não percam!  
 Enviem, imprimam e divulguem para amigos e interessados.*

*Xêros que pedem Passagem!  
 Professor EDUARDO MAIA*

**Com entrada franca e Patrocínio Cultural da FUNDARPE e da PREFEITURA DO RECIFE**

*Inclui o brinde do ‘Programa 2012’ - com Planetário, Anuário, várias Vênus e uma mirada no Espelho que Embeleza.  
 Quem for, formoso fica...quem não for...*

Realização



Direção  
**Eduardo Maia**

Rua Marquês de Paranaguá, 113 • Casa Forte • Cep 52061-330  
 Recife - PE • Fone (81) 3268.2117 - castorepolux@uol.com.br

Os eventos sobre astrologia ocorrem com frequência no Recife. Esses eventos versam sobre vários temas: a simbologia, a mitologia na astrologia, entre outros. Nessas atividades reforçam-se os contatos. “A participação nesses eventos, mesmo que esporádica, fortalece uma rede de contatos que acaba por gerar laços de identificação, ajudando a configurar um Nós” (COSTA, 2005 p. 39).

O stellium é um evento anual realizado pela academia Castor & Polux, sempre em 6 de janeiro, Dia de Reis. Na atividade são apontadas

determinadas tendências para o ano. No ano de 2012 o evento teve como o título: *O belo pede passagem*. Na ocasião, a figura de Vênus foi destacada. Na palestra, observamos que Vênus recebeu a significação de beleza, sensibilidade, afeição, arte.

Símbolo das forças irreprimíveis e da fecundidade, Vênus foi debatida no encontro por outras imagens, filmes e textos. Mas a ênfase recai na característica que o momento adquiriu para agregar, juntar, unir. Ainda segundo o palestrante Eduardo Maia, em 2012, é chegado ao fim de um ciclo, onde homens e mulheres, sabendo que são parceiros, e todos os segmentos afetivos, eróticos e de sensibilidade. O momento de olharem para o espelho e colocarem certa 'arte ativa' para fora, ou seja, sua capacidade. Ainda na visão de Eduardo, mais do que simples reprodução, o momento é de produção estética em diversos campos da vida. Além disso, destaca o astrólogo, a importância de compreender que de uma forma ou de outra estamos sintonizados:

*Aquele sistema antigo acabou. Acabou aquela coisa de você estar isolado do mundo. Estamos em sintonia. Tanto no bom quanto no mau sentido (Eduardo).*

Vemos mais uma vez, que importância é dada à ligação com o outro. O discurso astrológico, tal como pudemos observar, opõe-se ao pensamento moderno. O indivíduo é tratado não como um ser autônomo, mas como algo que de certa forma participa e se vincula ao outro. Dessa forma, poder-se-ia dizer que mais do que uma perspectiva monoteísta estamos diante de um politeísmo de valores. Um politeísmo que produz uma outra forma de harmonia:

*...saber que não existe uma forma, um modelo único. Na astrologia você vê mais detalhadamente, é importante ter todas essas pessoas na sociedade; uma mais organizada, uma mais desorganizada, uma mais sensível, outra menos sensível, porque você fica querendo um modelo (Clara).*

O tema da relação com o outro se caracteriza por uma maneira mais empática de vivenciar as relações. E assim é que chegamos a mais um mitema: Trata-se do mitema da *empatia*. A intenção aqui é falar com o outro, comunicar-se melhor para se relacionar de forma conciliatória. Dentre os símbolos que aparecem nos discursos, o simbolismo de mercúrio surge de forma repetitiva, constelando este Mitema:

*Então, eu tenho vivido muito isso na minha vida pessoal. E a regência de mercúrio, esse ano foi o ano regido por mercúrio, comunicação, internet, esta tudo mais fluido (Maria).*

*Exemplo: ele também fazia leitura simbólica de filmes, é uma coisa que o recifense tem fazer grupos de estudos e fazer leitura simbólicas de filmes. Esse filme quer dizer um Vênus carbonizado, ele é o arquétipo de mercúrio ali (Vitor).*

*E aí, por exemplo, uma conjunção de mercúrio com júpiter que aconteceu no ano tal. Aí eu vivia aquilo ali, aí eu ficava observando, mas atenta no meu dia-dia o que iria acontecer e tinha um efeito muito positivo (Carol).*

O símbolo de Mercúrio aparece nas entrevistas toda vez que o assunto era a relação interpessoal, ou mesmo sobre comunicação. Na astrologia, Mercúrio é símbolo da mente e da comunicação, estando intimamente ligado ao nosso senso de direção espiritual representado pelo Sol. Na consulta astrológica esse planeta é trabalhado de maneira específica.

*A comunicação tem uma casa específica, mas em todas as casas é trabalhada a comunicação em geral. Então esse trabalho a gente trás um pouco para campanha (no ambiente de trabalho), mas no final a gente tem tenta puxar alguma coisa que leve para alguma campanha, alguma discussão (Camila).*

Segundo Chevalier e Gheerbrant (2005), no zodíaco Mercúrio representa um mediador, este símbolo diz respeito à ligação e intercâmbios, movimentos e adaptações constantes. Em alguns casos este símbolo refere-se à dualidade. Como por exemplo, no período medieval, Mercúrio também conhecido como Mercurius, era o deus dos alquimistas. “Mercurius é o "andrógino alquímico"; uma tradição astrológica reza que o planeta Mercúrio é andrógino, nem homem nem mulher, mas ambos” (GUTTMAN & KENNETH, 2005, p.60).

A imagem de mercúrio tal como pudemos perceber relaciona-se com o caráter dual, ou seja, refere-se a princípios contrários e complementares. Segundo a arquetipologia Durandiana este simbolismo estaria ligado os scheme da copulação. Duplicidade vivida no dia-a-dia nas interações.

Simmel demonstrou em seus estudos sobre as grandes metrópoles que não há como dissociar o indivíduo e as suas relações. Na concepção do autor a multiplicidade e a troca constante caracterizam a vida subjetiva das grandes cidades. “O homem pautado puramente pelo entendimento é indiferente frente a tudo que é propriamente individual, pois do individual originam-se relações e reações que não se deixam esgotar com o entendimento lógico” (SIMMEL, 2005, p.579).

Esse declínio do individual é abordado há algum tempo. Autores de diversas áreas tem trazido a tona à temática do reencantamento do mundo. No campo sócio-antropológico, Gilbert Durand, assim como Maffesoli, enfatizaram a temática. Gilbert Durand (2004) mostra que não somente mitos eclipsados recobrem os mitos de ontem e fundam a episteme de hoje, mas ainda os sábios na ponta dos saberes da natureza ou do homem, tomam consciência da relatividade constitutiva das verdades científicas, e da realidade perene do mito. Ainda de acordo como o antropólogo, o mito não é mais um fantasma gratuito que subordinamos ao perceptivo e ao racional tal como foi compreendido na modernidade. Ao contrário é algo que podemos manipular para o melhor como para o pior.

Já Maffesoli aborda a questão do retorno às dimensões míticas da existência, vividas no cotidiano. Há aqui uma maneira de viver ligada mais ao presente, ao instante. “Ao invés de um Eu reduzido em si, emerge um Eu mais vasto, transcendente a si mesmo. Trata-se de organicidade onde o indivíduo e seu

entorno ou ainda, a do pequeno si individual e o Si maior que deve se realizar” (MAFFESOLI, 2003, p.70).

Segundo Maffesoli (2008), diante das exigências contemporâneas devemos por em prática uma maneira relativista de se olhar o homem e as sociedades atuais. Nessa perspectiva, é fundamental levar em consideração as aparências. Simbólico, nesse ponto de vista é nascer reconhecendo o outro. “A comunicação pós-moderna é o retorno do simbólico pré-moderno. Eu só existo através e sob o olhar do outro” (MAFFESOLI, 2008).

Finalmente, após termos levantado os símbolos recorrentes nos discursos daqueles que fazem uso da astrologia no Recife, identificando os mitemas que aparecem, resta-nos na etapa seguinte do trabalho, por em análise estes mitemas.

## **4 CAPÍTULO - III**

### **4.1 ANÁLISE DAS CONSTELAÇÕES DE IMAGENS**

*O mito desvenda uma região ontológica inacessível à experiência lógica superficial.*

Mircea Eliade

No capítulo anterior procuramos levantar, através do referencial da mitocrítica, os símbolos e mitemas que se repetem nos discursos daqueles que fazem uso da astrologia no Recife. Nessa fase do trabalho observamos que três temas aparecem de forma obsessiva nas falas, e estes por sua vez, acabaram nos conduzindo aos mitemas redundantes (*Herói contra as potências noturnas – Harmonização – Laço – Empatia*). Vimos que os mitemas são os “pacotes” e ou “constelações” de imagens, ou seja, são os pontos fortes das narrativas. Esses pontos fortes se organizam em torno de certas imagens e símbolos, aparentemente distintos, mas, que podem adquirir significados semelhantes. Também vimos que as sequências desses mitemas nos informam sobre a intenção consciente ou inconsciente de uma obra numa época. Resta-nos, como já mencionamos, por em análise os mitemas obsessivos apreendidos.

#### **4.2 Mitema: Herói contra as potências noturnas**

O mitema do ‘herói contra as potências noturnas’ esta presente na maioria dos discursos analisados. Por este motivo, decidimos discorrer primeiramente sobre este mitema.

De início, é importante destacar que em diversas mitologias a noite é temida. Na mitologia grega, por exemplo, a noite adquire um caráter nefasto. A noite (Nyx) era filha do Caos e mãe do céu (Urano) e da terra (Gaia). Ela também engendrou o sono e a morte, o sonho e as angústias, a ternura e o engano. Na referida mitologia, Nyx simboliza o tempo das gestações, das germinações e das conspirações, que vão surgir à luz do dia em manifestações de vida (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2005, p. 639 - 640).

Entre os celtas, é possível observar que a noite possui um duplo aspecto. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2005), na concepção céltica do tempo a noite é o começo do dia e corresponde simbolicamente à eternidade. Além disso, a noite é ao mesmo tempo treva onde fermenta o vir a ser, e a preparação do dia onde brotará a luz da vida.

Diversas tradições atribuem à noite duas dimensões. No que se refere ao judeu-cristianismo, podemos encontrar uma dualidade semelhante no livro de Gênesis, pois, nesta passagem das escrituras as trevas opõem-se à luz do dia, justamente porque a luz nasce da escuridão: *“A terra, porém, estava informe e vazia, e as trevas cobriam a face do abismo, e o Espírito de Deus movia-se sobre as águas. E Deus disse: “Exista a luz”. E a luz existiu”* (Genesis, 1, 2, 3).

Já na teologia mística, a noite significa o desaparecimento de todo o conhecimento distintivo, analítico, exprimível; significa também, o desaparecimento de qualquer equilíbrio psicológico, ou seja, a noite aqui representa o próprio desequilíbrio mental. Assim, de acordo com Chevalier e Gheerbrant (2005), entre os místicos, a noite adquire simbolicamente um caráter de indeterminação e corresponde à obscuridade.

No plano simbólico, as trevas noturnas são ricas em todos os tipos de potencialidades. “No folclore, por exemplo, o final do dia, ou a meia noite, são considerados horas perigosas. É a hora em que os animais maléficos e os monstros se apossam dos corpos e das almas” (DURAND, 2002, p. 91). Segundo Chevalier, e Gheerbrant (2005), o entrar na noite permite o regresso ao indeterminado, onde se misturam pesadelos, incubos, súcubos e monstros. Por essa razão ela (a noite) é associada à imagem do inconsciente.

Gilbert Durand (2002) mostra que no plano simbólico, a noite adquire um caráter sombrio (quando se refere à estrutura heróica do imaginário). Essa face negra aparece como a própria substancia do tempo. Na Índia, por exemplo, “o tempo chama-se Kala - um parente etimológico muito próximo de Kali - um e outro significando “negro, sombrio”, e nossa era secular chama presentemente Kali-Yuga, “idade das trevas”” (DURAND, 2002, p. 92). Na antiguidade a noite também se constituía como primeiro símbolo do tempo. Ainda de acordo com Durand (2002) entre os indo-europeus, ou mesmo entre os semitas, contava-se o tempo por noites e não por dias. Portanto, a noite negra diz respeito à situação de trevas quando

vinculada ao Regime Diurno de imagens, e por se tratar da substancia própria do tempo, recolhe todas as valorizações negativas.

Como havíamos destacado ainda no primeiro capítulo, o princípio da imaginação consiste em representar, em figurar, em simbolizar as imagens do tempo e da morte, a fim de dominá-las. Neste sentido, vale lembrar que o desejo fundamental procurado pela imaginação humana é reduzir a angústia existencial.

Considerando o fato da consciência de morte ser a base comum da experiência humana, é através da imaginação que o homem esforça-se em criar repostas à passagem do tempo e à inevitabilidade da morte. Nas palavras de Gilbert Durand: “o imaginário constitui a essência do espírito, isto é, o esforço do ser para erguer uma esperança viva frente e contra o mundo objetivo da morte” (DURAND, 2002, p. 232). É através da atividade criativa que se torna possível, por assim dizer, se defender da angústia existencial, da morte. Assim, o ato de representar a morte, tal como é possível observar nos símbolos relativos à noite, já é em si uma maneira de exorcizá-la.

Vale resaltar aqui as duas maneiras de agir diante dessa angústia própria do imaginário, segundo a arquetipologia Durandiana: uma ligada a um querer conquistar o tempo com armas, correspondendo ao Regime Diurno do Imaginário com as estruturas heróicas; outra a eufemizar, liga-se às estruturas místicas e a característica de reconciliação corresponde às estruturas sintéticas. Essas duas últimas estruturas configuram o Regime Noturno do Imaginário:

Esses dois regimes da imagem recobrem três estruturas do imaginário, que dão resposta à questão fundamental do homem: sua mortalidade. Morte e angústia existencial se expressam através das imagens relativas ao tempo (PITTA 2005, p. 22 - 23).

Vimos no segundo capítulo que o desejo expresso por nossos entrevistados é primariamente o do *distinguir as trevas do luminoso valor*. Essa vivência se expressa através de imagens. Assim, podemos dizer que o que caracteriza o referido mitema é a obsessão pela distinção. A partir de tal constatação, podemos afirmar que estamos diante do Regime Diurno de imagens.

“O Regime Diurno tem a ver com a dominante postural, a tecnologia das armas, a sociologia do soberano mago e guerreiro, os rituais da elevação e da

purificação” (DURAND, 2002, p. 58). Neste regime de imagens a figura mítica do herói está sempre pronta para o combate. Aqui o herói deve permanecer em estado de vigília, ou seja, com as armas prontas para o combate. Neste sentido, pode-se dizer que uma estrutura heróica, é aquela em que os monstros são combatidos por meio dos símbolos ascensionais e luminosos. Dessa forma, para que o herói possa vencer a morte, é necessário, (pelo menos no plano mítico ligado ao Regime diurno de imagens) separar a luz das trevas. São as armas do combate contra o destino que possibilitam essa separação:

A arma da qual o herói se encontra munido é ao mesmo tempo símbolo de potência e de pureza. O combate se cerca mitologicamente de caráter espiritual, ou mesmo intelectual, porque as armas simbolizam a força de espiritualização e de sublimação (DURAND, 2002, p. 161).

De acordo com a definição de Brandão (1987) o herói é aquele que não se exaure na sua missão, vive para a sua causa. São seres metade deuses metade humanos; são intermediários entre o mundo da consciência e o inconsciente.

Em diversos mitos, heróis entram em combate contra monstros, ou mesmo enfrentam seres sombrios. De maneira geral, o mito universal do herói, segundo Jung (2008), refere-se sempre a um homem ou um homem-deus poderoso e possante que vence o mal, apresentado na forma de dragões, serpentes, monstros, demônios, etc. Além disso, o psicólogo suíço observa que no plano mítico, as figuras heroicas estão sempre prontas para superar o medo que lhes inspirava a presença de forças maternais e demoníacas do inconsciente.

Sendo as potências noturnas representações do tempo e da morte (como vimos anteriormente), é imperativo que o herói porte a luz, a chama necessária para vencer simbolicamente as trevas. “O herói também é ornado com atributos do Sol, cuja Luz e calor triunfam das trevas e do frio da morte” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2005, p.489).

Eliade (2008) enumera uma série de mitos onde as figuras dos heróis se destacam como potências solares que enfrentam o medo da noite. “Encontramos estes heróis solares entre os pastores africanos (os hotentores, os

herrero, os masais) entre os turco-mongóis (Gesser Khan), entre os judeus (Sansão) sobretudo, em todas as nações indo-europeias” (ELIADE, 2008, p. 124).

Podemos encontrar também no Cristo Redentor o tema universal do herói solar e salvador. Esse tema remete à narrativa mítica de um herói que teve nascimento humilde, mas milagroso. Numa acepção solar, “o herói salva o mundo, renova-o, inaugura uma nova etapa que equivale por vezes a uma nova organização do universo, quer dizer, conserva ainda a herança demiúrgica do ser supremo” (ELIADE, 2008, p. 125).

As escrituras sagradas mostram que para salvar o mundo de todo o poder maligno, Cristo teve que enfrentar as trevas, de modo que o Herói (Jesus) para combater as potências noturnas, se manifesta como própria luz. Podem-se observar várias passagens a esse respeito:

João 1:4 A vida estava nele e a vida era a luz dos homens.

João 12:46: eu vim como luz para o mundo, a fim de que todo aquele que crê em mim não permaneça nas trevas.

João 8:12 De novo, lhes falava Jesus, dizendo: Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andaré nas trevas; pelo contrário, terá a luz da vida.

É possível notar que a bíblia esta repleta de citações mostrando Cristo como o herói e salvador, aquele que representa a luz e que vence as sombras. Na tradição Medieval, “o Cristo é constantemente comparado ao Sol, ele é chamado *sol Salutis*, *Sol invictus*, ou ainda em nítida alusão a Josué, *Sol occasum nesciens* e, segundo santo Eusébio de Alexandria, os cristãos, até o século V, adoravam o sol nascente” (PITTA, 2005, p. 28).

Também podemos encontrar no judeu-cristianismo outras figuras heróicas como as de São Miguel Arcanjo e São Jorge. Para Durand (2002), estas imagens representaram simbolicamente os armados cavaleiros da Idade Média, todos eles cavaleiros portadores da luz.

Percebemos no mito de Teseu um traço mítico semelhante, já que aqui o herói encontra saída diante das trevas:

O herói escapou das trevas com todos os companheiros e, após inutilizar os navios cretenses, para dificultar qualquer perseguição, velejou de retorno à Grécia, levando consigo Ariadne (BRANDÃO, 1987, p. 167).

Através das imagens apreendidas pelas narrativas daqueles que vivenciam a astrologia, é possível observar que no plano simbólico, as potências noturnas (representadas pelos conflitos, traumas, situações adversas, e em alguns casos o futuro) devem estar presentes para que possam ser vencidas. Segundo nossos entrevistados essa é a essência do autoconhecimento, pois na vida os conflitos são inevitáveis, mas é a partir deles que se pode alcançar um aprofundamento maior em si mesmo.

Mas além dos aspectos solares, outra característica predomina no mitema que estamos tratando: são as representações vinculadas à transcendência. Já mencionamos no segundo capítulo que o 'alto' é uma das dimensões da transcendência, já que é inacessível ao homem, e é a partir da categoria transcendental da altura que o homem toma consciência de sua posição no Universo. Segundo Durand (2002) toda transcendência está sempre armada, ou seja, a arma com a qual o herói se encontra munido:

Trata-se da separação "cortante" entre o bem e o mal, "a transcendência está sempre armada". Separação e polêmica exigem um herói, um guerreiro. E o guerreiro tem armas (ROCHA PITTA 2005, p. 28).

Numa perspectiva durandiana, poder-se-ia afirmar que a verticalidade pura é o desejo de evasão para o lugar hiper ou supraceleste. Convém aqui exemplificar esta afirmação expondo uma imagem apreendida no campo de pesquisa:

Imagem 09- De origem francesa, está imagem remete as aspirações ascensionais.



De maneira geral, as representações astrológicas nos convidam a imaginar uma série de imagens ligadas à ascensão. Isto nos remete a uma cena primordial que se recolhe em nossa memória coletiva desde tempos ancestrais: “Na escuridão da noite, alguém mira as estrelas em sua profusão de pontos brilhantes vendo imagens-lembranças que se formam como motor desta sístole-diástole básica da imaginação” (SANTOS, 2005, p. 89).

Diversas tradições compartilham a ideia da estrela como símbolo que conduz o homem ao céu, como por exemplo, na tradição Islâmica. Em tal tradição a estrela também é manifestação da fé em Deus, para preservar de todas as ciladas e que conduz a criatura em direção ao seu criador. “Ela fulge não apenas no Céu físico, mas no coração do homem, obscurecido pelas paixões e mergulhado na noite do sentido” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2005, p. 564). Também é possível ver uma ideia mítico-religiosa dominar o hemisfério norte, onde as estrelas são aberturas dispostas a permitir a aeração do Céu. Ainda no que diz respeito à dimensão simbólica, pode-se ver que o Céu aparece em diversos mitos enquanto uma manifestação direta da transcendência. Nesta perspectiva, pode-se afirmar que o que está em cima tem um sentido elevado, e poderoso.

Finalmente, podemos concluir dizendo que no mitema do herói contra as potências noturnas estão presentes dualismos como: “Luz-treva, céu-terra, alto-baixo. Trata-se aqui de dividir, de separar e de lutar” (PITTA, 2005, p. 26).

### **4.3 Mitema: Harmonização**

O mitema da harmonização é o segundo de maior frequência nos discursos. Este mitema caracteriza-se pelo aspecto da conciliação dos contrários. Aqui a noite já não é carregada de temores, ela não é oposição total à luz como vimos anteriormente.

Este mitema introduz-nos numa dimensão ‘crepuscular’. Significa dizer que tanto as representações diurnas quanto as noturnas estão presentes. Faz-nos pensar ao mesmo tempo, na coincidência dos opostos. Bachelard (1989) mostra que no plano das imagens, existe uma dimensão onde dia e a noite se harmonizam,

e ao mesmo tempo, onde “a consciência do claro-escuro da consciência tem uma tal presença – uma presença duradoura – que o ser espera que desperte” (BACHELARD, 1989, p. 15). Trata-se, portanto, da harmonização dos contrários:

Na harmonização dos contrários, o progresso é entendido como o ritmo da natureza, principalmente nos climas temperados, ensina que a morte é necessária para que haja renascimento. O fogo, proporcionando a morte total, é o elemento mais propício ao renascimento (renascer das próprias cinzas) (ROCHA PITTA 2005, p. 35- 36).

A harmonia aqui é estabelecer um acordo entre elementos discordantes, de forma tal que um princípio de ordenação do mundo e do cosmos apareça. Podemos considerar que o mitema da harmonização liga-se à estrutura sintética do imaginário. Quer dizer, ora pode vencer a angústia com armas, ora com ações místicas. Em tal estrutura, os símbolos se enlaçam ao tempo para vencê-lo. Nas palavras de Durand (2002):

Todos os símbolos da medida e do domínio do tempo vão ter tendência para se desenrolar seguindo o fio do tempo, para ser míticos, e esses mitos serão quase sempre mitos sintéticos que tentam reconciliar a antinomia que o tempo implica: o terror diante do tempo que foge, a angústia diante da ausência e a esperança na realização do tempo, a confiança numa vitória sobre ele. Estes mitos, com a sua fase trágica e a sua fase triunfante, serão assim sempre dramáticos, que dizer, porão alternativamente em jogo as valorização negativas e positivas das imagens (DURAND, 2002, p. 282-283).

Nossa imersão no campo de pesquisa possibilitou-nos compreender que um dos aspectos mais relevantes das representações ligadas à distinção, a vivência da astrologia propicia em algumas circunstâncias a superação do sentimento de fragmentação. A questão da concepção cíclica do tempo trata disto:

“a possibilidade de viver um eu plural, ou de superar o eu em uma entidade mais vasta” (MAFFESOLI, 2003, p. 37).

Vale aqui mencionar que a questão do tempo cíclico é uma constante na pós-modernidade como observa Maffesoli (2003). É que ao invés da visão linear e monodimensional própria da modernidade é a repetição cíclica que emerge. Afrontamento do destino e retorno cíclico são os dois elementos essenciais que são marcantes na cultura são, portanto, formas arcaicas presentes. A lógica do tempo cíclico, fundada no arquétipo do eterno retorno, permite o combate contra a morte. Harmonizar, portanto, significa participar dessa lógica da repetição temporal.

No mitema da harmonização os símbolos cíclicos, tais como a roda astrológica e a espiral, expressam essa intenção de unificar, e como bem demonstrou Durand (2002): onde quer apareçam símbolos ciclos, eles vão remeter a totalidade temporal e o recomeço. Cabe aqui exemplificar esta afirmação expondo outra imagem apreendida em campo:

Imagem 10- Roda zodiacal



No contexto da vivência astrológica, os acontecimentos da vida são narrados sempre numa perspectiva circular. Significa que há uma compreensão de que o fim de etapas da vida, não é mais que um eterno recomeçar. A vida se conta a partir dos seus ciclos. “O tempo só torna possível o aparecimento e a existência das coisas. Não exerce uma influência final sobre sua existência, já que, ele próprio, passa por uma constante regeneração” (ELIADE, 1992, p. 87).

Já aludimos ao fato de que o mitema da harmonização liga-se à coincidência dos contrários. No plano mítico, a coincidência dos contrários diz respeito à superação dos extremos, pois, aqui o cosmos e homem se entrelaçam formando assim uma totalidade. Há, portanto: a necessidade que o homem experimente e anule periodicamente uma condição diferenciada e bem fixada, para reencontrar a totalização. Na experiência astrológica, “homem e cosmos integram-se, e em muitos casos, a consciência de tal homem supera os conflitos harmonizando os pares de contrários – prazer e dor, desejo e repulsa, frio e quente, agradável e desagradável” (ELIADE, 2008, p.342).

Encontramos em diversos mitos esse traço da conciliação das oposições. A mitologia grega o exprime, de maneira detalhada, pelas múltiplas ligações que unem os imortais e os mortais essa união dos contrários. “O casal primordial o Céu e Terra, Ouranos e Gea, é um modelo acabado dessa união (MAFFESOLI, 2005, p.31)”. Outros exemplos podem ser ainda citados a respeito dos mitos de polaridades que se integram. Alguns se manifestam pela consanguinidade dos heróis com o seu antagonista: “Indra, e Mamuci, Ormuz e Ariman, Rafael e Lucifer, Abel e Caim, etc”. (DURAND, 2002, p.290).

Convém aqui fazer referência à androginia, já que é uma fórmula arcaica da biunidade divina e que expressa à união dos opostos. O mito da androginia revela o paradoxo da existência divina, segundo Eliade (2008). Nos mitos da tradição clássica o andrógino se caracteriza como ser esférico, único, incondicional e perfeito. Observam-se traços andrógenos em figuras míticas como: Adônis, Dionísio, Cibele, Castor e Polux. “O andrógino é muitas vezes representado como um ser duplo, possuindo a um só tempo os atributos dos dois sexos, ainda unidos, mas a ponto de separar-se” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2005, p. 52). Eliade (2008) mostra que o mito do Deus da androgénia e do antepassado - o homem primordial - bissexuado é paradigmático, pois o homem experimenta

periodicamente a necessidade de uma condição de humanidade perfeita. Signo da totalidade, nele se realiza a condensação das polaridades denominada a *coincidentia oppositorum*.

Os símbolos cíclicos que constelam o mitema em questão acabam nos remetendo à figura de Dionísio. Deus da vegetação, da vinha, do vinho, dos frutos, da renovação, Dionísio (Baco) liga-se a uma valorização positiva do devir. Isso diz respeito a uma atitude de entrega aos ciclos cósmicos. Encontramos em Dionísio o complexo agro-lunar, ou seja, uma figura andrógena que se vincula à vegetação e aos frutos da Terra:

Deus ctônico Dioniso é também o princípio e o senhor da fecundidade animal e humana.' Denominado, aliás, Falen ou Falenos, a procissão do 'Phallos' ocupa lugar importante em muitas de suas festas (assim como a descoberta ou a revelação do falo nos afrescos da iniciação, por exemplo, da Vila dos Mistérios em Pompéia) (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2005, p.340).

Podemos chamá-lo deus da vida porque Dionísio é um deus genuinamente agrário, originariamente relacionado ao florescer da terra, da vida em seu aspecto mais primordial. Dionísio, conta a mitologia, foi um deus nascido duas vezes, sua imagem remete a temática da morte e renascimento. É possível observar esse aspecto em uma das versões do mito:

Tendo, pois, engolido o coração de Zagreu ou fecundada por Zeus, Sêmele ficou grávida do segundo Dioniso. Hera, no entanto, estava vigilante. Ao ter conhecimento das relações amorosas de Sêmele com o esposo, resolveu eliminá-la. Transformando-se na ama da princesa tebana, aconselhou-a a pedir ao amante que se lhe apresentasse em todo o seu esplendor. O deus advertiu a Sêmele que semelhante pedido lhe seria funesto, uma vez que um mortal, revestido da matéria, não tem estrutura para suportar a epifania de um deus imortal. Mas, como havia jurado pelas águas do rio Estige jamais contrariar-lhe os desejos, Zeus apresentou-se-lhe com seus raios e trovões. O palácio de Sêmele se incendiou e esta morreu carbonizada. O feto, o futuro Dioniso, foi salvo por gesto dramático do pai dos deuses e dos

homens: Zeus recolheu apressadamente do ventre da amante o fruto inacabado de seus amores e colocou-o em sua coxa, até que se completasse a gestação normal (BRANDÃO, 1987, p.120).

#### **4.4 Mitema: Laço**

Dionísio nos remete também à união cósmica, diz Maffesoli (2005). Podemos observar no mito de Dionísio a intermediação entre o homem e o divino. O mito conta que Sêmele foi seduzida por Zeus e ficou grávida de Dioniso. Um dos traços de Dionísio é, portanto, o de ser um Deus que faz a ligação entre essas duas dimensões (Terreno-celeste). Esse traço do mito grego de Dioniso é que acabou remetendo-nos ao laço entre o microcosmo e o macrocosmo, aquilo que é próprio da vivência astrológica.

Aqui a natureza deve ser vivida de forma ligante, gerando assim um equilíbrio. O mitema do laço caracteriza-se pelo aspecto da união: o homem e o cosmos ligam-se, unem-se para formar um todo. Neste sentido, vale citar Durand (2008), quando diz que na astrologia o mundo planetário, o mundo geográfico da localização, das configurações, vem a ser um todo: o psiquismo, a saúde ou a doença do homem. Um determinado acontecimento humano (particularmente a hora do nascimento) liga-se na posição do zodíaco à sua natureza elementar. Assim, o nascimento, para astrologia, é um fenômeno singular do ponto de vista cósmico.

No contexto da astrologia, a relação homem - cosmo é retomada constantemente. Há aqui uma espécie de união cósmica, ou seja, uma fusão do homem com o grande todo que é a natureza. Encontramos frequentemente, nas narrativas apreendidas, essa expressão da união cósmica representada pelo simbolismo da árvore.

O entrelaçamento entre o homem e o cosmo encontrado no presente mitema contraria um dos fundamentos da lógica moderna. Se na modernidade a visão dicotômica do mundo se baseava no paradigma positivista, (quer dizer, a natureza está aí para ser explorada, dominada, e homem deveria realizar tal tarefa), na pós-modernidade segundo Maffesoli (2003) o cosmo passa a ser visto como ser vivo, onde homem e natureza unem-se. Essa é uma das dimensões presentes na cultura, e como foi dito, trata-se de um traço mítico do mito de Dionísio.

A Terra-Mãe foi fecundada pelo raio do Deus do céu diz o mito, e dá a luz a um jovem Deus, cuja essência se confunde com a vida que surge das entranhas do solo. O tema do duplo nascimento permite, “por um lado salvaguardar o raio que outrora simbolizava a união do céu e da terra, por outro, realçar a situação de excepcional de um novo deus na descendência de Zeus” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2005, p. 340). Vemos, mais uma vez, que Dionísio é fruto do divino casamento entre o céu e a terra.

Numa imagem apreendida no Campo de pesquisa podemos observar esse aspecto de ligação entre as dimensões celestes e terrenas encontradas na mitologia.

Imagem 11- astrólogos enlaçados: ligação entre as dimensões macrocsmica e microcsmica



#### 4.5 Mitema: Empatia

Finalmente, chegamos ao mitema da empatia. Esse mitema também envolve o aspecto da ligação mútua: ao invés de me separar do outro, eu devo me 're-ligar'. Uma das dimensões vividas por nossos entrevistados é o compartilhamento, através da generosidade de espírito, da proximidade e da correspondência recíproca entre as pessoas. A astrologia possibilita não só uma interpretação sobre si mesmo, mas também sobre o outro. Trata-se de uma forma de lidar melhor com o outro. O outro é alguém com quem eu devo me ligar, com quem devo estar em sintonia.

O símbolo de Mercúrio vem constelar em torno deste mitema, e por isso mesmo este mitema possui uma característica importante, é o aspecto da comunicação. Aqui, mais uma vez, a ênfase recai sobre o aspecto da conciliação.

A ênfase aqui é no coletivo. O indivíduo tem pouca importância, pois, ele amplia-se no coletivo, numa comunidade dionisíaca. Na astrologia, o homem não é visto como algo isolado, autônomo, ele participa de um ambiente, de um cosmos.

Trata-se de uma maneira menos racionalista e mais afetiva de se comportar diante do outro. Através da vivência da astrologia é possível colocar-se no lugar do outro. Conforme Maffesoli (2005) essa é uma das dimensões do mito de Dioniso na cultura contemporânea. Pode ser a massa, a comunidade, a tribo ou o clã, pouco importa o termo empregado, pois a realidade designada é intangível; trata-se de um estar-junto grupal que privilegia o todo em relação aos seus diversos componentes. "Signos precursores, como a cultura dos sentimentos, a importância do afetual ou do emocional, aparecem enquanto elementos que tornam essa "grupalidade" especialmente pertinente" (MAFFESOLI, 2005 p. 153).

É com esta "cultura dos sentimentos" que os interessados na astrologia se identificam, fixando aí a concretude da comunidade, de um fazer parte. O presente mitema que dinamiza e caracteriza o tema da relação com o outro. Nessa perspectiva de que o grupal ultrapassa qualquer imagem da individualidade, o referido mitema repete-se de forma obsessiva durante todo o discurso: seria impossível imaginar a vivência da astrologia sem essa dimensão coletiva, leia-se a importância dada ao outro.

#### **4.6 Uma primeira avaliação:**

A partir das imagens encontradas nas narrativas do discurso astrológico, observamos que as constelações de imagens apesar de diferentes, convergem para a mesma direção, a temática é essa: A harmonização dos contrários. Trata-se, portanto, do Regime noturno do imaginário.

Nas falas e imagens apreendidas vemos por um lado a necessidade de ascender, pois o alto, a transcendência tem grande relevância nos discurso, por outro, a necessidade de vencer a morte e o tempo. As pessoas utilizam os símbolos da astrologia, quer dizer, as imagens que remetem à concepção cíclica do tempo e à harmonização das contradições. Trata-se da vontade sincrética de conciliação, de harmonização dos contrários através do drama mítico da morte e do renascimento. Esta dimensão está presente na organização de toda a narrativa.

Vemos com frequência que os discursos apreendidos põem em relevo dois aspectos simultâneos da realidade. Por um lado, a dimensão diurna e por outra a noturna. Aqui a ambiguidade das coisas vai ser percebida essencialmente.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O objetivo primeiro deste trabalho foi o de realizar um estudo sobre a vivência da astrologia no cotidiano e a importância da mesma no contexto recifense. Inicialmente, tivemos o intuito de compreender os significados dos símbolos astrológicos na vida de diversos interessados em astrologia.

Como a astrologia se apresenta e é vivida entre os recifenses? Quais os significados que os símbolos astrológicos manifestam nas relações interpessoais e na organização da vida cotidiana? Começamos nossa pesquisa com essas interrogações, e a partir de tais indagações decidimos penetrar no contexto da astrologia no Recife. Participamos de eventos, conhecemos astrólogos, dialogamos com estudantes de astrologia. O encontro com o campo de pesquisa não só possibilitou a apreensão das narrativas aqui analisadas, como também permitiu uma intensa troca de afeto com as pessoas do contexto estudado. Além disso, tentamos nos familiarizar com os símbolos e imagens da astrologia através do estudo dos mesmos.

Esta pesquisa marca também a reaproximação entre dois campos de saberes separados ao longo dos séculos. A academia Ocidental durante muito tempo adotou uma atitude de rejeição frente ao saber astrológico. Esse ceticismo diz respeito à atitude fragmentadora das ciências modernas; atitude explicitada por autores como Durand, Morin e Maffesoli, entre outros. Pudemos observar no decorrer do trabalho, que diversos autores do campo acadêmico vêm se debruçando sobre o fenômeno da astrologia no Ocidente.

Nosso campo de pesquisa mostrou-nos que a partir dos símbolos astrológicos a existência pode ser narrada de maneira metafórica. Essa maneira lúdica de falar da vida, de falar dos conflitos, das características pessoais, se apresenta no contexto em questão. É através do plano mítico e lúdico que se torna possível dar sentido as experiências de vida. Convém aqui citar Danielle Pitta quando diz: “o ser humano, assim constituído, atribui significados que vão além da funcionalidade dos atos ou objetos. E dar significados implica entrar no plano simbólico” (PITTA, 2005, p. 13).

São as casas astrológicas, os signos e os mitos que falam do homem e falam ao homem sobre seus amores, suas dúvidas e seus desafios.

Também falam da plularidade do eu. O eu aqui é multidimensional, abrangendo as dimensões do emocional, espiritual e mental, quer dizer, o homem é compreendido como um microcosmo plural.

A linguagem astrológica, diz Durand (2008), concede força 'divina' aos seus temas semânticos. Significa dizer que ao invés de dar uma resposta racional, os símbolos astrológicos manifestados na vivência cotidiana priorizam a decifração, a penetração e o sentido frente as experiências e incertezas da vida. A vivência da astrologia tal como pudemos observar é uma maneira de lidar com a angústia existencial. É uma maneira de enfrentar, de representar, de figurar o tempo e a morte.

A Mitocrítica possibilitou-nos a contextualização da vivência astrológica em um universo maior, em um universo da experiência cotidiana dos indivíduos que fizeram parte desse estudo. Através da análise do conteúdo pudemos concluir que estamos diante de uma estrutura sintética do imaginário. De acordo com Durand (2002), toda vontade sintética diz respeito ao equilíbrio dos contrários, através do drama mítico da morte e do renascimento. As dimensões de vida e de morte, ou seja, do renascimento, acompanham a narrativa dionisíaca. No mito de Dionísio um dos mitemas que evidencia o símbolo cíclico, que integra a estrutura sintética do imaginário, é o seu renascimento: foi um deus que nasceu duas vezes.

Vimos que três temas repetem-se obsessivamente: autoconhecimento, nascimento e relação com o outro. Os mitemas e símbolos que constelam em torno desses temas nos mostram que, por um lado o que está em jogo é vencer a angústia, ora com armas, ora com a dimensão mística.

Observamos que o tema do autoconhecimento foi o mais redundante. Esse tema constela tanto símbolos espetaculares, relativos à visão, quanto os símbolos cíclicos, ligados à permanência e ao movimento. Os símbolos espetaculares constelam em torno do mitema do herói em luta contra as potencias noturnas, e os cíclicos constelam em torno do mitema da Harmonização. Dessa forma, são evidenciados os contrários: por um lado o desejo da distinção por outro o desejo da harmonização.

No tema do nascimento vimos que o símbolo da árvore (faz a ligação do microcosmo ao macrocosmo) que constela o mitema do laço fazendo

menção à relação do homem com o cosmo. Através desse mitema foi evidenciado um desejo de ligação do homem com algo que transcende a si mesmo.

O tema da relação com o outro apresentou o símbolo de mercúrio, que enfatiza a comunicação. Esse símbolo constela em torno do mitema da empatia que põe em evidência a necessidade, o desejo de estar em sintonia com o outro.

Os temas que compõem a narrativa fazem parte do imaginário do contexto da astrologia no Recife. Através de todo o discurso (o conjunto de entrevistas) pudemos observar, que o que está evidenciado neste inconsciente coletivo é o declínio do indivíduo, a prevalência do estético e o trágico, que remetem novamente ao resurgimento de Dionísio na cultura. Dessa forma, é reforçada a marca dionisiaca na astrologia, na percepção de tragicidade e revalorização das forças naturais, do templo cíclico, contrariando o estoicismo moderno.

Aqui caberia responder a uma última questão: Como a dimensão trágica da vida convive com as ideias de livre-arbítrio e de auto-aprimotamento observadas no contexto pesquisado? Baseado em Pitta (2012), poderíamos dizer que na cultura brasileira predomina a estrutura sintética do imaginário. “A cultura brasileira cria uma realidade mítica, diferente em cada região, a partir das diversas mitologias de origem: ocidental, africana, indígena, e hoje também oriental, que já são, elas mesmas, resultado de complexos sincretismos” (PITTA, 2012, p. 20 ). Significa dizer que num país como o Brasil onde se priorizam o diálogo e a pluralidade, a contradição é se manifesta como uma constante. Na sociedade brasileira aspectos discordantes e contraditórios compõem o mesmo contexto. Vemos que liberdade e determinismo são noções que convivem simultaneamente no contexto estudado. Se por um lado o indivíduo tem a liberdade de escolher, de automelhorar, por outro esta sujeito aos ciclos cósmicos, aos trânsitos planetários. É assim que percebemos a dinâmica da astrologia no Recife.

Nessa vivência com a astrologia foi percebida a emergência de outros valores: a vida não é aqui concebida somente de maneira utilitária. Poder-se-ia falar aqui de uma saturação dos valores modernos, de uma busca por outra maneira de ser e viver o tempo que passa. Isso nos envia ao retorno dos orientes míticos que remetem aos poderes impessoais, o céu, o destino do homem. Dessa forma, observamos que as pessoas nesse contexto buscam então a força para resolver seus conflitos pela ligação com algo além de si mesmo, com o cosmo.

Poderíamos aqui falar de um reencantamento do mundo. Vemos que na vivência astrológica, o político e o produtivismo dão lugar ao lúdico e ao estético. E como já foi anteriormente, esta mudança de direção nos aponta para o ressurgimento do mito, do arcaico, como também da correspondência, na vida cotidiana.

O reencantamento do mundo estaria relacionado à “reimageficação” desse mundo. De acordo com Maffesoli (2003) um reencantamento que tem por cimento principal uma sensibilidade vivida em comum, uma revitalização dessa aura em que estamos mergulhados. O reencantamento do mundo é na verdade o reencantamento da existência. Trata-se da capacidade de superação das diversas dicotomias: teoria-prática, mente-paixão, natureza-cultura, material-espiritual. E é nesse sentido que deve ser compreendida a vinculação da astrologia com a noção de reencantamento do mundo. O sujeito da astrologia, tal como foi possível observar, é aquele que busca se ligar a um Si mais vasto (algo que o transcenda). Além disso, “O tempo cíclico, assim como o determinismo que está em jogo na astrologia, não são, certamente, individuais” (MAFFESOLI, 2003, p. 74). Apontam de alguma forma para uma religação com o Cosmo.

Finalmente, gostaria de colocar que esse trabalho é uma construção inacabada, nenhum trabalho antropológico é concluído definitivamente. Dessa forma, por mais que eu esteja tentando acabar ou fechar esse trabalho, ele sempre continuará acessível para novos debates e novas discussões que surgirem. O caminho da minha observação me permitiu perceber apenas o que a minha sensibilidade alcançou. Almejo que muitos outros trabalhos surjam em decorrência dessa primeira explanação da astrologia na vida dos Recifenses, promovendo pois, um movimento de conhecimento do sobre sua relevância na cultura local.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ADORNO, T. W. **As estrelas descem à Terra**. São Paulo, Editora da Unesp, 2008.

AGOSTINHO, S. **Confissões**. Coleção os pensadores. São Paulo: Nova cultura, 1999.

AMARAL, L. **Carnaval da alma: comunidade, essência e sincretismo na Nova Era**. Petrópolis: Vozes, 2000.

ARAUJO A. F. & FREITAS, M. J. **Um estudo Mitanalítico do (Des)envolvimento. Implicações Educacionais**. Actas do II Colóquio Internacional Antropologia do Imaginário e Educação do Envolvimento/Desenvolvimento. Recife: 2008.

ARROYO, S. **Astrologia, Psicologia e os Quatro Elementos**. São Paulo, Pensamento. 1986.

AVELAR E Ribeiro. **Tratado das Esferas: Um guia prático da tradição astrológica**. Portugal: Editora Pergaminho. 2007.

BACHELARD, G. **O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento**. São Paulo, Martins fontes. 2001.

\_\_\_\_\_, G. **A intuição do instante**. São Paulo: Verus Editora, 2007.

\_\_\_\_\_, G. **.A poética do Devaneio**. São Paulo. : Ed. Martins Fontes, 2001.

BADIA, D. D.: **Imaginário e Ação Cultural** - UEL – 1999.

BALANDIER, G. **Desordem: elogio do movimento**, Bertrant Brasil, Rio de Janeiro. 1997.

BARBAULT, A. Da **Psicanálise a Astrologia**. **Porto Alegre**: Editora Kuarup, 1993.

BARBAULT, A. **Introdução à astrologia**. Rio de Janeiro. Ed. Nova Fronteira, 1987.

BARBOSA, E. **Bachelard: pedagogia da razão, pedagogia da imaginação** Petrópolis, Rj: Vozes, 2004.

BASTIDE, R. **Antropologia Aplicada**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.

BORGES, J.L. **O outro, o mesmo**. São Paulo: Companhia da letras, 2009.

BRANDÃO, J. S. **Mitologia Grega, volume I**, Petrópolis, Vozes, 1986, p.120

- BUZZI, A. R. **Introdução ao pensar**. . Petrópolis, Rj: Vozes, 1983.
- CARDOSO, P. **Mar Portuguez e a simbólica da torre de Belém**. Lisboa: Editorial Estampa, 1991.
- CARVALHO, E. A. **Enigmas da Cultura**. São Paulo: Cortez, 2003.
- CASSIRER, E. **Linguagem e Mito**. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- CHEVALIER, J./GHEERBRANT, A.– **Dicionário de Símbolos**. José Olympio Editora, 1982.
- DURAND, G. **Ciência do Homem e Tradição: o novo espírito antropológico**. São Paulo: Triom, 2008.
- \_\_\_\_\_, G. **As estruturas antropológicas do imaginário: Introdução à arquetipologia geral**. S. Paulo: Martins Fontes, 2002.
- \_\_\_\_\_, G. **A imaginação simbólica**. São Paulo: Perspectiva do homem, 1993.
- \_\_\_\_\_, G. **A fé do sapateiro**. Brasília: EDUnB, 1995.
- \_\_\_\_\_, G. **O imaginário: ensaio acerca da ciência e da filosofia da imagem**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2004
- ELIADE, M. **O sagrado e o profano**. A essência das religiões: São Paulo, Martins Fontes, 1999.
- \_\_\_\_\_, M. **Ocultismo Bruxaria e Correntes Culturais: ensaios em religião comparada**. Belo Horizonte: Interlivros, 1979.
- \_\_\_\_\_, M. **Tratado de história das religiões**. São Paulo, Martins fontes. 2008.
- \_\_\_\_\_, M. **Mito do Eterno Retorno**. São Paulo: Mercuryo, 1992.
- \_\_\_\_\_, M. **Images and Symbols: Studies in Religious Symbolism**. Princeton: Princeton University Press, 1991.
- \_\_\_\_\_, M., **Mito e Realidade**. São Paulo, Perspectiva. 1991.
- ERIKSEN, T. H. & NIELSEN, F. S. **História da antropologia**. Petrópolis: Vozes, 2007.

FERREIRA SANTOS, Marcos (2006). **Oikós: topofilia, ancestralidade e ecossistema arquetípico**. Anais do XIV Ciclo de Estudos sobre o Imaginário – Congresso Internacional: As dimensões imaginárias da natureza. Recife: UFPE/Associação Ylê Setí, pp.41-71.

GADAMER, H. **Hermenêutica em retrospectiva**. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

GEERTZ, C. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOFFMAN, E. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Trad. Petrópolis: Vozes, 1985.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro/ São Paulo: Record. 1997.

GROSSI, M. P. (1992) **Na busca do "outro" encontra-se a "si mesmo"**. In: Grossi, M.P. (org.) Trabalho de Campo e Subjetividade 1 . Florianópolis: Programa de Pós Graduação em Antropologia Social/UFSC, p. 7-18.

GUENON, R. **A crise do mundo moderno**. Lisboa, Editorial Vega, 1977.

GUTTMAN, A; JOHNSON, K; **Astrologia e mitologia: seus arquétipos e a linguagem dos símbolos**. São Paulo: Madras, 2005.

GUZMÁN, D. **O caráter segundo os astros**. São Paulo: Nova Acrópole, 2005.

HILLMAN, J. **O código do ser - Uma busca do caráter e da vocação pessoal**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

\_\_\_\_\_, J. **Psicologia arquetípica** - um breve relato. São Paulo. Cultrix, 1992.

HOPCKE, Robert H. **Guia para a obra Completa** de C.G. Jung. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

HUTIN, S. **A história da astrologia**. Coleção esfinge. Edições 70, 1970.

JOUBERT, S. **“Viagem ao centro do politeísmo: O caso da astrologia”**. Policopiado. 2011.

JUNG, C. G., **Memórias, Sonhos e reflexões**. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 2005 (2003). (1957-1960)

\_\_\_\_\_, C. G. **O segredo da flor de ouro: Um livro de vida Chinês**. Petrópolis RJ,

Vozes. 2001.

\_\_\_\_\_, C. G. **A Dinâmica do Inconsciente**, Obras Completas de C. G. Jung, Vol. VIII, Editora Vozes. 1984.

\_\_\_\_\_, C. G. **O Homem e seus Símbolos**. São Paulo. Ed. Nova Fronteira. 9 edição. 2008.

KUPER, A. **A reinvenção da sociedade primitiva**. Transformações de um mito, Recife, Ed. UFPE. 2008.

LABURTHE & TOLRA. **Etnologia/Antropologia**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997

LÉVI-STRAUSS, C. **O pensamento Selvagem**. Papirus. São Paulo. 2008.

\_\_\_\_\_, C. **Antropologia Estrutural**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

LIMA JR. **Saber do céu: Contribuições para a Astrologia Tradicional**. Recife: Bagaço. 1996.

MAFFESOLI, M. **O conhecimento comum**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

\_\_\_\_\_, M. **O instante eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas**. São Paulo: Zouk, 2003.

\_\_\_\_\_, M. **A parte do diabo**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

\_\_\_\_\_, M. **A Sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia**. São Paulo, Zouk. 2005.

\_\_\_\_\_, M. **Saturação** São Paulo: Iluminuras, 2010

\_\_\_\_\_, M. **A terra fértil do cotidiano**. In: Revista Famecos. Porto Alegre, nº 36, agosto, 2008. Acesso em: jun. 2010.

\_\_\_\_\_, M. **O ritmo da vida: variações sobre o imaginário pós-moderno**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

MATSUMIYA, **Espiritualidade e Natureza em Alto Paraíso de Goiás: relação, valores e mudanças por uma sobrevivência sustentável**. Goiás: Universidade Federal de Goiás 2005: Disponível em:

<[http://www.bdtd.ufpe.br/tedeSimplificado//tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=99](http://www.bdtd.ufpe.br/tedeSimplificado//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=99)>

Acessado em jun. 2011.

MORIN, E; DÉFRANCE, P; FISCHLER, C; PETROSSIAN, L. **O retorno dos astrólogos: diagnóstico sociológico**. Lisboa: Moraes, 1972.

MORIN, E. **Meu caminho**. Rio de Janeiro, Bertrand/Brasil, 2012.

\_\_\_\_\_, E. **O método I**. Porto Alegre: Sulina, 2008..

\_\_\_\_\_, E. **Para onde vai o mundo?** Petrópolis, Rj: vozes,2010.

MONDIN, B. **Introdução à filosofia**. São Paulo: Paulus, 2010.

NANCY, M. U. **O mundo é oracular para aquele que se põe à sua escuta**. Policopiado. 2009. Disponível em: [http://www.ida.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=152:o-mundo-e-oracular-para-aquele-que-se-poe-a-sua-escuta&catid=52:sociedade&Itemid=18](http://www.ida.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=152:o-mundo-e-oracular-para-aquele-que-se-poe-a-sua-escuta&catid=52:sociedade&Itemid=18). Acessado em maio de 2012.

NEVES, J. **Reflexões sobre a Ciência do Imaginário e as contribuições de Durand: um olhar iniciante**. In: Revista Unir. Rondônia, n°2- Julho – Setembro, 2001.

NOGUEIRA, M. A. L. **Almanaque Toda a Oficina da Vida**. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2008.

OLIVEN, R. G. **A antropologia de grupos urbanos**. Petrópolis, Rj: Vozes, 2007.

PAULA CARVALHO, J. C.: **Imaginário e Metodologia: hermenêutica dos símbolos e histórias de vida** - UEL – 1998.

PESSOA, F. **Obra Poética**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguiar S.A., 1976.

PETER L. B., THOMAS L. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno**. Petrópolis, Rj: Vozes, 2004.

PITTA, D. P. R. **Iniciação à Teoria do Imaginário de Gilbert Durand**. Rio de Janeiro: Editora Atlântica, 2005.

\_\_\_\_\_, D. P. R. **Imaginário, Cultura e Comunicação** – Método do Imaginário: No prelo. 1995.

\_\_\_\_\_, D. P. R. **Ritmos do imaginário**. Recife: Editora Universitária UFPE, 2005.

\_\_\_\_\_, D. P. R. **As dimensões imaginárias da natureza**. O Ciclo de estudos sobre o imaginário. Recife, 2006 (mimeo.)

\_\_\_\_\_, D. P. R. **Imaginário e dinâmicas do segredo**. O ciclo de estudos sobre o imaginário. Recife, 2011.

PRIGOGINE, Y. **O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza**. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: UNESP; Editora ABDR, 1996.

SANTOS M. F. **Crepúsculo: conferências sobre mitohermenêutica e educação em Euskadi**. São Paulo: Zouk, 2005.

SCHELER, M. **A posição do homem no Cosmos**. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2003.

SILVEIRA, N. **Jung: Vida e obra**. Rio de Janeiro: Paz e Teraa, 1997.

SIMMEL, G. **As grandes cidades e a vida do espírito** (1903). *Mana* [online]. 2005, vol.11, n.2, pp. 577-591. ISSN 0104-9313. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132005000200010>.

SIMMEL, G. **Questões fundamentais da Sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

SODRÉ, M. **Reinventando @ cultura**. Petrópolis: Vozes, 1996.

SUASSUNA, A. **O Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta**. Rio de Janeiro: José Olympo, 1971.

TARNAS, R. **A epopeia do pensamento ocidental**. Rio de Janeiro: Bertrand/Brasil 1999.

TESSIER, É. **L'homme d'aujourd'hui et les astres: fascination et rejet**. Paris: Plon, 2001.

TORNQUIST, C. S. **Humanização do parto: entrevista com Robbie Davis-Floyd**. *Rev. Estud. Fem.* [online]. 2002, vol.10, n.2, pp. 389-397. ISSN 0104-026X. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2002000200008>.

TEXEIRA, M. C. & ARAÚJO, A. F. **Gilbert Durand: imaginário e educação**. Niterói: Editora Intertexto, 2011.

VELHO, G. **A utopia urbana: um estudo de antropologia social**. Rio de Janeiro: Jorge

Zahar, 2002.

VICHETTI, S. M. P. **Psicologia Social e Imaginário**. São Paulo. Zangodoni, 2012.

VILHENA, L. R. **O Mundo da Astrologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

VIRGÍLIO. **Eneida**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

WEBER, M. **Ensayos sobre sociología de la religión**. Madrid: Taurus, 1987. v. 1.

WUNENBURGER J. J. **O imaginário**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

**ANEXOS**

## ANEXO I

### Roteiro de entrevista

#### **I-Dimensões gerais da entrevista:**

Nome:

Nome do coordenador da pesquisa:

Idade:

Escolaridade:

Sexo:

#### **Pontos observados:**

Se a astrologia é vivenciada mais pelo ponto de vista individual ou coletivo.

Quem são as pessoas que procuram os astrólogos.

Como as pessoas não astrólogas compreende a tarefa dos astrólogos.

Eventos e cursos relacionados à astrologia.

Atendimento nos consultórios astrológicos.

Revistas virtuais sobre astrologia.

#### **II- Questões:**

Como você teve contato com a astrologia?

Como você vivência astrologia no dia-dia?

Quais os motivos o levaram a procurar a astrologia?

O que você descobriu com a astrologia?

Você já fez a leitura do mapa do céu? O que achou?

Você participa de alguma escola ou grupo de estudo de astrologia?

O que você acha da astrologia tradicional?

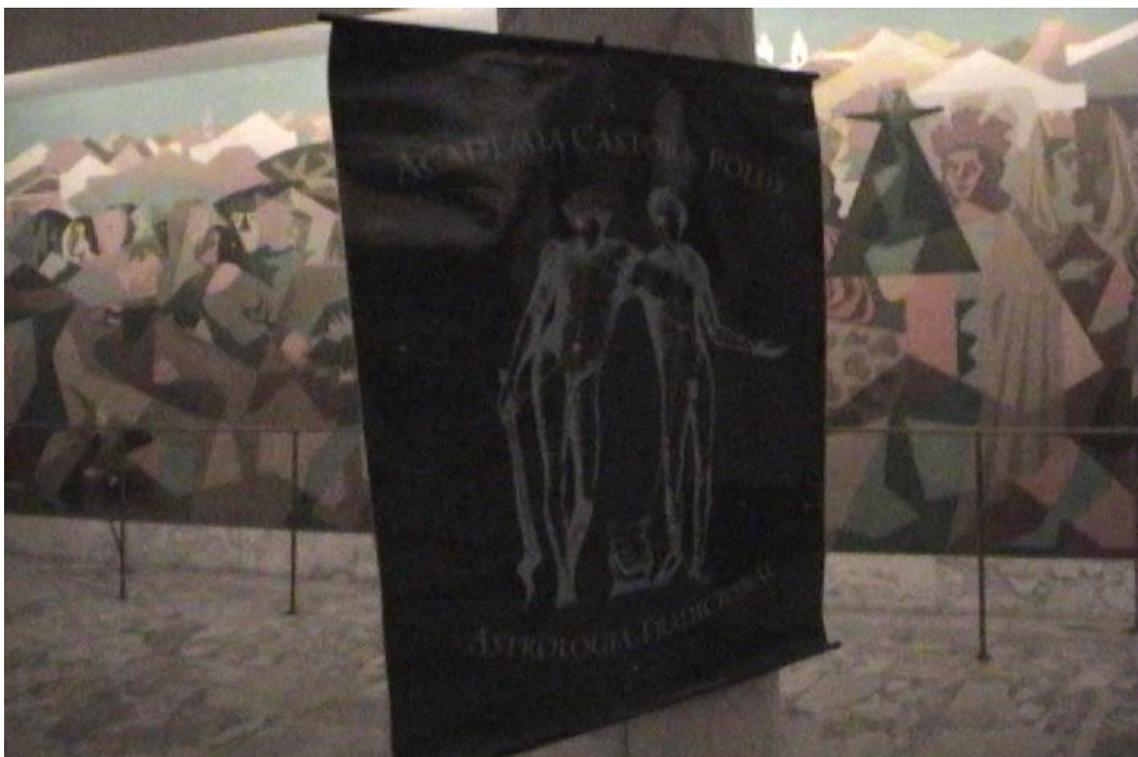
## ANEXO II

Fotos do aniversário da Academia Castor & Polux em 2011.



### ANEXO III

Fotos do Stellium, evento realizado pela Academia Castor & Polux em 2012 no cine São Luiz, Recife.



Fotos da Palestra intitulada: O belo pede passagem, proferida pelo astrólogo Eduardo Maia.



## ANEXO IV

Fotos da sala de estudos cosmológicos Luzes do Céu (Recife, 2012).

